

Macau 澳門

Ano Novo Chinês
AS PREVISÕES
PARA 2014

Hong Kong
GUIA COMPLETO DE
INVESTIMENTO

Perfil
VIDA E OBRA DE
AMÉLIA ANTÓNIO

BISCOITOS DE OURO

*A história do homem que inventou
o souvenir de Macau*

Momentos Surpreendentes

*Uma variedade de eventos de craveira mundial
durante todo o ano atrai um público global e
proporciona-lhe surpresas em todos os momentos.*



MOMENTOS MEMORÁVEIS

SENTIR **MACAU**



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADEGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, n° 762 a 804
Edif. China Plaza, 15° andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**Delta Edições, Lda.
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601**EDITOR**

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Rita Ferreira

KauTim - Productive Creations, Ltd

COORDENAÇÃO DE MARKETING

Marta Vaz Silva

COLABORAM NESTA EDIÇÃO:**Texto:** António Caeiro (Pequim), Diana do Mar,
Fernanda Ramone (Brasil), Filipa Queiroz, José
Simões Morais, Luciana Leitão, Margarida Saraiva,
Mónica Menezes, Nuno G. Pereira, Patricia Lemos,
Tiago Quadros e Vera Penêda (Pequim)**Fotografia:** Fabiano Zig (Brasil), Gonçalo Lobo
Pinheiro, José Simões Morais e Paulo Cordeiro**TRADUÇÃO:** Cecília Lin**FOTOGRAFIA DA CAPA:** Gonçalo Lobo Pinheiro**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial “First International”
14° andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

IMPRESSÃO: Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL****ÂNGOLA:** AOA 2,620.00 | **BRASIL:** BRL 56.00**CABO VERDE:** CVE 2,459.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,634.00**MACAU:** MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 771.00**PORTUGAL:** EUR 22.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 546,445.00**TIMOR-LESTE:** USD 28.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 35.00

Macau 澳門



A edição número 36 da revista MACAU, na sua IV série, aparece com um novo cabeçalho, o que visa uniformizar a imagem da revista nas suas três versões: a chinesa, a portuguesa e a inglesa.

A revista MACAU começou a ser editada em língua portuguesa pelo Gabinete de Comunicação Social em 1987, ou seja, há

cerca de 27 anos.

A sua produção foi adjudicada à editora Livros do Oriente em 1992, iniciando-se então a II série da edição portuguesa. A revista passou a ter edições em inglês e, mais tarde, em chinês, situação que se manteve até aos dias de hoje. A IV série da revista MACAU em português iniciou-se em 2005, já com um novo adjudicatário, a Delta Edições, tendo como enfoque principal a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa. A divulgação das políticas do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) e a abordagem de temas relativos às comunidades que aqui vivem e à cultura chinesa também têm merecido uma atenção especial.

Neste número, entre outros assuntos, fazemos uma breve apresentação da Região Administrativa Especial de Hong Kong, situada a uma hora de viagem de Macau. Trata-se de uma das mais importantes praças financeiras do mundo e outra das portas de entrada para o Interior da China. Estar em Macau é, entre outras vantagens, estar perto de Hong Kong e usufruir dessa proximidade.

Por outro lado, analisamos as vantagens que cada uma das regiões administrativas especiais oferece e da maneira como elas podem ser o complemento uma da outra para as empresas lusófonas no seu relacionamento com o mercado chinês.

LUÍS ORTET

ÍNDICE

VIDAS DE MÉRITO p.8

Os condecorados de 2013 pelo Governo da RAEM

MACAU – UNIÃO EUROPEIA p.10

Parceria estratégica de duas décadas

Diana do Mar

35 ANOS DE RELAÇÕES PORTUGAL-CHINA p.16

Os frutos da reconciliação

António Caeiro

FÓRUM MACAU: CABO VERDE p.22

As expectativas e os benefícios

Nuno G. Pereira

KOI KEI: A PADARIA DE MACAU p.28

Os biscoitos de amêndoa que transformaram o turismo

Cecília Lin

GRANDES EMPRESAS: HOVIONE p.34

Na liderança da inovação com talentos locais

Nuno G. Pereira

GUIA DE INVESTIMENTO: HONG KONG p.40

As oportunidades e as facilidades para criar empresas

Patrícia Lemos

FUTSAL FEMININO NA CHINA p.48

Sotaque português nos treinos

Vera Penêda

PERFIL: AMÉLIA ANTÓNIO p.54

A vida e obra da líder da comunidade portuguesa

Diana do Mar

HISTÓRIA: MARTA DA SILVA VAN MIEROP p.64

A órfã que deu tudo aos pobres

Patrícia Lemos

SOCIEDADE: SANTA CASA DA MISERICÓRDIA p.71

Loja social completa um ano de vida

Patrícia Lemos

BAIRROS: HORTA DA MITRA p.76

O Jardim dos Passarinhos da cidade

José Simões Morais

GASTRONOMIA: DIM-SUM EM LISBOA p.84

Comida cantonense invade a capital

Mónica Menezes

ANO DO CAVALO: AS PREVISÕES p.94

O que dizem os almanaques para 2014

ANO DA CHINA NO BRASIL p.102

Partilha cultural ganha força

Fernanda Ramone

ARQUITECTURA: CASA DE LOU KAU p.108

O valor simbólico das estruturas

Tiago Quadros e Margarida Saraiva

TRADUÇÃO: POR OUTRAS PALAVRAS p.114

Académicas locais traduzem grandes obras

Filipa Queiroz

MEMÓRIAS: BAIRRO DO FAI CHI KEI p.128

A transformação

Aconteceu p.4

Espectáculos p.122

Exposições p.124

Livros p.126

O DOCE TRIUNFO DE LEONG

Como um empreendedor de Macau passou de vendedor ambulante a magnata do apetitoso mercado local de recordações, à frente da rede de pastelarias Koi Kei. Em 2011, um estudo da Universidade de Macau calculou que a rede de pastelarias Koi Kei facturava 70 por cento do mercado de *souvenirs* em Macau.
p. 28

ENCONTRO NO DELTA

Abrir uma empresa na RAEHK é entrar pela porta-mor do comércio com a China e a Ásia. Hong Kong tem tudo para oferecer e as feiras são o maior atractivo para os empresários dos países de língua portuguesa. Morada de poucas grandes empresas brasileiras e portuguesas, a RAEHK está curiosa neste mercado de 250 milhões de pessoas e quer lucrar com a relação especial entre Macau e a lusofonia.
p. 40

O ANO DO CAVALO

O signo do Cavalo simboliza a energia e o entusiasmo. Uma maneira de ser simples, sincera e algo emocional. Sendo um símbolo da viagem e de transporte rápido, significa o sucesso rápido (as pessoas são transportadas em pouco tempo em direcção ao seu destino). Os nascidos sob a sua égide são sociáveis e gostam de ser o centro das atenções. No Ano do Cavalo, veja o que os almanaques chineses reservam para o seu signo.
p. 94

MACAU NA VANGUARDA DA INOVAÇÃO

Numa região onde falar da força da economia é abordar turismo e actividades relacionadas, uma empresa como a Hovione Macau passa despercebida. Porém, é dos melhores exemplos da diversidade económica local com desempenho de alto nível – produz princípios activos para multinacionais farmacêuticas e companhias de biotecnologia.
p. 34

* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.

博士翻譯

旗下第二個CAT產品



博士 中葡法律通

BOSS Chinês-Português Leis

BOSS Chinese-Portuguese Laws

雙語法律支援平臺

Boss Translation Company Limited

Floor 7, The Macau Square, Av. Infante D. Henrique, 43-53 A, Macau

TEL: (853)2883-5731 Fax: (853)2871-5561

E-mail: Info@Boss.mo www.Boss.mo

Designed by Circle i Studio | www.circleistudio.com



DESFILE DA TRANSFERÊNCIA ENCHE RUAS DE MACAU

A terceira edição do “Desfile por Macau, Cidade Latina”, para assinalar o 14.º aniversário da transferência de administração, contou com um orçamento de 16 milhões de patacas (mais dois milhões do que no ano passado) e levou milhares de residentes e turistas às ruas. O percurso do cortejo, que começou nas escadarias das Ruínas de São Paulo e terminou na praça do Tap Seac, contou com mais de 2000 participantes de 20 países e regiões de “línguas latinas”: Portugal, Espanha, França, Itália, Peru, Bolívia, Brasil, Argentina e Colômbia.

GOVERNO AUMENTA ORÇAMENTO PARA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

O Governo vai investir este ano 170 milhões de patacas no apoio a projectos de ciência e tecnologia. O Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e Tecnologia (FDCT) tinha, em 2013, 140 milhões para distribuir – acabou por dar subsídios no valor de 101 milhões de patacas, que vão ser entregues ao longo de três anos. A maioria dos projectos apoiados é da Universidade de Macau e da Universidade de Ciência e Tecnologia, que apresentaram propostas sobretudo na área da medicina tradicional chinesa.



96.959

MILHÕES DE PATACAS É O MAIOR SALDO ORÇAMENTAL POSITIVO DE SEMPRE DO GOVERNO DE MACAU, REGISTRADO EM NOVEMBRO DE 2013



10.930

ESTABELECIMENTOS DE COMÉRCIO POR GROSSO E RETALHO REGISTRADOS EM 2012



170

MILHÕES DE PATACAS É O TOTAL DE APOIOS DISTRIBUÍDOS EM 2013 PELO FUNDO PARA A PROTECÇÃO AMBIENTAL E A CONSERVAÇÃO ENERGÉTICA



SALES MARQUES É O NOVO PRESIDENTE DAS COMUNIDADES MACAENSES

José Luís Sales Marques foi eleito, a 3 de Dezembro, presidente do Conselho Permanente das Comunidades Macaenses, posto antes ocupado por José Manuel Rodrigues. A votação decorreu durante o VI Encontro dos Macaenses e contou com a participação das Casas de Macau espalhadas pelo mundo e pelas associações macaenses de Macau. Para Sales Marques, um dos maiores desafios é a promoção da identidade macaense pelo mundo e os seus esforços irão concentrar-se sobretudo nesta área.

JORGE ÁLVARES RELEMBRADO POR RESIDENTES PORTUGUESES

Um grupo de residentes portugueses de Macau assinalou em Dezembro os 500 anos da chegada de Jorge Álvares à costa do Sul da China, com uma pequena cerimónia ao redor da estátua do navegador no centro da cidade. A chegada de Jorge Álvares, em 1513, à ilha de Lin Tin é considerada como o início das relações entre Portugal e a China. A sua estátua ocupa um espaço de referência no centro de Macau, sendo alvo da curiosidade dos turistas que aproveitam para tirar fotografias ao lado do monumento, que apenas tem inscrições em português.



ACONTECEU



BALANÇO POSITIVO DE QUATRO ANOS DE GOVERNO

O Chefe do Executivo de Macau fez em Dezembro um balanço positivo dos primeiros quatro anos do seu mandato, mas reconheceu existirem "insuficiências" nas diversas áreas governativas que prometeu enfrentar. No balanço da acção governativa na recepção que marcou o 14.º aniversário de Macau como Região Administrativa Especial da China, Chui Sai On lembrou que foram iniciados os "trabalhos de construção gradual dos mecanismos eficientes de longo prazo nas quatro grandes áreas, nomeadamente o ensino, a segurança social, os serviços médicos e a habitação". Para 2014, Chui Sai On quer melhorar a qualidade dos serviços prestados, enriquecer a oferta turística, alargar o leque de visitantes e reforçar a promoção de um turismo multidestinos a nível regional acelerando a "construção de Macau como Centro Mundial de Turismo e Lazer" preconizado pelo Governo Central.

RESTAURANTE PORTUGUÊS NO GUIA TATLER DE HONG KONG

O restaurante português "Guincho a Galera", localizado no Hotel Lisboa em Macau, voltou a surgir na lista dos 20 melhores restaurantes para 2014 de Hong Kong e Macau publicado na revista *Tatler*. Aberto desde Janeiro de 2012, o "Guincho a Galera" deriva do restaurante Fortaleza do Guincho, e surge este ano no 20.º lugar depois de no guia de 2013 ter ocupado o 14.º lugar, mas é o único de cozinha portuguesa na lista que voltou a ser liderada pelo restaurante "Amber" de Hong Kong.



CÔNSUL DISTINGUIDO POR JOVENS EMPRESÁRIOS

A Associação de Jovens Empresários Portugal-China (AJEPC) criou o "Prémio Personalidade Luso-Chinesa 2013", decidindo atribuir em Dezembro o primeiro galardão ao cônsul-geral de Portugal em Macau, Vítor Sereno. Segundo a direcção da associação, o cônsul português tem desenvolvido de forma inovadora as relações entre Portugal e China, com a captação de investimentos especialmente ligados aos vistos dourados do governo português.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA QUER MILHARES DE ALUNOS CHINESES

A Universidade de Coimbra pretende aumentar o número de alunos chineses, com a entrada em vigor do estatuto do estudante internacional. Neste ano lectivo, há cerca de 100 alunos chineses matriculados na instituição, mas o reitor, João Gabriel Silva, espera que no futuro possa ter milhares, já que os alunos internacionais que as universidades portuguesas poderão seleccionar ao abrigo do novo programa terão de ser de fora da União Europeia. Coimbra definiu como estratégia a captação daqueles em países de língua portuguesa e na China.

GUIA MICHELIN DÁ 3 ESTRELAS A DOIS RESTAURANTES DE MACAU

O Guia Michelin 2014 distingue dois restaurantes de Macau com três estrelas, dois com duas estrelas e sete com uma estrela depois de avaliar 56 restaurantes na cidade. O guia mantém a classificação máxima para o "Robuchon ao Dôme", com a assinatura do chefe francês Joël Robuchon, e que este ano passa a ter a companhia do "The Eight", ambos no Hotel Grand Lisboa. Com duas estrelas, ficaram os restaurantes "Golden Flower", no hotel Wynn Macau, e "Zi Yat Heen", no hotel Four Seasons. Já com uma estrela, há quatro novas entradas: "Jade Dragon", no City of Dreams, "King", na torre AIA, "The Golden Peacock", no Venetian, e "The Kitchen", no Grand Lisboa e mantém a distinção ao "The Tasting Room by Galliot", no City of Dreams, "Tim's Kitchen", no Grand Lisboa, e Wing Lei, no Wynn Macau.

ACONTECEU

IIM RECORDA DEOLINDA DA CONCEIÇÃO

O Instituto Internacional de Macau (IIM) assinalou em Novembro o centenário de Deolinda da Conceição, com intervenções de Fernando Sales Lopes, Maria Antónia Espadinha e do filho da jornalista, António Conceição Júnior. Escritora, jornalista e cidadã interventiva, Deolinda da Conceição é considerada “uma mulher à frente do seu tempo”, que lutou contra o preconceito numa sociedade conservadora. Deolinda morreu em 1957 aos 43 anos e deixou como legado a obra Cheong Sam: *A Cabaia*, um livro de contos centrado na condição da mulher em Macau.

AUTORIZADA IMPORTAÇÃO DE TRABALHADORES DOMÉSTICOS DA CHINA

O Gabinete para os Recursos Humanos informou em Novembro que o Governo Central já autorizou, a título experimental, a vinda para Macau de trabalhadores provenientes do Interior da China e destinados à prestação de serviço doméstico. Inicialmente, estão previstas 300 vagas, das quais 200 são para trabalhadores oriundos da província de Guangdong e 100 da província de Fujian. Os critérios para a autorização são os mesmos que actualmente vigoram para a contratação de trabalhadores para a prestação de serviço doméstico, devendo o alojamento ser assegurado pelo empregador no local de trabalho do trabalhador não residente.



ANGELA LEONG CONSIDERADA EMPRESÁRIA DO ANO

Angela Leong recebeu o prémio de Empresária do Ano na primeira edição dos “Business Awards” organizados pela associação dos leitores da revista *Macau Business*. Nesta edição foram distinguidas nove personalidades, empresas ou instituições seleccionadas entre 140 candidatos. O vice-presidente da marca hoteleira francesa Sofitel para a Grande China, Michel Molliet, foi distinguido com o prémio de Liderança. Norris Man, presidente do grupo Centroid, que gere os *franchising* de marcas como a Subway e Dairy Queen em Macau, foi considerado o Jovem Empresário do ano. Já U Seng Pan, professor do departamento de computação e ciências informáticas da Universidade de Macau, recebeu o prémio de Investigação. Na categoria Inovação e de Desempenho Ambiental a distinção foi para a empresa Macau Pass, quanto à categoria Responsabilidade Social a vencedora foi a Melco Crown Entertainment. A Chessman Entertainment Production recebeu o prémio de Pequena e Média Empresa do Ano.

GOVERNO PORTUGUÊS DOA LIVROS ÀS ESCOLAS LUSO-CHINESAS

O governo português distribuiu em Dezembro livros pelas escolas luso-chinesas, numa iniciativa levada a cabo pelo secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Cesário, no âmbito do programa “Luso Talentos”. De acordo com José Cesário, este “é o maior programa de incentivo à leitura e de aquisição de livros de autores portugueses que alguma vez foi feito em Portugal a nível de crianças e público jovem. Traduz-se na aquisição de mais de 20 mil livros.” A iniciativa será realizada em todo o mundo, com a oferta de 700 minibiibliotecas.

DIANA DO MAR VENCE PRÉMIO DA FUNDAÇÃO ORIENTE

A jornalista Diana do Mar, da Agência Lusa e colaboradora da MACAU, foi a vencedora da edição 2013 do Prémio Macau Reportagem atribuído pela Fundação Oriente, no valor de 50 mil patacas. O trabalho premiado foi a reportagem “Mundos de papelão”, publicada no Jornal Tribuna de Macau em 21 de Abril de 2011, devido “ao interesse do tema escolhido, o qual se debruça sobre uma dura e mal remunerada profissão de Macau [colector de lixo nas ruas], de que pouco se fala, evidenciando as dificuldades do ser humano na execução desta tarefa”.

MACAU COM BONS RESULTADOS NO PISA

Macau passou com distinção no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) em que participaram 65 países e regiões. As classificações de Macau estão acima das registadas no último programa, em 2009. Em 2013, o programa teve como foco a matemática e Macau somou 538 pontos, mais 13 do que em 2009, e acima da média de 500 estabelecida pela OCDE. No campo das ciências, os estudantes de Macau conseguiram 521 pontos, contra os 511 de 2009. Foi na leitura que o território conseguiu melhorias mais acentuadas. A RAEM passa de 487 pontos, em 2009, para 509 pontos. Participaram no exame 45 escolas e 5397 mil alunos de 15 anos, incluindo a Escola Portuguesa.

PLANOS PARA VIAS PEDONAIS NO CENTRO DA CIDADE

O Governo está a planear construir uma série de vias pedonais no centro da cidade, com novas passagens aéreas e subterrâneas para melhorar a mobilidade urbana, de acordo com a apresentação dos planos feita em Novembro na Assembleia Legislativa, pelo secretário para os Transportes e Obras Públicas, Lau Si Io. O Governo da RAEM quer que as pessoas andem mais a pé e para tal vai avançar para a construção, por exemplo, de um elevador entre o ZAPE e a Colina da Guia, uma passagem subterrânea de acesso ao Edifício do Antigo Tribunal da Praia Grande, assim como outros túneis para evitar o congestionamento de trânsito.

ORÇAMENTO PARA 2014

MOP 153.619 milhões

Receita da Administração (+14%)

MOP 115.500 milhões

Imposto especial sobre o jogo (+35%)

MOP 77.611 milhões

Gastos globais da Administração (-6%)

MOP 76.007 milhões

Saldo positivo previsto para 2014

MOP 1.979 milhões

Receita a menos a ser recebida devido a redução de impostos para residentes

QUADRO DE MARCIANO BAPTISTA DOADO PARA FUTURO MUSEU

Um quadro do pintor macaense Marciano Baptista foi doado à Associação dos Treze Hongs para a Promoção da Cultura e do Comércio de Macau, que pretende criar um museu no território. O quadro, pintado no século XIX e intitulado "A Lorcha", foi entregue formalmente pelo próprio bisneto do pintor, Filomeno Baptista, que se deslocou a Macau no âmbito de uma iniciativa promovida pelo Instituto Internacional de Macau (IIM), durante o Encontro das Comunidades Macaenses. A tela, que retrata a lorchas - embarcação com casco de estilo europeu e vela de tipo chinês - comandada pelo pai do pintor, permaneceu durante gerações na posse da família de Marciano Baptista, primeiro em Hong Kong e depois nos Estados Unidos. Recentemente foi enviada para Macau e daí seguiu para Pequim, para restauro num museu da Cidade Proibida.



MAIS DE 16 MILHÕES ARRECADADOS PARA FINS SOLIDÁRIOS

Cerca de 45 mil pessoas participaram em Dezembro na Marcha da Caridade da Associação de Beneficência dos Leitores do Jornal Ou Mun, numa iniciativa que recolheu cerca de 16 milhões de patacas em donativos para apoios sociais. O dinheiro angariado bateu recorde em comparação com as edições anteriores, assim como o número de participantes. A marcha foi liderada pela organização e por elementos do Governo, entre os quais o chefe do Executivo, e o dinheiro angariado servirá para o apoio à população mais desfavorecida.

Macau 澳門

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



delta edições

ONDE PODE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

Lisboa

Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Delegação Económica e Comercial de Macau

Av. 5 de Outubro, 115 – 4º
1069-204 Lisboa

BÉLGICA

Macao Economic and Trade Office to the E.U.

Avenue Louise, 480
1050 Bruxelles - Belgium

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São D'Somingos, 18-22
Tel: +(853) 28 556 442

Livraria S.Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 28 323 957

Plaza Cultural

Av. Conselheiro Ferreira de Almeida, 32

Café Caravela

Pátio do Comandante Mata e Oliveira, 29

Pizza & Companhia

Av. Ouvidor Arriaga, 79/79A

Jade Garden Magazines Stall

Av. da Praia Grande S/N

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 2,620.00 | BRASIL: BRL 56.00

CABO VERDE: CVE 2,459.00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 14,634.00

MACAU: MOP 100.00 | MOÇAMBIQUE: MZM 771.00

PORTUGAL: EUR 22.00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 546,445.00

TIMOR-LESTE: USD 28.00 | RESTO DO MUNDO: USD 35.00

www.revistamacau.com

Se deseja ser assinante da revista **MACAU** (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
Email: contacto@revistamacau.com Tel: +853 2832 3660 Fax: +853 2832 3601

NOME: _____

MORADA: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____

EMAIL: _____

Não inclui portes de correio.

VIDAS DE MÉRITO

Um total de 40 individualidades e instituições de Macau foram distinguidas com as medalhas e títulos honoríficos da Região Administrativa Especial de Macau, relativos a 2013, atribuídos pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On. Lau Cheok Va, ex-presidente da Assembleia Legislativa, recebeu a Medalha de Honra Grande Lótus, a mais alta distinção honorífica da RAEM.

PRIMEIRA FILA
DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Lui Va Long (Medalha de Mérito Profissional)
Leong Keng Seng (Medalha de Mérito Profissional)
Raimundo Arrais do Rosário (Medalha de Mérito Profissional)
Lei Sio Iok (Medalha de Honra Lótus de Prata)
Lau Cheok Va (Medalha de Honra Grande Lótus)
Ho Lai Cheng (Medalha de Honra Lótus de Ouro)
Jia Rui (Medalha de Honra Lótus de Prata)
Cheong Lok Tin (Medalha de Mérito Industrial e Comercial)
Lei Chi Fong (Medalha de Mérito Industrial e Comercial)
Si Tou Tek Lam (Medalha de Mérito Industrial e Comercial)



SEGUNDA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Ung Pui Kun (Medalha de Mérito Altruístico)
Instituto Português do Oriente, representado pelo director João Laurentino Neves (Medalha de Mérito Cultural)

Associação dos Calígrafos e Pintores Chineses "Yu Un" de Macau, representada pelo presidente Chui Sai Peng (Medalha de Mérito Cultural)

Dai Dingcheng (Medalha de Mérito Cultural)

Choi Sok I (Medalha de Mérito Educativo)

Vong Kuoc Ieng (Medalha de Mérito Educativo)

Yip Wai Ming Evelyn (Medalha de Mérito Educativo)

Chan Chi Kwan (Medalha de Mérito Educativo)

António José Neves da Conceição Coelho (Medalha de Mérito Turístico)

Comissão do Grande Prémio de Macau, representada pelo coordenador João Manuel Costa Antunes (Medalha de Mérito Turístico)

* OS CONDECORADOS DE 2013

Lau Cheok Va, sentado à esquerda do Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, recebeu a Medalha de Honra Grande Lótuse, e Ho Lai Cheng, à direita, foi distinguida com a Medalha de Honra Lótus de Ouro.

TERCEIRA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Liang Baijin (Medalha de Serviços Comunitários)

Lou Kan Sam (Medalha de Serviços Comunitários)

Maria Amélia António (Medalha de Serviços Comunitários)

Wong I Lin (Medalha de Dedicção)

Lam Wai Hou (Medalha de Dedicção)

Cheang Mui Leng (Medalha de Dedicção)

Serviços de Zonas Verdes e Jardins do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais,

representado pelo Membro do Conselho de Administração do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, Leong Kun Fong (Medalha de Dedicção)

Choi Tat Meng (Medalha de Mérito Desportivo)

Mak Chi Kun (Medalha de Mérito Desportivo)

Lau Hong Meng (Medalha de Mérito Desportivo)

QUARTA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Cai Aolong (Título Honorífico de Valor)

Liu Qing (Título Honorífico de Valor)

Feng Xiao (Título Honorífico de Valor)

Kuok Kin Hang (Título Honorífico de Valor)

Chong Ka Seng (Título Honorífico de Valor)

Iao Chon In (Título Honorífico de Valor)

Tan Chih Wei (Título Honorífico de Valor)

Wong Ka Fai (Título Honorífico de Valor)

Che Chon Seng (Título Honorífico de Valor)

Sam Weng Kan (Medalha de Serviços Comunitários)



UNIÃO EUROPEIA – MACAU

UMA PARCERIA ESTRATÉGICA COM POTENCIAL PARA EXPLORAR EM PLENO

Parceiros estratégicos, desde a primeira hora, nos bons e maus momentos. A União Europeia (UE) e Macau celebraram os 20 anos de uma relação “muito produtiva”, mas ainda com margem, e sobretudo potencial, para explorar. No horizonte, perfilam-se “grandes possibilidades” passíveis de levar a cooperação a galgar as áreas tradicionais e a abraçar novas como o ambiente

Texto **Diana do Mar**

Do comércio ao investimento, passando pela cooperação em áreas como o Direito e Tradução, a União Europeia (UE) e Macau têm vindo a trilhar um caminho lado a lado desde que se uniram numa estratégica parceria há duas décadas. No futuro, além de a reforçar, ficou a vontade mútua de a alargar, com Bruxelas a abrir a porta à colaboração no plano da formação e da transferência de tecnologia ao nível do ambiente.



A intenção foi manifestada no quadro das celebrações do 20.º aniversário do Acordo de Comércio e Cooperação entre a UE e Macau, assinalado a 23 de Novembro de 2013, com a presença do presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso, o qual testemunhou a instituição formal da Câmara do Comércio Europeia de Macau e a assinatura do Acordo Horizontal de Serviços Aéreos entre o bloco dos 28 e Macau.

Firmado em 1992, o Acordo de Comércio e Cooperação, que entrou em vigor no ano seguinte, surgiu no período de transição entre a Declaração Conjunta acordada entre a China e Portugal (1987) e a transferência do exercício de soberania (1999), como contextualizou

“ Nos próximos anos, acredito que precisamos de fortalecer ainda mais esta já profícua relação, explorando plenamente o seu potencial para um maior investimento, comércio, cooperação e crescimento mútuos”

DURÃO BARROSO



DIPLOMACIA

Durão Barroso, à época ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, para realçar a parceria “de primeira hora”, patente não só nos bons, mas também nos maus momentos.

“Esta celebração é uma oportunidade para recuar e para olhar, ao mesmo tempo, em frente com o objectivo de alargar e reforçar a nossa parceria”, afirmou Durão Barroso, no seu discurso, alinhado com o Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On. “Estamos muito satisfeitos por ver as nossas conquistas ao nível do comércio e cooperação e vamos continuar a trabalhar com a UE para alcançar os nossos objectivos e metas no futuro”, disse, qualificando o bloco como parceiro “estratégico” e de “longa data”.

Já Durão Barroso quer ir mais longe. “Nos próximos anos, acredito que precisamos de fortalecer ainda mais esta já profícua relação, explorando plenamente o seu potencial para um maior investimento, comércio, cooperação e crescimento mútuos”, desafiou, observando que, desde o Acordo, os “crescentes laços económicos têm acrescentado uma importante dimensão a uma já de si antiga e rica relação”.

““Estamos satisfeitos por ver as nossas conquistas ao nível do comércio e da cooperação e vamos continuar a trabalhar com a UE para alcançar os nossos objectivos e metas no futuro”

CHUI SAI ON



E, na vertente económica, como assinalou Chui Sai On, a UE e Macau têm testemunhado “um rápido crescimento no comércio bilateral”.

Os números atestam-no: actualmente, a UE constitui o segundo principal mercado das importações de Macau – a seguir ao Interior da China – e o quarto para as exportações do território.

Em 2012, as trocas comerciais, cujo ritmo tem seguido em crescendo nos últimos três anos, atingiram os 511 milhões de euros (5,5 mil milhões de patacas), como, aliás, destacou Durão Barroso, constatando com satisfação a prosperidade do território, que havia visitado pela última vez em 2005, já na qualidade de presidente da Comissão Europeia.

A “CÂMARA DAS CÂMARAS”

Apesar de o bloco europeu e Macau colherem já os frutos da sua relação comercial, abre-se uma nova janela de oportunidades de negócio com a criação da Câmara de Comércio Europeia de Macau, denominada de “a câmara das câmaras” por Durão Barroso. “O facto de seis câmaras

de países da UE [França, Alemanha, Irlanda, Portugal, Roménia e Reino Unido] se terem juntado é também um testemunho claro da duração e – crescente – empenho da UE e das suas empresas em Macau”, afirmou.

A instituição desta Câmara é o “claro reflexo da filosofia que sustenta a UE” de que “a soma é maior do que as suas partes”, disse Durão Barroso, para quem as empresas dos agora 28 “têm também muito a oferecer em áreas importantes como materiais de construção sustentáveis, tecnologias e construção”, estando já presentes no território em ramos que vão muito além dos vinhos e bebidas espirituosas ou dos bens de luxo.

Na perspectiva de Durão Barroso, hoje “as empresas da UE estabelecidas em Macau reconhecem a localização e oportunidades estratégicas que Macau oferece, à semelhança dos comerciantes portugueses que aqui se instalaram em 1557”, partilhando “uma característica comum”: “O reconhecimento do papel que a Ásia, incluindo Macau, tem como um mercado de expansão da Europa”.

COMUNIDADE LUSÓFONA, UM “ACTOR CENTRAL” NA VIDA DE MACAU

Na sua passagem por Macau, o presidente da Comissão Europeia dirigiu também uma palavra à comunidade lusófona de Macau. “Verifico que, passados 14 anos, Macau está com um desenvolvimento impressionante, a Lei Básica a ser observada [e que] a comunidade lusófona continua a ser um actor central na vida política, económica e social da Região e a granjear respeito e admiração”, disse Durão Barroso que guarda de Macau “muitas memórias” pessoais e profissionais, até porque participou no processo de negociações para a transição.



DIPLOMACIA

Em paralelo, atendendo às aspirações de Macau de se tornar num centro de lazer com baixas emissões de carbono, “acredito que as empresas da UE são candidatas ideais a fazerem parte do impressionante desenvolvimento da construção”, avaliou. Permitir a sua participação – eventualmente em parceria com companhias locais – “traria ganhos” para ambos e para o meio ambiente, sendo que, frisou, “a vasta experiência e competitividade das empresas da UE neste domínio pode também garantir a melhor relação custo/benefício”.

Identificando o ambiente como uma área com potencial para explorar, o presidente da Comissão Europeia perspectivou a cooperação entre Bruxelas e Macau neste sentido. “Estamos precisamente a lançar, também no quadro da chamada parceria para a urbanização, muitas acções. Até porque Macau tem interesse, dada a sua grande densidade populacional, em desenvolver a sua eficiência energética e programas amigos do ambiente, vamos também colaborar aí”, adiantou, referindo especificamente a disponibilidade ao nível do “intercâmbio de formação, mas também da transferência de tecnologia”. Aludindo à “frutífera cooperação” entre a UE e Macau, nomeadamente nos programas de cultura e educação, Chui Sai On também assinalou os resultados da abertura de novas áreas, elencando, além do ambiente, os serviços aéreos e as indústrias criativas e mesmo a colaboração no combate ao tráfico humano.

A UE e Macau dispõem já de uma série de instrumentos ao serviço da cooperação, nomeadamente ao nível do Direito – área em que colaboram desde 2002 sob o chapéu do Programa de Cooperação na Área Jurídica –, no domínio académico e da formação de intérpretes e tradutores. Contudo, segundo antevê Durão Barroso, afiguram-se “grandes” as possibilidades para o futuro. ●





COMÉRCIO ENTRE A UNIÃO EUROPEIA E MACAU



ANO

2008
2009
2010
2011
2012



IMPORTAÇÕES DA UE*

232
109
78
92
115



EXPORTAÇÕES DA UE*

220
200
218
340
396



COMÉRCIO TOTAL*

452
309
296
432
511

* Em milhões de euros

Fonte: Eurostat

PORTUGAL-CHINA: 35 ANOS DEPOIS

Foi há exactos 35 anos que Portugal e China restabeleceram relações diplomáticas, interrompidas durante a ditadura portuguesa e a liderança de Pequim por Mao Tsé-Tung. Agora as relações económicas entre os dois países vivem um momento de grande intensidade. E mais do que nunca, Macau é um elemento-chave na relação luso-chinesa

Texto **António Caeiro***, em Pequim

Pelo quarto ano consecutivo, o piloto português Carlos Sousa representou em Janeiro a Great Wall Motors, o maior fabricante chinês de SUV, no mítico rally Paris-Dakar. Impensável há 35 anos, a imagem de Carlos Sousa ao volante de um Haval vermelho ilustra bem o caminho percorrido por Portugal e a República Popular da China desde que os seus embaixadores em Paris, António Coimbra Martins e Han Kehua, respectivamente, assinaram o acordo sobre o estabelecimento das relações diplomáticas, no dia 8 de Fevereiro de 1979. Na altura, Portugal não fazia parte da então Comunidade Económica Europeia e a China estava apenas a iniciar a política de Reforma Económica e Abertura ao Exterior. As relações luso-chinesas “estão melhores do que nunca” e os contactos entre os dois países são hoje “mais ricos e diversificados”, afirma o novo embaixador português na China, Jorge Torres Pereira. Em Junho passado, numa das primeiras entrevistas depois de apresentar as





DIPLOMACIA

credenciais ao presidente Xi Jinping, Torres Pereira realçou que “as relações Estado a Estado e entre os respectivos governos sempre foram boas, mas há agora um crescente número de estudantes chineses em Portugal e de portugueses a aprender chinês na China, e há, de um lado e do outro, todo um fluxo de empresários, de pequenas e médias empresas”. “Também no plano científico e académico, as coisas estão hoje mais activas e dinâmicas”, acrescentou o diplomata, colocado em Pequim em Abril de 2013.

Nem sempre foi assim. Durante duas décadas, as relações foram dominadas pela questão de Macau. No espaço de quatro anos (1994-98), Portugal enviou à China dois presidentes da República (Mário Soares e Jorge Sampaio) e dois primeiros-ministros (Aníbal Cavaco Silva e António Guterres), acompanhados por grandes comitivas, mas os governantes portugueses pareciam estar mais a despedir-se de Macau do que a descobrir a emergência de uma nova grande potência. Politicamente, o relacionamento era considerado “excelente”. No seio da União Europeia, Portugal era, e é, um dos países mais favoráveis às posições de Pequim.

MUDANÇA DE RUMO

No plano económico, porém, as relações eram insignificantes. Até Maio de 1999, sete meses antes da transferência do governo de Macau para a China, a própria chancelaria de Portugal em Pequim estava modestamente instalada num cinzento bloco de escritórios do Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês onde se encontravam também as embaixadas de Angola, Moldova, Namíbia Moçambique e outros países. No início do século XXI, a China era um mercado longínquo, não figurando sequer entre os 25 principais clientes das exportações portuguesas. Hoje é o 10.º. Nos últimos quatro anos, as exportações portuguesas para a China mais do que duplicaram, atingindo em 2012 o montante recorde de 1.128 milhões de euros. Para alguns produtos portugueses, como os vinhos, por exemplo, a China tornou-se mesmo o quinto maior mercado fora da Europa, depois de Angola, Estados Unidos, Brasil e Canadá. Mais significativo ainda, em 2012, a China foi o maior investidor externo directo em Portugal. A

No início do século XXI, a China era um mercado longínquo, não figurando sequer entre os 25 principais clientes das exportações portuguesas. Hoje é o 10.º. Nos últimos quatro anos, as exportações portuguesas para a China mais do que duplicaram



empresa China Three Gorges comprou 21,35 por cento da EDP (Energias de Portugal) por 2700 milhões de euros, tornando-se o maior accionista da eléctrica portuguesa. Foi um dos maiores investimentos chineses na Europa, mas não foi o único. A State Grid pagou 287 milhões de euros por 25 por cento do capital da REN (Redes Energéticas Nacionais) e a Beijing Enterprises Water Group comprou por 95 milhões a participação francesa na Veolia Portugal. Já este ano, o Governo português aprovou a proposta do grupo Fosun para comprar 80 por cento das três seguradoras da Caixa Geral de Depósitos

por 1000 milhões de euros. Constituído há cerca de duas décadas, em Xangai, o Fosun é considerado um dos mais lucrativos grupos privados chineses, com participação em dezenas de empresas de vários países, entre os quais o Club Mediterranee. "Toda a gente me tem dito que Portugal é um país seguro e receptivo ao investimento chinês", disse o vice-presidente e director executivo do grupo, Liang Xinjun, acerca do interesse do Fosun pela Caixa-Seguros. "O momento para investir em Portugal é agora", afirmou o embaixador português na China em Dezembro passado. "Atravessámos um processo



* À esquerda, Carlos Sousa no rally Paris-Dakar, em representação da Great Wall Motors

DIPLOMACIA

Em 2012, a China foi o maior investidor externo directo em Portugal. A empresa China Three Gorges comprou 21,35 por cento da EDP (Energias de Portugal) por 2700 milhões de euros, tornando-se o maior accionista da eléctrica portuguesa



muito severo de ajustamento fiscal, mas estamos a ver os primeiros sinais de que essas políticas resultaram e que vão consolidar-se num futuro próximo”. Torres Pereira falava numa sessão sobre os “vistos *gold*” na Embaixada de Portugal em Pequim, com dezenas de promotores imobiliários e responsáveis de agências de emigração chineses. Os “vistos *gold*”, criados pelo Governo português no final de 2012, concedem autorização de residência em Portugal, e consequente direito de circulação pelos 30 países do espaço Schengen, aos cidadãos exteriores à União Europeia que comprem uma casa de pelo menos meio milhão de euros, depositem um milhão de euros num banco português ou invistam num projecto empresarial que crie no mínimo dez postos de trabalho. “Até agora a China foi de longe o país

que mais investiu neste programa”, sobretudo no sector imobiliário, realçou na altura o embaixador português. No total – precisou o diplomata - “278 cidadãos chineses – do Interior do país, de Macau e de Hong Kong – já compraram o equivalente a 167 milhões de euros”.

PLATAFORMA DE AMIZADE

Em Pequim e em Lisboa, a transição de Macau é vista como uma história de sucesso. Desde 2003, a nova Região Administrativa Especial tornou-se mesmo a plataforma eleita por Pequim para promover a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. “Sentimo-nos muito confortáveis com Portugal por causa de Macau. Portugal manteve uma relação muito boa com o Governo e o povo da China”, disse o CEO do grupo Fosun, na sua



primeira entrevista a um órgão de informação português, em Dezembro passado. Entre a generalidade da população, Portugal é sobretudo associado ao futebol, e em particular ao talento de Cristiano Ronaldo (“C Luo”, em chinês). “Claro que o conheço. Toda a gente conhece ‘C Luo’, sobretudo os rapazes”, diz um estudante da Universidade de Estudos Internacionais de Pequim (Beiwai). A frase confirma a avaliação feita há já alguns anos pelo ensaísta Lian Yue, autor de um dos mais conhecidos blogues chineses, cujo nome (O Oitavo Continente) é inspirado numa passagem de *O Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa: “De Portugal, o que se conhece melhor na China é o futebol”.

A popularidade de Eusébio é sob esse aspecto emblemática. No auge da carreira do “Pantera

Negra”, a China não estava sequer filiada na Federação Internacional de Futebol (FIFA), mas a morte do antigo jogador português, no passado dia 5 de Janeiro, dominou o noticiário da imprensa desportiva chinesa. “Quando é que o futebol chinês terá um herói como You Xi Bi Ao (Eusébio, em chinês)”, escreveu um internauta no Sina Weibo, o Twitter chinês. Numa mensagem de condolências enviada à Federação Portuguesa de Futebol, a Associação Chinesa de Futebol (CFA) qualificou Eusébio como “um dos maiores da história” da modalidade, cujo “talento e personalidade marcaram uma época”. “O seu extraordinário desempenho atraiu ao futebol gerações de jovens do mundo inteiro”, afirmou a CFA. ●

* Exclusivo Lusa/revista MACAU

“FUTURO É VISTO COM CONFIANÇA E OPTIMISMO”

Mário Vicente, delegado de Cabo Verde no Fórum Macau, antevê a concretização de projectos com claros benefícios económicos, assim como o reforçar continuado das relações entre o seu país e a China

Texto **Nuno G. Pereira** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**





“O Fórum Macau, enquanto mecanismo complementar às relações entre a China e os Países de Língua Portuguesa, tem vindo a cumprir o seu papel na promoção da imagem e das oportunidades de negócios dos diferentes países que nele participam.” Mário Vicente, delegado de Cabo Verde junto do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau), faz uma avaliação positiva, dando especial relevo aos contactos promovidos pelo Fórum no Interior da China, em diversas acções de contacto com instituições públicas e privadas.

O seu país não é um colosso económico como Angola e Brasil, mas possui muitos atractivos. “Cabo Verde, sendo um país de pequena dimensão (territorial e do próprio mercado), tem procurado aproveitar esta plataforma para, por um lado, promover o país nas várias províncias da China através das actividades do Fórum, mas também através de acções coordenadas a partir da nossa Embaixada em Pequim, com vista a dar a conhecer as potencialidades de investimentos no nosso país, com base nas vantagens competitivas e comparativas. Refiro-me, nomeadamente, à localização geopolítica estratégica, à estabilidade política, económica e social, e às excelentes condições para o investimento externo. É preciso também dizer que Cabo Verde tem condições especiais de acesso a mercados como a CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados Africanos do Oeste), a Parceria Especial com a União Europeia, e o projecto AGOA (African Growth and Opportunity Act), com Estados Unidos e Canadá.”

O delegado assume que Cabo Verde é praticamente desconhecido no mundo empresarial chinês e que, por isso, o Fórum tem servido antes de mais para dar a conhecer o país e descobrir parceiros de cooperação privada na China.

PAPEL DO DELEGADO

Mário Vicente define os delegados junto do Secretariado Permanente do Fórum como promotores da imagem do seu país e das oportunidades de investimentos que o mesmo oferece. “Através de actividades do Fórum e em acções levadas a cabo através da Embaixada, contactando com potenciais investidores e parceiros, apresentado o país e suas

CABO VERDE NO FÓRUM DE MACAU

oportunidades, fazendo as devidas articulações com instituições públicas em Cabo Verde mas também com o sector privado nacional.”

No seu caso específico, e sendo Cabo Verde um país pequeno, os desafios de desenvolvimento vão muito além das acções de promoção de investimento. “Estou sob directa coordenação da Embaixada em Pequim, colaborando sempre que chamado em acções essencialmente relacionadas com questões económicas. Em Macau, procuro ainda dinamizar a cooperação bilateral entre os governos de Cabo Verde e de Macau, através de protocolos e acordos de cooperação em diversas áreas de potencial desenvolvimento com vantagens mútuas: turismo, jogo, registos notariais, educação, cultura, saúde. Já há alguns acordos assinados e outros em fase de conclusão. Temos vindo a criar as condições para materialização de acções concretas.”

EXPECTATIVA EM ALTA

Enquanto representante de Cabo Verde, Mário Vicente traz expectativas legítimas quanto à intervenção futura do Fórum. Afirma que a instituição tem cumprido o papel de dinamizador de negócios entre os seus países-membros, mas sublinha que há um novo desafio na sua actuação para garantir resultados concretos. Um crescimento natural, onde se faça mais e melhor. “O desafio pode implicar mudanças substanciais no funcionamento e na estratégia, alguma mudança de paradigmas e abordagens. No essencial, porém, o futuro é visto com confiança e optimismo na concretização de projectos com claros benefícios económicos e sociais dos nossos países. Ou seja, para o melhoramento do bem-estar das populações, que afinal é o fim último dos governos que representamos.”

Acima de tudo, está em cima da mesa a operacionalização do Fundo de Cooperação e Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa. O Fundo, anunciado em Novembro de 2010, durante a III Conferência Ministerial do Fórum, pelo então primeiro-ministro chinês Wen Jiabao vale mil milhões de dólares. Foi efectivamente criado em Junho de 2013, com um orçamento inicial de 125 milhões de dólares. “Este novo instrumento de cooperação económica pode alavancar o Fórum para um patamar mais elevado, procurando resultados mais concretos e visíveis. A IV Conferência

Ministerial, sob o lema ‘Novo ciclo, novas oportunidades’ mostrou outras perspectivas para a actuação do Fórum, na sua organização interna e nas suas actividades na China e nos países de língua portuguesa, enquanto mecanismo de implementação do novo Plano de Acção.”

Os delegados têm aqui um papel fundamental. “Devemos ser proactivos na identificação de projectos que preencham os requisitos exigidos pelo fundo, é uma oportunidade de agarrar investimentos. Ao mesmo tempo, continuaremos à procura de parceiros chineses, e não só, para projectos fundamentais no desenvolvimento económico dos nossos países.”



ONDE ESTÃO OS INVESTIMENTOS

QUAIS OS INVESTIMENTOS MAIS IMPORTANTES DA CHINA EM CABO VERDE?

“A relação diplomática entre China e Cabo Verde começa oficialmente em 1976, portanto um ano após a nossa independência. Desde então a China tem sido um parceiro importante para o processo de construção do Estado de Cabo Verde e seu desenvolvimento. Os investimentos foram basicamente de cariz público, como formação de quadros e construção de escolas, infra-estruturas desportivas e edifícios públicos simbólicos da República (como a Assembleia Nacional e o Palácio do Governo). Mais recentemente, o financiamento de projectos como E-Governance e Habitação Social (enquadrado no grande projecto nacional denominado Casa para Todos) e a primeira barragem de Cabo Verde. A nível privado, as coisas ganharam outro rumo após o estabelecimento da Embaixada em Pequim

(2007) e a presença no Fórum de Macau (2008). Nos últimos anos procuramos uma estratégia de cooperação mais económica e de relação directa com potenciais parceiros/investidores. Há vários projectos em discussão entre empresas de Cabo Verde (nesta fase essencialmente públicas) e da China (públicas e privadas) que, espera-se a breve trecho, vão trazer resultados com grande impacto na nossa economia. A nível privado, ainda não existe um grande número de investimentos chineses em Cabo Verde, mas há bons exemplos. Embora sejam de pequena-média dimensão, são consistentes e com impacto na nossa economia: empresas de prestação de serviços na construção civil, televisão por satélite, restaurantes, área automóvel e uma grande rede de lojas com produtos chineses, que se espalharam pelo país e estão bem integradas.”

QUAIS SÓ FORAM POSSÍVEIS DEVIDO À EXISTÊNCIA DO FÓRUM?

“O Fórum é um mecanismo complementar às cooperações bilaterais entre China e os países de língua portuguesa. Assim, dificilmente se pode concluir que qualquer projecto de investimento



surja como resultado apenas pela acção do Fórum. Tanto em Cabo Verde, como em relação a outros países que participam no Fórum, há projectos de parceria ou investimento que foram desencadeados através deste organismo, mas não é possível dissociá-los de outras acções levadas a cabo pelas embaixadas em Pequim e por outras instituições de promoção de investimentos dos diferentes países.”

CABO VERDE TEM INVESTIDO NA CHINA?

“Cabo Verde é ainda um país à procura de investimentos, não tendo por agora capacidade endógena de investir no exterior, nomeadamente na China. No seu processo natural de desenvolvimento económico, espera-se que venha a ter investimentos noutros países, incluindo a China.”

INVESTIMENTOS EMBLEMÁTICOS DA CHINA EM CABO VERDE

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Palácio do Governo, Assembleia Nacional, Palácio do Presidente, projecto E-Governance, formação de quadros

EDUCAÇÃO

Escolas (incluindo o Complexo Educacional de Santa Maria, na ilha do Sal), Biblioteca Nacional, Auditório Nacional

SAÚDE E APOIO SOCIAL

Hospital Agostinho Neto, habitação social, formação de quadros

ENERGIA

Barragem do Poilão, formação de quadros.

DESPORTO

Várias infraestruturas desportivas, onde se destaca o Estádio Nacional.

INVESTIMENTO PRIVADO

Empresas de prestação de serviços na construção civil, televisão por satélite, restaurantes, área automóvel e uma grande rede de lojas.

POPULAÇÕES ABERTAS AO MUNDO

Mário Vicente está no Fórum há dois anos e meio. Uma nomeação surgida na sequência das funções que desempenhou durante quase três anos: director de Gabinete do Secretário de Estado de Economia de Cabo Verde.

“Na altura éramos responsáveis pelo dossiê de cooperação económica com a China, incluindo o Fórum de Macau. O convite surge de forma natural, uma vez que o meu antecessor, o Dr. Francisco Mendes, tinha que regressar a Cabo Verde para seguir a sua carreira na diplomacia. O desafio para a minha vida profissional foi aceite com sentido de responsabilidade e determinação, procurando como é natural cumprir os objectivos definidos.”

A chegada a um espaço tão longínquo do seu, na geografia e na cultura, trouxe uma experiência rica. E agradável.

“A população de Macau, tal como a de Cabo Verde, sempre foi muito aberta ao mundo. Isto torna-as muito iguais na forma como acolhem os que chegam. Aquilo que em Cabo Verde chamamos *morabeza* (saber receber com alegria e simpatia, procurando que o outro se sinta em casa). É isto que se sente em Macau. Aliás, iria além da minha experiência pessoal para abordar a da integração da comunidade cabo-verdiana na sociedade de Macau, que torna ainda mais evidente esta abertura. Obviamente que alguns aspectos como a gastronomia e a língua são um pouco mais ‘estranhos’, mas tenho-me adaptado bem. Incluindo a minha família, em particular as minhas filhas. Na vida quotidiana, destaco a segurança e o respeito pelas pessoas, os outros ‘ingredientes’ que facilitam a integração. É evidente que existem aspectos bastante diferentes e muitas vezes de difícil percepção, mas que constituem as nossas diferenças socioculturais e as quais procuro perceber e adaptar-me para melhor conviver.” ●



商匯館 MACAO IDEAS

澳門名優商品展示及採購中心

SOURCING AND DISPLAY CENTER OF MACAO PRODUCTS

開放時間

星期一至星期五，早上10時至下午6時
星期六及星期日，下午2時至下午6時
星期二及公眾假期休館

Opening Hours

Mondays to Fridays, 10:00am to 6:00pm
Saturdays and Sundays, 2:00pm to 6:00pm
Closed on Tuesdays and Public Holidays

澳門旅遊活動中心地下展廳
(澳門高美士街431號，毗鄰賽車博物館
及紅酒博物館)

Ground floor of Tourism Activities Centre
(Rua Luís Gonzaga Gomes N° 431,
above the Macao Grand Prix Museum)

<http://macaoideas.ipim.gov.mo>
853 2870 0620



O DOCE TRIUNFO DE LEONG

Como um empreendedor de Macau passou de vendedor ambulante a magnata do apetitoso mercado local de recordações, à frente da rede de pastelarias Koi Kei

Texto **Cecília Lin** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



Um pouco por todo o mundo, o galicismo souvenir tornou-se a palavra usada por turistas e vendedores para descrever a miríade de produtos característicos de cada local. Porque não basta visitar, é preciso trazer uma recordação típica para juntar às fotos no regresso a casa. Em Macau, recordações e souvenirs têm outro sinónimo: Koi Kei. Em 2011, um estudo da Universidade de Macau calculou que a rede de pastelarias Koi

Kei facturava 70 por cento do mercado de souvenirs em Macau. Segundo o presidente da marca, esse valor está hoje em 74,3 por cento. Embora recuse dizer a quantas patacas corresponde a percentagem, reconhece que os lucros aumentam todos os anos. Há outro dado, porém, bastante revelador: um passeio de fim-de-semana, pelas ruas apinhadas de gente na zona central do Largo do Senado, mostra uma imensidão de turistas carregando



PADARIA KOI KEI

os inconfundíveis sacos da Koi Kei. Dos crepes chineses aos biscoitos de amêndoa, os visitantes são incapazes de resistir aos souvenirs mais típicos de Macau. E a Koi Kei tem a selecção completa.

O presidente e fundador da Pastelaria Koi Kei chama-se Leong Chan Kuong. Congratula-se naturalmente com o sucesso actual da empresa, mas ao contar a sua aventura à MACAU sublinha que o início foi duro. “Comecei a vender numa banca de rua, em 1986, na Travessa do Auto Novo.” A economia de Macau estava longe da pujança de hoje. Por isso, quando Leong foi contar ao pai os seus planos de expansão para o negócio da família, tentando convencê-lo a abrir uma loja a sério, foi recebido com cepticismo. “O meu pai achou que era uma ideia irrealista.” Os dois irmãos também se mostraram descrentes.

Mesmo sem o apoio da família, não esmoreceu. Agarrado à sua convicção, deu o salto sem rede quando vendeu o apartamento e pediu aos amigos todo o dinheiro emprestado que conseguiu. Finalmente, em 1997, abriu a primeira Pastelaria Koi Kei na “sua” Travessa do Auto Novo.

IDEIA VENCEDORA

Com muito trabalho – ainda hoje Leong diz que só dorme quatro horas por dia, trabalhando o resto do tempo sem nunca tirar férias – superou as dívidas, mas os desafios para impor uma nova marca iam além dos aspectos financeiros. Além disso, o seu objectivo não era ganhar dinheiro para sobreviver, mas sim expandir um negócio em que acreditava como ninguém.

Sendo a Koi Kei uma novidade na área dos *souvenirs*, a sua reputação era obviamente nula. E Leong era especialista em doces de amendoim (aprendera em miúdo com o pai), não a gerir uma loja, o que fazia pela primeira vez. No entanto, tinha a seu favor duas qualidades imbatíveis: capacidade de trabalho e facilidade de aprendizagem. Depressa estendeu a gama de produtos dos doces de amendoim para pastelaria e biscoitos de amêndoa, carnes secas e crepes chineses.

A loja ia ganhando clientes, mas faltava algo que fizesse a diferença, conseguindo destacar a marca da competição. Foi então que Leong





BISCOITO DE 125 QUILOS

A fama ultrapassou fronteiras e levou à Koi Kei uma equipa de televisão da CCTV a tentar desvendar o segredo dos biscoitos que adoçam o paladar de milhares de visitantes. Durante uma reportagem de 45 minutos, feita em 2009, Leong confeccionou o maior biscoito de amêndoa do mundo, com metro e meio de diâmetro e 125 quilos.

aplicou a sua terceira qualidade mais evidente: imaginação. O impulso criativo aparentemente simples, obteve grande sucesso: trazer o processo de produção dos doces e *snacks* para a loja, à vista de toda a gente. Os clientes adoraram poder observar os pasteleiros a fazer biscoitos de amêndoa e outras iguarias à sua frente, o que ainda hoje sucede. A ideia tornou-se uma referência da Koi Kei, ganhando popularidade extra porque os clientes também associaram o “*show* da criação dos doces de amêndoa” à frescura dos produtos da marca. A loja ganhou fama e começou a ser procurada pelos turistas. Agarrando a oportunidade, Leong lançou o segundo espaço em 1999. Hoje, com mais de 600 empregados, tem 17 lojas em Macau, sete em Hong Kong, uma em Singapura e planos permanentes de expansão.

RECEITA DE ÊXITO

“A qualidade dos produtos é a razão principal do meu sucesso”, diz o presidente da Koi Kei. Garante ainda que, por muito ocupado que esteja, insiste sempre em provar os seus

PADARIA KOI KEI

A Koi Kei aumenta regularmente o seu portfólio de produtos (são já mais de 200). No início tinha apenas *snacks* típicos de Macau, mas agora inclui produtos tradicionais da China, de Portugal e até do Japão



produtos todos os dias, para fazer um controlo de qualidade na primeira pessoa. Aliás, no que diz respeito ao controlo de qualidade tem uma equipa de dez pessoas, onde além de ele se inclui também um dos dois irmãos (ambos vieram trabalhar para a Koi Kei). “Os dez membros trabalham há pelo menos seis anos na Koi Kei e têm uma grande sensibilidade de gosto. Nenhum de nós está em exclusivo nesta área, todos acumulamos outras funções.”

Para dar resposta ao elevado consumo, a empresa produz em grande escala (só biscoitos de amêndoa são mais de quatro milhões por dia). Claro que para atingir números desta dimensão são necessárias linhas mecanizadas, mas Leong explica que, apesar de produzir menos, nunca quis que a produção fosse toda automatizada. Para obter a qualidade que deseja, mantém alguns procedimentos fora das máquinas, ficando ao cuidado de empregados especializados. Uma parte mais pequena da produção, cerca de dez por cento, é totalmente feita à mão, com a devida referência nas respectivas caixas postas à venda. Ainda assim,

ele afirma que, em termos de sabor, não se nota diferença.

A origem dos ingredientes é outra das linhas de força da rede. Segundo Leong, são cuidadosamente seleccionados em todo o mundo. Por exemplo, as amêndoas são dos Estados Unidos, a farinha do Japão e o açúcar da Coreia do Sul. Se por algum motivo houver uma falha no fornecimento dos ingredientes de eleição – já aconteceu – ele suspende a produção em vez de arranjar ingredientes de substituição. “Nunca irei comprometer o nível de qualidade que atingimos com os nossos produtos.” Pelo contrário, a empresa está constantemente à procura de melhores ingredientes. “Uma vez o meu irmão quase morreu por causa disso. Tinha ido às montanhas da província de Yunnan para trazer nozes e ficou muito mal com a doença da altitude. Felizmente recuperou e trouxe as nozes, que eram fantásticas.”

A Koi Kei aumenta regularmente o seu portfólio de produtos (são já mais de 200). No início tinha apenas *snacks* típicos de Macau, mas agora inclui produtos tradicionais da China, de Portugal e até do Japão.

CINCO ESTRELAS

São cinco os produtos mais vendidos da Koi Kei, sendo os seus preços calculados todos os anos, conforme a variação nos custos da mão-de-obra e dos ingredientes:

- ★ **BISCOITOS DE AMÊNDOA**
- ★ **BOLINHOS DE AMÊNDOA**
- ★ **DOCES DE AMENDOIM**
- ★ **CREPES CHINESES**
- ★ **CARNES SECAS**

MUSEU DE SOUVENIRS

“Não aguento ficar parado, mesmo quando descanso estou sempre a pensar em novas ideias.” Leong aponta como exemplo a aposta no *design* das caixas e embalagens dos seus produtos ou a decoração das lojas. Investimentos pouco vistos nesta área de negócio, em particular no que diz respeito a Macau. “Pode parecer estúpido aos olhos dos meus concorrentes, devem achar que a aparência da loja não tem nada que ver com os lucros. Para mim tudo tem que estar perfeito e a aparência das coisas faz parte dessa perfeição.” O seu entusiasmo transborda do negócio para o mercado global de *souvenirs* em Macau e, também, para a terra que o acolheu. “Nasci em Foshan, na Província de Guangdong, mas cresci em Macau e amo este lugar.” Uma prova do seu amor foi a abertura do Museu de *Souvenirs*, perto do Templo de A-Má. “É uma forma de os turistas e os habitantes locais conhecerem um pouco da história daquilo que compram como recordação. E do que foi preciso fazer para chegar onde estamos agora.” ●

MACAU NA VANGUARDA DA INOVAÇÃO

Numa região onde falar da força da economia é abordar turismo e actividades relacionadas, uma empresa como a Hovione Macau passa despercebida. Porém, é dos melhores exemplos da diversidade económica local com desempenho de alto nível – produz princípios activos para multinacionais farmacêuticas e companhias de biotecnologia

Texto **Nuno G. Pereira** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

Eddy Leong entrou para a Hovione Macau em 1997, licenciado em Engenharia Química. Hoje é o director-geral. A sua história bem sucedida é um dos muitos exemplos do que tem acontecido nesta empresa de raiz multinacional, onde colaboradores locais progredem agarrando as oportunidades ao seu dispor. Agora, com a Hovione a expandir-se para outras regiões da China, são estes profissionais de Macau a liderar o processo, pondo a sua experiência ao serviço de um novo ciclo – os alunos tornam-se professores.





GRANDES EMPRESAS

A Hovione foi fundada em Portugal no ano de 1959 por três húngaros: Nicolau de Horthy, Ivan Villax e Andrew Onody. Dos três apelidos vieram as sílabas do nome da empresa (Ho+Vi+On), às quais o registo exigiu o “E” no fim, aportuguesando a denominação. Na estrutura accionista inicial, aliás, foi Diane Villax, mulher de Ivan e responsável financeira da companhia, que o representou (na altura, ele estava noutra trabalho). Em 1963, Horthy e Onody saem da Hovione, que se torna então, e até hoje, propriedade da família Villax. Ivan era engenheiro químico, começou por estar principalmente envolvido na pesquisa de tetraciclina semi-sintéticas (antibióticos) e corticosteróides anti-inflamatórios, cujo desenvolvimento positivo trouxe sucesso económico. Com os anos, a Hovione ganhou dimensão, internacionalizou-se, acumulou inovação com profissionalismo, soube estabelecer-se com solidez, sendo uma força reconhecida no mercado global dos princípios activos farmacêuticos.

No entanto, a área de negócio da Hovione não admite descanso. Por um lado é altamente competitiva, por outro implica investigação constante: novas patentes, novos métodos de produção, novos serviços. Na empresa, todos estão conscientes disso. Em Junho de 2009, o actual CEO da empresa, Guy Villax (um dos quatro filhos de Diane e Ivan), escreveu o seguinte para o livro comemorativo dos 50 anos de existência da Hovione: “A única vantagem competitiva duradoura é a capacidade de aprender e de reinventar a empresa”. A China é parte fundamental da “reinvenção” moderna da Hovione, com Macau a protagonizar um papel único no processo.

EXPORTAÇÃO PARA OS EUA

A Hovione PharmaScience Ltd. (Hovione Macau) foi criada em 1984. A construção da fábrica iniciou-se de imediato e a produção começou em 1986. Segundo informação facultada pela empresa, desde o arranque que a Hovione Macau é inspeccionada pela agência



* Eddy Leong



Com quase 150 colaboradores, a empresa direcciona a maioria para tarefas que exigem conhecimentos técnicos especializados, como controlo de qualidade e optimização de processos. Tanto na direcção como nos outros departamentos, a quase totalidade dos colaboradores nasceu em Macau

norte-americana Food and Drug Administration (FDA). “Em 1987, a fábrica da Hovione Macau foi inspecionada e aprovada pela FDA, autorizando-se assim a exportação dos nossos produtos para o mercado farmacêutico norte-americano. Desde então recebemos inspecções regulares da FDA, tendo a última sido em 2013. A nossa fábrica é a única de Macau – e uma das poucas em toda a China – aprovada pela autoridade de saúde dos EUA.” A companhia tem também as principais certificações internacionais de qualidade, segurança e respeito ambiental.

A produção da Hovione Macau consiste em princípios activos genéricos ou customizados a determinadas exigências. Os Estados Unidos são o principal mercado, seguido de Europa, Austrália e Nova Zelândia. Entre os clientes estão empresas especializadas em genéricos, multinacionais farmacêuticas e companhias biotécnicas.

Com o desenvolvimento sustentado do negócio desde que a empresa abriu em Macau, o caminho está definido, como o explica o director-geral. “A estratégia é a mesma desde o início: fazemos API (sigla de “Active Pharmaceutical Ingredients”, princípios activos farmacêuticos) para fornecer companhias farmacêuticas, que os utilizam nas suas fórmulas. A nossa marca não se vê, mas um grande número de medicamentos contém materiais produzidos na Hovione.”

CONSOLIDAÇÃO EM MACAU

1978	Primeiras compras na Feira de Cantão
1979	Abertura do escritório em Hong Kong
1984	Decisão de construir uma fábrica em Macau
1986	Início da produção em Macau
1987	Primeira inspecção da FDA
1994	Certificação ISO9001
2000	Primeira inspecção para API de novo medicamento
2001	Duplicação da capacidade de produção
2001	Nova unidade de produção automatizada
2006	Certificação ISO14000 e EMEA, FDA e TGA
2007	Joint-venture com empresa chinesa Hisyn
2010	Certificação OHSAS18001
2013	Mais recente inspecção da FDA, em Janeiro

FORÇA LOCAL

A Hovione Macau ocupa um lugar importante no negócio global da empresa. Eddy Leong refere o valor acrescentado que se manifesta em vários aspectos. “Trazemos mais tecnologia, formamos colaboradores e a nossa actividade está em crescimento qualitativo constante. A tendência é fazermos a mesma quantidade de produção mas com mais qualidade. Logo, com mais valor.”

Com quase 150 colaboradores, a empresa direcciona a maioria para tarefas que exigem conhecimentos técnicos especializados, como controlo de qualidade e optimização de processos. Tanto na direcção como nos outros departamentos, a quase totalidade dos colaboradores nasceu em Macau. “Somos uma óptima base de apoio para o grupo, em termos tecnológicos mas também de recursos humanos. Quando a Hovione abriu aqui em 1986, Macau era uma cidade pouco desenvolvida, não havia uma indústria como a nossa. Construída a fábrica, precisávamos de mão-de-obra para pô-la em laboração, mas localmente não havia pessoas com formação nesta área. Por isso, vieram muitas pessoas de Portugal.”

Transformada numa empresa de maioria de trabalhadores locais, dos operacionais menos qualificados até aos lugares de direcção, a Hovione Macau é agora palco de um novo ciclo laboral: os seus colaboradores passaram a ser o grupo fundamental para liderar a expansão da empresa para outras regiões da China

FACTOS E

EMPREGADOS

1245 (Grupo)
145 (Hovione Macau)



UNIDADES DE PRODUÇÃO

Hovione PharmaScience Ltd (Macau)
Hovione FarmaCiencia SA (Portugal)
Hovione Limited (Irlanda)
Hisyn (China)



CENTRO DE INVESTIGAÇÃO

Hovione LLC (EUA)



Ao longo dos anos, a situação alterou-se. “Formámos quadros operacionais que depois se tornaram supervisores. Contratámos engenheiros locais que tinham estudado fora de Macau (como eu), que regressaram para trabalhar na Hovione. Alguns ascenderam mais tarde a lugares na direcção. E assim o cenário alterou-se, sendo a empresa hoje assente em quadros locais.”

O PRÓXIMO NÍVEL

Transformada numa empresa de maioria de trabalhadores locais, dos operacionais menos qualificados até aos lugares de direcção, a Hovione Macau é agora palco de um novo ciclo laboral: os seus colaboradores passaram a ser o grupo fundamental para liderar a expansão da empresa para outras regiões da China. Tal já aconteceu com uma joint-venture da Hovione na Província de Zhejiang, a Hisyn. “Quando aconteceu o negócio, pensou-se em enviar mais gente de Portugal, mas optou-se por deslocar pessoas de Macau. Isto por várias razões,

NÚMEROS



ESCRITÓRIOS

Shanghai Hisyn Process (Xangai, China)
Hovione Inter AG (Lucerna, Suíça)
Hovione Limited (Hong Kong)
Hovione India (Mumbai, Índia)



COLABORADORES COM LICENCIATURA

48%



VOLUME DE VENDAS EM 2012

US\$ 190 milhões




que no fundo podemos chamar as vantagens dos profissionais da Hovione de Macau: conhecimento profundo da língua e da cultura chinesas aliado ao conhecimento da cultura de empresa da Hovione e aos métodos ocidentais de trabalho nesta área. Por isso, levamos agora a outras regiões da China a ajuda à gestão e à formação das novas equipas, tal como nos anos 1980 recebemos dos nossos colegas de Portugal.” Quando questionado sobre os obstáculos que a sua empresa enfrenta em Macau, Eddy Leong demora na resposta, mostrando que o dia-a-dia corre sobre rodas. Há, contudo, dois pontos que poderiam ser diferentes. Primeiro, o crescimento da empresa na região. “Adorávamos expandir-nos em Macau, mas estamos condicionados pela falta de espaço físico. Não há terra para onde possamos crescer aqui, um problema geral para toda a indústria.” O segundo ponto, também ele afectando toda a massa empresarial da RAEM, relaciona-se com a manutenção de colaboradores. Embora frise que não é um drama, o director-

geral admite alguns constrangimentos. “Há algum tempo que temos dificuldades em manter colaboradores, principalmente ao nível operacional. É difícil impedir as saídas, mas minimizamos esse processo. Isto sucede porque temos um pacote de regalias muito atraente, em particular por ser na área industrial. Além do salário, oferecemos um conjunto de dias de férias bastante bom (e que cresce com o número de anos de ligação à empresa), transporte, alimentação, seguro de saúde extensível à família e um plano de reforma. Claro que não podemos competir com os casinos nos salários, mas, por exemplo, para um engenheiro químico, damos a oportunidade de desenvolver uma carreira não só em Macau mas também de nível internacional, o que torna tudo mais interessante.” Os números testemunham o êxito da estratégia. “A nível operacional, os colaboradores têm em média oito anos de ligação à empresa; na supervisão, 20 anos; e na direcção, 13 anos. Quem trabalha na Hovione Macau é feliz.” ●

ENCONTRO NO DELTA

Abrir uma empresa na RAEHK é entrar pela porta-mor do comércio com a China e a Ásia. Mas os lusófonos continuam a preferir Macau como plataforma para o Império do Meio. Hong Kong tem tudo para oferecer e as feiras são o maior atractivo para os empresários dos países de língua portuguesa, ainda um meio desconhecidos nessas paragens. Morada de poucas grandes empresas brasileiras e portuguesas, a RAEHK está curiosa neste mercado de 250 milhões de pessoas e quer lucrar com a relação especial entre Macau e a lusofonia

Texto **Patrícia Lemos** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



Com a China tão interessada na lusofonia seria de esperar que mais pequenas e médias empresas (PME) dessas nações se estabelecessem em Hong Kong. Afinal, o comércio entre os países de Língua Portuguesa e a China deverá atingir os 160 mil milhões de dólares americanos em 2016, conforme ficou expresso na Conferência Ministerial do Fórum Macau, em Novembro passado. Também são cada vez mais os estrangeiros a investir na RAEHK, onde se atalha caminho até à China. Mas os lusófonos parecem mais concentrados em Macau, sobretudo as empresas de menor dimensão, porque algumas das grandes preferem a vizinha ilha. Porém, tudo pode estar a mudar e em breve já não se põe tanto a questão: Macau ou Hong Kong? Num futuro próximo o mais importante é estar no Delta do Rio das Pérolas.

Não existe registo de muitas empresas lusófonas em Hong Kong. Ou melhor, “no fundo, não sabemos”, confessa Nicholas Kwan, o director de Pesquisa do Hong Kong Trade Development Council (HKTDC), o departamento do governo que promove

as trocas comerciais entre a RAEHK e o estrangeiro, ocupando-se sobretudo de PME, a maior fatia da economia local. No InvestHK apenas há registo de assistência dada a sete empresas de Portugal, Brasil e Macau que se estabeleceram na região entre 2009 e 2012. Parece pouco num universo de mais de 7000 empresas estrangeiras que operam naquele território, incluindo japonesas, chinesas e americanas.

O responsável na Ásia do grupo João Portugal Ramos Vinhos, presente em Hong Kong, Gonçalo Frey-Ramos, justifica: “Se não há mais empresas lusófonas aqui é por falta de conhecimento do mercado asiático - do chinês em particular - e da importância que pequenas decisões podem ter na projecção das empresas no mercado”. Os lusófonos têm de estar mais atentos porque, como salientou o director-geral do Departamento de Promoção de Investimento do InvestHK, Simon Galpin, a RAEHK está interessada em ser plataforma. Garante mesmo que há “empresas da China Continental a usar a região como âncora para depois chegar aos países de língua portuguesa”.

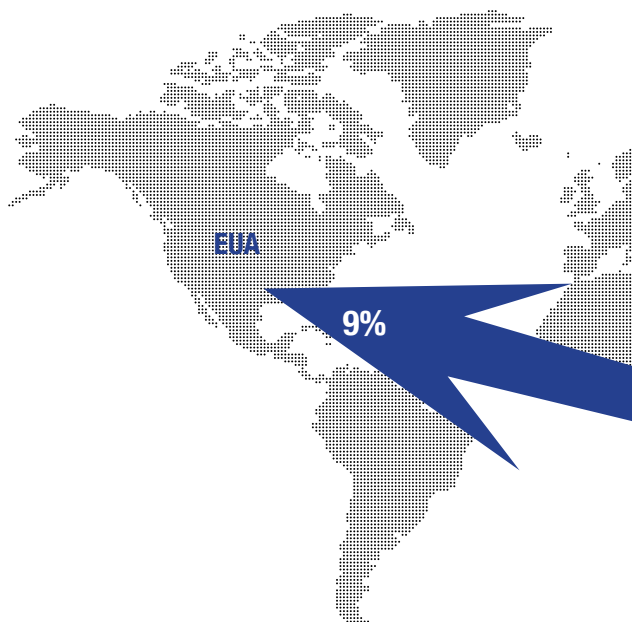
HONG KONG E LUSOFONIA

Existe de facto alguma falta de interação mas não é absoluta. O Brasil reagiu positivamente à força de atração do sector financeiro de Hong Kong. São cerca de dez as empresas brasileiras com escritório na RAEHK e todas de grandes dimensões, nas áreas financeira, como o Banco do Brasil e o Itaú Asia, do minério de ferro, como a Samarco Asia, e até do transporte aéreo, como a Tam Airlines. Fonte do Consulado Geral do Brasil em Hong Kong e Macau salienta que, apesar da presença dessas firmas gigantes, a comunidade de 300 brasileiros “não tem um perfil empresarial”. Curioso dessa promissora economia emergente, Kwan lembra que o HKTDC até tem um escritório em São Paulo: “É sem dúvida um dos mercados fundamentais da América Latina a desenvolver. Por isso, estamos a ver de que forma é que os nossos serviços podem ajudar a aumentar as trocas comerciais”. Também o InvestHK garante ter consultores em algumas das maiores economias lusófonas, para ajudar o território a encontrar investidores destes países. Com poucas firmas registadas, Angola é o outro país de língua portuguesa com presença consular na RAEHK, mas Kwan nem se lhe refere, apesar das importações de Angola, entre Janeiro e Agosto do 2012, terem aumentado mais de 1700 por cento para Hong Kong. Além disso, a China é um dos maiores importadores de petróleo e diamantes de Angola. Talvez por isso há vários anos que a angolana Sodiam Diamonds se estabeleceu na RAEHK. Com consulados, Portugal e Moçambique são os outros países com interesse pela China. Algumas grandes empresas lusas são atraídas a Hong Kong pelo comércio do vinho e outras pretendem conquistar os asiáticos com os seus produtos alimentares. Gonçalo Frey-Ramos acredita que “se antes Macau era a escolha natural para a plataforma de apoio no processo de internacionalização de empresas portuguesas para a China, Hong Kong é hoje uma excelente alternativa, ou mesmo a primeira escolha”. As portuguesas Sogrape, Symington Family, Ramirez, Somelos, Jump Willy já abriram escritórios na RAEHK. Por seu turno, Moçambique tem apostado nos recursos minerais que interessam à China que, juntamente com Hong Kong, também absorve a maioria da exportação anual de madeira desse país desde 1997.



* Nicholas Kwan, director da HKTDC

MAIORES MERCADOS DE EXPORTAÇÃO DE HONG KONG



MACAU DUM DELTA MAIOR

Talvez Hong Kong e os países de língua portuguesa se tenham desencontrado todos estes anos por causa da relação extremada entre a lusofonia e Macau. O director de Pesquisa do HKTDC admite que a RAEM possa estar em vantagem, mas isso é visto com bons olhos por Hong Kong: “Quanto mais fizerem nessa área, melhor para a China e para nós, até porque muitas das empresas de Macau são originárias da RAEHK”.

Macau também pode atrair mais investimento da lusofonia por causa da língua e do sistema jurídico, que é mais próximo do português, admite Kwan, destacando o papel complementar que a sua região pode ter: “O tipo de mão-de-obra e os negócios que operam em Hong Kong, como o financeiro, são diferentes e mais variados do que os de Macau, que tem, por exemplo, uma indústria de diversão mais evoluída”. Kwan acredita que nenhuma região é melhor do que a outra. “Vejo mais as cidades a trabalhar juntas, porque as regiões são próximas e pode aproveitar-se o melhor das duas.”

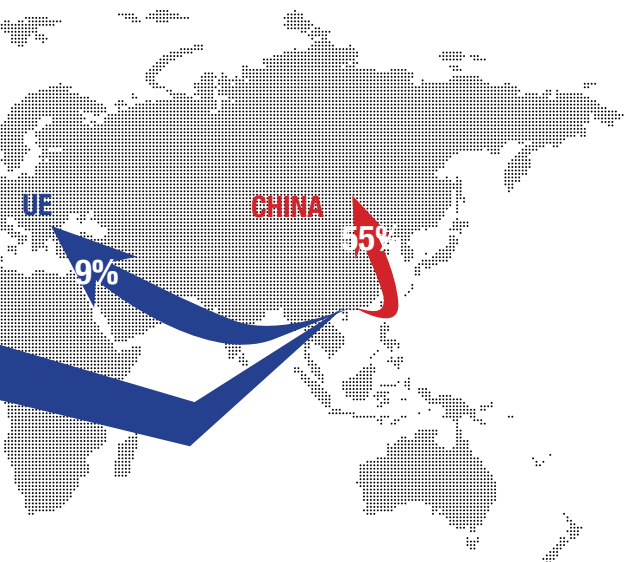


* Gonçalo Frey-Ramos

O que pode levar uma empresa estrangeira a optar por se estabelecer em Macau, Hong Kong ou Cantão pode depender do negócio e do que o fará maximizar-se. O responsável do HKTDC considera que “pode ser mais conveniente e barato viver na China ou em Macau e trabalhar em Hong Kong, mas o contrário também pode acontecer. Pode ser mais vantajoso estar presente na RAEHK e próximo dum aeroporto internacional”.

A maioria dos investidores começa a olhar para as duas regiões administrativas como partes integrantes duma área maior: o Delta do Rio das Pérolas. Kwan prevê que esta zona do sul da China se venha a misturar “de forma interessante, ganhando uma dimensão maior”. Esta aproximação vai aumentar sobremaneira mal estejam concluídas a Ponte de Hong Kong–Zhuhai–Macau e a linha férrea de alta velocidade Jingguangshengang, capazes de diminuir o tempo e os custos das trocas com o Interior da China.

A residir na RAEHK desde 2006, Gonçalo Frey-Ramos trabalhou três anos como responsável do Grupo Valindo na Ásia, deslocando-se todas as semanas ao Interior



da China. Para o gestor, estas duas obras vão aumentar o fluxo de mercadorias e “ajudar Hong Kong e Macau”. Mas o grande impulsionamento será quando houver mudanças tributárias, em especial no sul da China, com vista a facilitar as importações. Mas se há obras que podem trazer prosperidade, outras podem deixar alguns *hong-kongers* preocupados. É o caso da Zona de Comércio Livre de Xangai, que foi lançada no final de Setembro de 2013, e é muito inspirada no modelo de Hong Kong. Apesar da região administrativa ter provado o contrário nas últimas décadas, ainda há quem pense que a abertura da China pode ser um impeditivo ao crescimento da sua economia. Kwan não receia a concorrência desta Zona, que se trata de uma experiência única da reforma económica e financeira da China, com o intuito de captar investimento estrangeiro. Frey-Ramos também acredita que “terá sempre mais limitações do que Hong Kong”.

Sem competição, morre-se. É nisso que acredita Kwan. “A história prova que controlando bem os assuntos domésticos, conseguimos ter uma boa economia. Ultrapassámos a crise regional em 1997, mas levámos dez anos a recuperar porque não sabíamos qual era a nossa concorrência. Em 2007, foi diferente e estávamos mais preparados. A crise tinha outro impacto geográfico mas ultrapassámo-la em cinco anos.”

Kwan não está assim preocupado com as grandes mudanças que operam na China e a tornam mais competitiva e aberta ao mundo. “Há 20 ou 30 anos que se ouve dizer que quanto mais a China se abrir, pior será para nós, mas isso não tem sucedido.” Hong Kong tem muito para oferecer, “porque nos rejuvenescemos e estamos atentos às necessidades”, assegura o responsável. A região tem procurado participar sempre nas alterações da China. E dá um exemplo: “Quando pretendem construir um porto, cuidamos da obra e, depois de concluída, investimos no negócio em si”, acompanhando os processos com criação de firmas. É preciso que se saiba que “muitas das empresas prósperas da China começaram em Hong Kong e Taiwan”. As firmas estrangeiras que se estabelecerem

Em Junho de 2013 existiam 3835 sucursais e representantes de empresas estrangeiras em Hong Kong, o que representa um aumento de 20% desde há uma década. Dessas, 80% negociavam com o Interior da China

na RAEHK podem aspirar a mais e usar os canais privilegiados de acesso ao Interior da China que a região alimenta há anos. “Podem até construir um império se aproveitarem bem a oportunidade”, acredita o responsável do HKTDC. Frey-Ramos diz que há sectores de oportunidade para portugueses em Hong Kong e, consequentemente, no Interior da China. “É o caso da cortiça, couros, mármore, azeite, conservas, lacticínios e de serviços criativos”, assegura este empresário que, em 2009, “no meio da crise”, abriu em Hong Kong a sua própria consultora. “A Okosu Solutions presta apoio a empresas europeias a fazer negócio na Ásia”.

PRÓS E CONTRAS

Há muitas vantagens em montar um negócio naquela que é uma das economias mais livres do mundo. Frey-Ramos aponta o sistema fiscal como um dos grandes atractivos: “Paga-se cerca de 16 por cento sobre os lucros e quase todas as despesas podem ser descontadas, com excepção, por exemplo, das compras de supermercado”. E se houver um ano em que se tem prejuízo, no ano seguinte de lucro, primeiro abate-se a perda e só depois é que se faz o cálculo para o imposto. As facilidades são tantas que até se diz “se não conseguir ter sucesso em Hong Kong, não conseguirá em parte alguma”. Também é fácil mudar de sector de actividade e o nome da empresa pode ser alterado de um dia para o outro, assegura o consultor português.

CALENDÁRIO DAS FEIRAS EM HONG KONG

Hong Kong International Diamond, Gem & Pearl Show 2014

3-7 Março

Hong Kong International Jewellery Show 2014

5-9 Março

Affordable Art Fair

20-23 Março

Hong Kong International Film & TV Market

24-27 Março

Hong Kong International Lighting Fair 2014

6-9 Abril

Hong Kong Electronics Fair

13-16 Abril

International ICT Expo

13-16 Abril

Hong Kong Houseware Fair

20 -23 Abril

Hong Kong International Home Textiles and Furnishings Fair

20-23 Abril

Hong Kong Gifts & Premium Fair

27-30 Abril

HK Int'l Printing & Packaging Fair 2014

27-30 Abril

Entrepreneur Day

2-3 Maio

Hong Kong International Medical Devices and Supplies Fair

7-9 Maio

Hong Kong Senior Fair and Senior Expo Asia

9-11 Maio

International Antiques Fair

24-26 Maio

Vinexpo Asia-Pacific

27-29 Maio

A Ponte de Hong Kong–Zhuhai–Macau deverá estar concluída em 2016. Irá ligar o Delta do Rio das Pérolas e reduzir o custo e o tempo de viagem dos visitantes e dos bens de consumo entre Hong Kong e a zona ocidental do Delta, aumentando a competitividade



BREVE MANUAL PARA CRIAÇÃO DE EMPRESAS NA RAEHK

Hong Kong é regido pelo não intervencionismo positivo e é extremamente dependente do comércio e das finanças internacionais. A economia é essencialmente virada para os serviços.



1. DECIDA O NOME E TIPO DE EMPRESA

Se já tem ideias sobre o nome, faça uma busca em Cyber Search Centre of the Integrated Companies Registry Information System para ver se não há outra empresa com esse nome. O nome não pode incluir palavras restritas e tem de ser único. Poderá ser em inglês e/ou em chinês.

Pode optar por criar uma companhia limitada, uma sucursal de uma empresa já existente, ou uma representação

2. REGISTE O NEGÓCIO

- Desde de 2011 que este processo se tornou mais simples. Ao registar-se uma empresa limitada também se faz automaticamente o registo fiscal. O registo pode ser feito online em CR's e-Registry (<<http://www.eregistry.gov.hk/>>):

- No Company Registry (equivalente às conservatórias portuguesas)
 - permite o registo de incorporação
 - custa HKD 1720
- No Inland Revenue Department (IRD) (equivalente à Direcção-Geral de Impostos)
 - atribui a licença (*Business Registration*) que
 - permite fazer negócio.
 - Custos entre HKD 250 e 2450/ano
- Custos adicionais
 - HKD 150 para a Declaração Anual de Rendimentos (*Annual Return*)
 - avença do contabilista: entre HKD 8000 e 12.000 HKD/ano fiscal
 - HKD 2500/ano pelo serviço de secretariado, se necessário (o secretário tem de ser residente em Hong Kong)

3. ABRA CONTA NO BANCO

- Mal esteja na posse dos documentos de registo da empresa, pode abrir conta. Uma conta bancária empresarial pode conter várias moedas de outros países, como sejam o yuan ou o dólar americano.

4. MONTE ESCRITÓRIO

Há muitas opções, desde ter um escritório virtual a um já mobilado e com serviço completo. As zonas preferenciais são Central, Causeway Bay, Admiralty, Tsim Sha Tsui ou Wanchai.

- Escritório com 50m²
 - HKD 15.000 a 20.000
 - contratos de 2 anos, sendo possível sair ao 13º mês
- Posto de trabalho já montado
 - inclui mesa e cadeira
 - entre HKD 4000 e 5000
 - Contratos semestrais ou anuais
- Escritório virtual
 - Taxa mensal
 - direito a uma morada comercial (necessária para registar a empresa)
 - Pode incluir serviço de telefone e fax e há recolha de correspondência
 - Contratos são anuais
 - Plano básico: apenas para efeitos de registo, poderá custar HKD 100/mês

5. TRATE DO VISTO

Há vários tipos de visto, de trabalho, de investimento, entre outros. Se a empresa for unipessoal, o único sócio individual de uma empresa não se poderá contratar a si mesmo, para esses casos existe os vistos de investimento.

Para contratar um estrangeiro é preciso:

- provar que este tem competências especiais, conhecimentos ou experiência que não está disponível em Hong Kong
- Comprovar capacidade financeira para isso

Custos: Patrocinar emprego a um estrangeiro só implica despesas administrativas da candidatura.

Alternativa: É mais fácil patrocinar o visto dum candidato estrangeiro se tiver como sócia uma empresa estrangeira com capacidade financeira e capaz de se comprometer a apoiar financeiramente a empresa de Hong Kong.

Como seria de esperar, “há muita gente em Hong Kong a arriscar” e a lançar-se no mundo empresarial, mas nem todos os negócios são bem-sucedidos, porque é preciso ter alguma capacidade financeira. É que as rendas não são baratas e essa é claramente uma desvantagem (ver manual de criação de empresa na página seguinte). Quase 80 por cento do território está destinado a parques. “Usamos menos de 30 por cento para todo o tipo de infra-estruturas, estando daí apenas 15 por cento destinado a residências para 7 milhões de pessoas”, elucida o director de Pesquisa do HKTDC, que não tem dúvidas de que a RAEHK tem uma maior densidade populacional que Macau.

Para João Seabra, co-fundador da Jump Willy, uma empresa especializada em 3D, 2D e composição musical que, em Setembro de 2013, abriu um escritório na RAEHK, uma das vantagens da região é “o rápido *networking* e a importância que é dada às relações profissionais. Todos os momentos são bons para falar de trabalho”. Também lhe agradou o facto da sua área de actividade, as Indústrias Criativas, ser “um dos maiores vectores de investimento do governo de Hong Kong”. Esta empresa, que pretende conquistar a Ásia com a sua criatividade, recebeu recentemente um Golfinho de Prata em Cannes.

O último trecho de 36km da Linha de Alta Velocidade Jingguangshengang (Pequim-Zhengzhou-Wuhan-Cantão-Shenzhen-Hong Kong) estará concluído em 2015, com um total de 2230 km de extensão. A viagem de Pequim a Hong Kong levará só 10 horas

Não é necessário viver em Hong Kong para montar uma empresa na região. Kwan garante que se pode ser criativo na abordagem e sem ficar a perder: “Basta ter uma ligação à RAEHK para criar uma firma e poder desfrutar das vantagens locais”. Assim se evita também o custo de vida elevado, o congestionamento da cidade e ainda contratar pessoal com formação que, apesar de ser de qualidade, pode ser custoso. Kwan avisa que o governo não oferece muitos incentivos aos empresários estrangeiros mas os processos são facilitados. “Temos um sistema muito liberal para criar uma empresa em menos de uma hora. É quase como ir a um supermercado.” Frey-Ramos lembra que existem instituições locais que dão apoio depois da empresa estar formada. O InvestHK é uma dessas e “há outras organizações e fundos que ajudam a custear as participações nas feiras em Hong Kong”, como a SME Development Fund, do Departamento de Comércio e Indústria, que pode comparticipar 50 por cento do total.

Há cada vez mais empresários dos países de língua portuguesa a participar nas feiras temáticas de Hong Kong, uma das grandes apostas do governo. “Atraem muitos clientes chineses, de compradores a fornecedores”, sublinha Kwan, que se orgulha da RAEHK acolher “feiras de vinho muito importantes”, pois é o maior centro do mundo para o comércio deste produto isento de imposto na região. Em Novembro, um grupo de 43 produtores portugueses de vinho marcou presença na Wine and Spirits Fair. “Apesar de não sermos produtores nem consumidores consideráveis, temos apostado na cultura para saber apreciar vinho e tal não se destina apenas a uso interno, pois também ajudamos os chineses do Continente a aprofundarem os seus conhecimentos deste produto”, aponta Kwan. As feiras são muito diversificadas e anuais, dedicando-se à joalheria, aos têxteis, ao mobiliário, entre outras áreas. Também são várias as conferências para troca de experiências que juntam empresários de todo o mundo. Hong Kong tem-se afirmado como um centro de convenções e exposições na Ásia e encontrou assim uma forma de dinamizar ainda mais a sua economia, sem com isso congestionar o seu território. ●



FUTSAL JOGAM ELAS!

Primeira selecção chinesa de futsal feminino faz história e dá pontapé de saída com o treinador português André Lima

Texto **Vera Penêda**, em Pequim

Cinco de cada lado do campo, chutam, correm e fintam com garra. Vestem calções e calçam chuteiras, como é habito. É o cabelo atado em rabo de cavalo e as unhas pintadas que denunciam a novidade deste jogo. A primeira selecção feminina da história do futsal na China, constituída por estudantes, estreou-se em campo há um ano em Chengdu, no sudoeste da China. As pioneiras de chuteiras nunca jogaram futsal antes de integrarem esta nova selecção, mas para algumas o chuto na bola mudou o rumo da vida.

Estes primeiros passos, ou talvez seja melhor dizer, pontapés, do futsal feminino na China têm marca lusa. O fundador e treinador desta equipa pioneira é o técnico português André Lima, de 42 anos, que também treina a selecção chinesa de futsal masculino. Além de Lima, o futebol continua a ser o único cartão de visita de Portugal na China, dizem as primeiras mulheres chinesas a jogarem futsal.



SONHO DE CHUTEIRAS

"O meu sonho é jogar internacionalmente, ver multidões a aplaudir a nossa equipa e cantar o hino nacional no pódio", diz Zheng Jin que, com 30 anos, é a jogadora mais sénior e co-capitã da equipa. Considerando que o futsal chinês ainda está a ganhar terreno, é fácil entender a falta de adeptos e de palmas nas fileiras do público. O entusiasmo e dedicação das jogadoras e do treinador português pretendem contribuir para alterar este cenário. Tal como algumas das suas companheiras, Zheng sonha com uma carreira profissional. "O primeiro jogo amigável foi contra uma equipa masculina local de sub-18. Foi muito emocionante!", descreveu Zhang Qiannan, a outra co-capitã, que joga à defesa. "Foi ótimo poder pôr em prática a estratégia e passes que aprendemos durante os treinos. E marquei um golo!", contou emocionada, confessando que, em menos de dois minutos, a equipa adversária marcou dois golos. Tal como a sua companheira de equipa Zhang, Zheng é de Qingdao, nordeste da China, tem 26 anos e uma licenciatura em

Desporto. "Estávamos um pouco intimidadas, os jogadores eram todos muito altos", apontou Zheng Jin, formada em Educação Física.

"Mas a nossa prestação acabou por superar as expectativas." O resultado final foi de 6-6.

"Elas estão a estrear-se em futsal. Estas jogadoras só tinham experiência em futebol de 11", nota André Lima. "A modalidade ainda é amadora e não há um campeonato nacional. As 21 jogadoras são todas estudantes, têm entre 20 e 30 anos, são de diferentes províncias da China e jogam futebol nas equipas femininas universitárias. Mas elas estão muito motivadas. Há uma boa organização e há vontade."

CHUTANDO O PRECONCEITO

Como cabe aos projectos pioneiros, a equipa feminina de futsal chinesa está não só a desbravar terreno para garantir um equilíbrio numa modalidade desportiva que é dominada por protagonismo masculino, mas também está a elevar o estatuto de um desporto que é maioritariamente visto como amador. "A constituição desta equipa feminina é uma



Como cabe aos projectos pioneiros, a equipa feminina de futsal chinesa está não só a desbravar terreno para garantir um equilíbrio numa modalidade desportiva que é dominada por protagonismo masculino, mas também está a elevar o estatuto de um desporto que é maioritariamente visto como amador

jogada sensata no sentido de desenvolver o futsal mas também de promover o profissionalismo do futebol feminino em geral na China", realça Hu Yingjie, de 22 anos, que joga no meio campo. A jogadora de Hangzhou, no leste do país, é estudante universitária de jornalismo em Pequim e acredita que o futsal feminino pode influenciar uma mudança social. "O jogo no feminino é mais fluido e agradável. O progresso da equipa vai contribuir para reduzir o preconceito na modalidade."

Para Lima, também é a primeira vez como dirigente de uma quadra feminina. "Treinar uma equipa feminina tem algo de especial. A vontade de aprender é superior a que existe na equipa masculina, daí [estas jogadoras] aprenderem muito mais rápido, o que para um treinador é ótimo. São muito unidas dentro do campo e muito solidárias", notou Lima. "A principal diferença é a intensidade dos jogos e dos treinos. Mas estas jogadoras não ficam atrás de uma equipa masculina quer seja na aprendizagem táctica, técnica ou motivacional."



DESPORTO

recreativo ou uma via para o pódio olímpico, a nova equipa feminina de futsal também está a abrir portas para uma nova carreira profissional. Zheng, seleccionada para a equipa nacional aos 30 anos de idade, contou como o futebol mudou a sua vida e as expectativas de carreira que deposita no futsal. "Comecei a jogar futebol quando era miúda e o desporto ajudou-me a ser mais extrovertida, confiante, independente", lembrou, orgulhosa do seu percurso. "Devido ao futebol, tive acesso a uma das melhores universidades, fiz muitos amigos, sou respeitada e passei a ser a principal fonte de rendimento da minha família. Ser seleccionada para esta equipa nacional aos 30 anos de idade é mais uma conquista."

SEM PITADA DE PORTUGAL

André Lima entende-se com as suas quadras, masculina e feminina, através de um tradutor. A grande maioria dos jogadores chineses não comunica em inglês e sabe pouco acerca de Portugal. "Só sei que Portugal organiza um torneio anual de futebol feminino, o *Algarve Cup*. Também fiquei a saber através de amigos que é um país com uma paisagem linda, céu e mar azuis", aponta Zheng, acrescentando o nome de Cristiano Ronaldo e Figo às referências.

As respostas repetem-se: "Por causa de Cristiano Ronaldo, sei um pouco acerca de Portugal", disseram outras jogadoras. Apesar das vagas alusões lusas, a equipa mostra-se contente por estar a trabalhar com um dirigente estrangeiro. "Estou impressionada com a motivação do treinador e o efeito positivo na equipa", realça Zhang. "Ele é entusiasta e traz com ele uma abordagem nova em termos de metodologia e tática." A co-capitã concorda: "Penso que ele presta mais atenção aos detalhes e deposita confiança em nós. Ele enfatiza a importância de desenvolver as nossas capacidades individuais e a confiança na equipa", descreve Zheng.

O técnico português chegou há três anos à China, e depois de levar o *Guang Gu Guang Ming*, de Guangdong, a sagrar-se campeão nacional de futsal, Lima passou a orientar a selecção chinesa de futsal masculino no verão de 2012. "Fui o primeiro estrangeiro a chegar ao futsal chinês. Agora já há cá vários



O técnico português chegou há três anos à China, e depois de levar o *Guang Gu Guang Ming*, de Guangdong, a sagrar-se campeão nacional de futsal, Lima passou a orientar a selecção chinesa de futsal masculino no Verão de 2012



jogadores e treinadores de Espanha, Brasil e outros países", aponta o técnico.

FUTSAL COM FUTURO

"Eu quero é desafios", afirma Lima, que propôs criar uma equipa feminina de futsal. A Associação Chinesa de Futebol aceitou, seleccionando jogadoras das equipas universitárias de futebol feminino. Lima garante que trabalhar num país sem tradição futebolística também oferece oportunidades. "A China está a dar os primeiros passos rumo a um futsal mais organizado e competitivo. Não fazia sentido não existir uma selecção feminina de futsal como já existe uma para futebol e outras modalidades, além disso, quase todos os países da Ásia já têm uma selecção feminina." Satisfeito com a evolução da equipa e os resultados das primeiras partidas, Lima já está a projectar o futuro. "O importante é

promover a modalidade no país. Para já a sede da selecção está em Chengdu, mas a ideia é estender a iniciativa a muitas cidades na China. Esperamos criar uma liga nacional de futsal feminino, a nível universitário, regional e nacional," acrescentou.

Cada vez mais feliz com o novo fôlego que a sua carreira tomou no Oriente, o antigo jogador e treinador do Benfica, que foi campeão europeu de futsal em 2010, não pretende deixar o Império do Meio. "A China está a crescer a todos os níveis e o futebol não é excepção. Com a vontade de aprender que os chineses revelam, acredito que a China será uma das maiores potências de futsal do mundo. E eu quero contribuir para essa evolução, quero deixar a minha assinatura nesse processo de crescimento. Quero que digam, no futuro, que a China começou a apostar no futsal com o André Lima." ●

UMA MULHER DE CAUSAS

É o rosto da comunidade portuguesa. Perseverante, dotada de uma energia ímpar e sempre pronta para estender a mão, Maria Amélia António é uma mulher de causas. De Lisboa a Macau, abraçou várias. A pretexto da sua recente condecoração fica a (des) conhecida faceta de uma figura consensual

Texto **Diana do Mar** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



PERFIL

Cedo se fez à vida. Foi trabalhar quando outros foram estudar e aos 17 anos tornou-se numa mulher independente. A universidade só chegou depois do 25 de Abril de 1974. Antes, porém, envolvida no movimento sindical e democrático, passou por “experiências inacreditáveis” durante a ditadura de Salazar em Portugal. E, por duas vezes, esteve presa. Em 1982 aporta em Macau, onde viria a abraçar outras causas, escrevendo novos capítulos de uma história que não é só sua.

Natural de Lisboa, Maria Amélia António nasceu em 1945 no seio de uma família típica da época: o pai era motorista e a mãe dona de casa. Aos sete anos, acabada de entrar para a escola, perdeu a figura materna, ficando sob os cuidados de tias. Porém, a morte da tia Júlia – a “patriarca” como lhe chama – quando acabou o sétimo ano do Liceu implicou nova reviravolta: “Foi tudo reformulado nessa família e nessa casa. Tive de me fazer à vida e ir viver sozinha aos 17 anos. Foi muito duro”, conta.

Sem condições financeiras para prosseguir os estudos, a universidade foi colocada de parte. “Fiz um percurso um pouco diferente”, constata Maria Amélia António. O primeiro emprego foi num laboratório de análises clínicas.

Seguiram-se passagens pelos Correios, por uma cooperativa livreira ou mesmo pelo balcão de uma loja de bordados, não necessariamente por esta ordem, com a lista a incluir trabalhos temporários. “Fiz de tudo e aprendi muito.”

E foi enquanto trabalhadora-estudante que frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, a partir de 1974 com a abertura dos cursos nocturnos. Na altura, estava ao serviço do Sindicato dos Bancários Sul e Ilhas.

Dado o percurso que trilhou, muito pelo que ditaram as circunstâncias, Amélia António acompanhou os movimentos estudantis à distância: “Nos meus tempos de estudante, éramos um pouco observadores. Só quando estava no sétimo ano é que se começou a falar de um movimento ao nível dos liceus, mas era uma coisa que mal se ‘cheirava’ ainda.

Depois é que as coisas ganham mais força e eu acompanho-as a trabalhar, mas não participando propriamente nelas”.

“Venho é a estar envolvida depois ao nível do movimento sindical e do Movimento Democrático”, explica, com dificuldade



em destacar momentos marcantes. Houve “muitas coisas”, além do próprio 25 de Abril, naturalmente, apontou, levantando o pano relativamente a dois episódios sobre os quais evita falar, com um desfecho comum: a prisão. Amélia António é presa pela primeira vez em 1970/71, durante cerca de uma semana, quando participava numa campanha de recenseamento. Aproximadamente um ano depois, volta a ser detida, desta feita, num caso “mais complicado” ligado à contestação da guerra colonial, acabando por ser libertada ao fim de três meses. Amélia António trabalhava na Devir, uma cooperativa livreira constituída, em 1969, com o resto dos fundos da campanha das eleições às quais o Movimento Democrático Português (MDP/CDE) concorreu, à semelhança de outras, dinamizadas na altura em vários pontos de Portugal. Contudo, “quando o Governo começou a perceber o ‘perigo’ [risos] que aquela



Natural de Lisboa, Maria Amélia António nasceu em 1945 no seio de uma família típica da época: o pai era motorista e a mãe dona de casa. Aos sete anos, acabada de entrar para a escola, perdeu a figura materna, ficando sob os cuidados de tias

dinamização cultural representava começaram a atacá-las e foram sendo fechadas”. “Em Lisboa, havia a Livrelco – que teve um papel muito importante e depois foi constituída a Devir. Foi uma experiência, com aquelas visitas praticamente semanais da PIDE... Sempre que saíam livros eles estavam a entrar porta dentro. Entravam e viam tudo, faziam uma radiografia aos títulos e, se algo chamava a sua atenção, identificavam-se e faziam um auto de apreensão. Passamos cenas engraçadíssimas e heróicas.” Às vezes, eram eles a entrarem por uma porta e amigos a saírem por outra, com malas de viagens cheias de papéis, em busca de um autocarro sem degrau para que pudessem dar, literalmente, o ‘salto’ à última hora, já no arranque, sem o risco de serem seguidos. Durante esse período, “estava por minha conta”, pelo que os riscos eram “somente pessoais”, justifica.

Na memória que guarda, no ano que antecedeu a Revolução dos Cravos, muita gente foi presa. “Havia muitas famílias com problemas de subsistência” e, por conseguinte, urgia agir. “Um dia perdemos a cabeça e fizemos flores de papel e fomos vendê-las para a porta do cinema, em plena Avenida da Liberdade, pedindo ajuda para as famílias de presos políticos. As pessoas ficavam de boca aberta, gagas... O desespero e a dificuldade eram tão grandes que acabávamos a fazer loucuras. Era aflitivo: Cada vez que havia uma vaga de prisões, as pessoas ficavam completamente abandonadas, pois já viviam muito mal. Arranjar maneira de as ajudar era um quebra-cabeças.”

Na universidade, em 1975, conhece Henrique Saldanha. “Ele era monitor de Direito Constitucional [risos], dava as aulas práticas. Foi um tempo fascinante que alterou de novo o rumo da minha vida”, salienta a advogada.

ADVOCACIA EM MACAU E O MEDO DE EXISTIR

Estávamos em 1982 quando Amélia António chegou a Macau. Trouxe-a então precisamente a vinda do marido, desafiado com um convite para trabalhar no então Instituto Emissor (hoje Autoridade Monetária). Nos primeiros tempos a Oriente, prestou apoio logístico a investidores num escritório mas, rapidamente, embarcou numa aventura pioneira: a de abrir o primeiro

PERFIL

escritório colectivo de Macau.

“É um disparate! Não vai funcionar”, alertavam as vozes da altura, num discurso que, aos olhos de hoje, “parece ridículo”. Porém, “funcionou”, constatou. Amélia António, Alexandre Correia da Silva, Carmona e Silva e, mais tarde, Henrique Saldanha formavam aquele que era chamado de “Bando dos Quatro”, uma expressão muito em voga no início dos anos 1980 por causa do julgamento do grupo ao qual pertencia a mulher de Mao Zedong, que viria a ser condenada. “Eu era a Jiang Qing [risos]... Era uma piada entre os advogados. A malta é que brincava com isso. Chegou a ter essa alcunha, sim”. “Abrir sozinho não era fácil e nós conheciamo-nos, pelo que surgiu então a ideia de nos juntarmos”, explica Amélia António, portadora da célula número 17, numa época em que havia cerca de duas dezenas de advogados em Macau.

Mais tarde, Amélia António viria a desempenhar também, com um grupo de advogados dessa geração, um importante papel ao nível da própria classe. “A determinada altura, começou-se a falar da transição, do que ia acontecer e levantou-se a questão de estender a Macau a Ordem dos Advogados ou de criar um organismo próprio”, pelo que, a fim de evitar que a discussão ‘emperrasse’ nessa dualidade, no final dos anos 1980 foi constituído um grupo de trabalho, do qual fazia parte, incumbido de estudar os prós e os contras.

“Foi tudo escarpelado, fizeram-se contactos com o Governo e a Ordem e conseguiu-se provar por A+B que a solução da extensão da Ordem não funcionava, não servia os interesses futuros da profissão e por unanimidade decidiu-se constituir a associação” de direito privado, com a escritura no cartório das Ilhas e a escolha para a liderança a recair sobre Carlos d’Assumpção, o decano da classe, lembra. Outra grande mudança seguir-se-ia com a alteração do Estatuto Orgânico de Macau pela Assembleia da República, a qual vem permitir a constituição de associações de direito público, em 1991. Não faltava muito para a transferência de administração e “já percebíamos que ia ser muito complicado, por isso eu e o Francisco [Gonçalves Pereira] – que estávamos na direcção – fomos ter imediatamente com o então secretário-adjunto da Justiça, Sebastião



* Arquivo pessoal

- 1 Amélia António com o marido, Henrique Saldanha, e os filhos Noel e Clara
- 2 Com Henrique de Senna Fernandes
- 3 Numa recepção com Xanana Gusmão, antigo presidente de Timor-Leste
- 4 Com Florinda Chan, secretária para a Administração e Justiça da RAEM, e António Costa, presidente da Câmara de Lisboa

Póvoas, frisando: ‘Temos de o fazer já. Para ontem, antes que seja tarde’”. Obtida a “máxima colaboração”, o estatuto do advogado “foi feito em três tempos, com algumas deficiências, mas não estávamos preocupados. Corrigir era a qualquer tempo, fazer não!”

“Foi criado o prazo para se convocar uma assembleia-geral para aprovar a transformação da associação, elaborar regulamentos, o código deontológico, enfim, a legislação necessária e assim foi. Ficou constituída de direito, com os seus órgãos eleitos e mais nenhuma profissão liberal – as quais normalmente são reguladas – conseguiu fazer o processo de auto-regulação porque acordaram todos muito tarde”, realçou Amélia António, que ocupou o cargo de secretário-geral.

Ainda assim, “houve alguns momentos de dúvida se, naquela apreciação que ia ser feita das leis que se iam manter em vigor, poderia haver problemas com o estatuto do advogado e com esta auto-regulação, mas correu tudo bem!” Apesar de alguma “fricção”, “a maioria entendeu que não devia mexer no assunto e deixá-lo para a Região Administrativa Especial”, conta Amélia António, sem esconder o orgulho



de ter participado nas causas da classe. Por isso é que, às vezes, partilha, “faz-me muita confusão quando oiço gente nova na profissão a dizer certas coisas e a tratar a advocacia como se ela fosse meramente comercial porque esses colegas não percebem o quanto foi preciso para conseguir o que têm hoje nem a importância disso, nem a diferença entre ter e não ter garantias para o exercício da profissão e os deveres que lhe são inerentes”. “É uma história relevante do nosso passado, algo que fizemos colectivamente de extrema importância para Macau”, sublinhou.

Na década de 1990, Amélia António foi eleita para representar a classe no Conselho Judiciário de Macau, o qual viria a cair com a transferência em 1999 e a nova organização judiciária e os novos órgãos. Já na era RAEM, cumpre um mandato (2001-2003) como presidente do Conselho Superior de Advocacia. Apesar de dizer que mal consegue pôr a sua própria história de pé, pela dificuldade em precisar as datas dos acontecimentos, desta não tem dúvidas, por uma simples razão: “Foi o ano em que se constituiu a Casa de Portugal”, processo do qual esteve afastada precisamente por estar

“ocupadíssima” com esta função.

Contudo, Amélia António entra logo no biénio seguinte (2003-2005) para a Mesa da Assembleia-Geral. À presidência chegou em 2005 e manter-se-á aos comandos, pelo menos mais dois anos, após ter sido reconduzida, no início deste ano, para um quinto mandato. Embora seja o rosto da Casa de Portugal em Macau, Amélia António, mesmo quando se trata de falar de si, expressa-se sempre no plural. “Nós pensamos, fizemos, criamos”, isto quando outros afirmam que uma iniciativa ou ideia foi exclusivamente da sua autoria, sendo difícil ‘desviar’ o discurso de Amélia António para si própria.

Nos primeiros tempos na Casa de Portugal, a missão era clara: “Não deixar que as cadeiras ficassem vagas, sob pena de alguém se sentar nelas”. Esse era o “grande desafio” da época, “pelo que o trabalho foi muito vocacionado para esta reafirmação, num período em que chegaram a Macau outras comunidades com muita força, como a americana e a australiana”. “Isso criou a consciência de que estava em causa a nossa presença e a própria identidade de Macau”, sublinhou.

Depois desse desafio, outros vieram. A Casa de Portugal foi absorvendo a vida de Amélia António, que hoje não vive sem ela. O seu dia-a-dia, diz, “é muito complicado”. Há assuntos para tratar de manhã à noite: pessoas para ver, contactar, sítios para ir, seja a nível do escritório de advogados, da Casa de Portugal ou no plano da vida familiar. “Há muito tempo que deixei de ter tempos livres”, diz, soltando uma gargalhada. “Gosto de viajar, gosto de praia, de estar calmamente a ler, mas hoje é praticamente impossível” e quando o relógio permite uma folga apressa-se a resolver o que ficou para trás. Ao contrário da maioria das pessoas, Amélia António lê os jornais ao final do dia, num serão que também inclui, às vezes, um pouco de televisão, para “quebrar”. Nos dias que correm, lamenta também ser raro conseguir ir a um espectáculo, com a “sobreposição” de convites para as mais diversas inaugurações ou actividades. “Não faço o que quero, faço o que me deixam e a vários níveis”, atira.

À MESA DE UMA FAMÍLIA LUSO-CHINESA

Face à “roda-viva”, Amélia António diz ser “grande” o esforço que tem de fazer para conseguir jantar em família o maior número de dias da semana, sendo que os horários (os seus, os do marido e os escolares) também ditam em que dias almoçam com os filhos. Não se pode dizer que tem um prato preferido, porém, há um ‘menu’ que lhe aviva memórias de infância. Quando era miúda desejava-o sempre pelo dia do aniversário: salsichas frescas com couve lombarda, sopa de conchinhas e pastel de nata. “Ficou de criança. É só uma recordação a que achamos piada. O meu pai perguntava-me o que queria e eu dizia sempre aquilo porque era algo que não comia durante o resto do ano... Era uma grande festa...”

Noel e Clara, ambos com 16 anos, entraram na vida de Amélia António (ou ela entrou na deles) em 1997. “Nós queríamos adoptar, inscrevemo-nos em Macau, mas sabendo que era difícil – havia menos crianças e muitos interessados –, fizemos uma pesquisa à volta, preparámos e enviámos, em paralelo, o processo para a China, a ver o que acontecia. Ficamos à espera e quando subemos que o pedido estava aprovado e podia avançar, também recebemos o ‘sim’ relativamente à autorização

Embora seja o rosto da Casa de Portugal em Macau, Amélia António, mesmo quando se trata de falar de si, expressa-se sempre no plural. “Nós pensamos, fizemos, criamos”, isto quando outros afirmam que uma iniciativa ou ideia foi exclusivamente da sua autoria, sendo difícil ‘desviar’ o discurso de Amélia António para si própria

para adoptarmos o Noel em Macau. “Foi uma coisa absolutamente... Pensámos: se este está autorizado e o outro pode avançar, então avançam os dois. Não vamos escolher”, descreve. “Foi um duplo Ah!” e, como se resolveram os dois, vieram os dois. Noel foi o primeiro a chegar a casa com pouco mais de um mês. No caso da Clara, as dificuldades burocráticas desencadearam uma série de peripécias. “Quando a fomos buscar, ao chegarmos à fronteira não pudemos sair, porque ela não tinha um bilhete para Portugal nem uma prova de que estava autorizada a entrar em Portugal. O meu marido regressou a Macau para estar com o Noel e eu fiquei na China e tive de ir a Pequim para resolver os problemas junto da nossa embaixada. Fiquei vários dias com ela sozinha à espera de resolver o problema e ia sendo um sarilho porque a embaixada nunca tinha tido que resolver uma situação daquelas e andava em consultas com Portugal”, relata Amélia António que resolveu, face ao impasse, pegar no telefone e fazer os seus próprios contactos. Clara tinha sete meses. Durante o dia, passeavam, a gastar o tempo, até que fossem horas de ligar para Portugal e “chatear meio mundo”. Tudo acabaria por ficar resolvido, a lição fora aprendida e serviria para ajudar futuras mães em idêntico processo. No final do ano passado, Amélia António foi distinguida pelo Governo da Região Administrativa Especial com a Medalha de Serviços Comunitários, dois anos depois de a Casa de Portugal ter sido agraciada com a de Mérito Cultural. ●

“ELA É PEQUENINA MAS ENCHE UMA SALA”

Traçar o perfil de Maria Amélia António não se afigura tarefa simples nem mesmo quando confiada a amigos. Mas Filomena McGuire, Frederico Rato e Maria Antónia Espadinha aceitaram o desafio

Texto **Diana do Mar**

Começar é sempre o mais difícil. Vêm os adjectivos, sobrepondo-se uns aos outros, com significados idênticos, engrossando a narrativa. Os risos são uma constante na hora de contar histórias com Maria Amélia António como protagonista.

Quando se conheceram em Macau há 30 anos, perceberam ter “muito em comum”. Andaram em “caminhos muito próximos” em Lisboa “sobretudo ao nível do sentimento e da luta antifascista”. Mas, por vezes, e não obstante a pequenez da cidade, passa-se um ou dois meses sem um encontro. Porém, sempre que uma ocasião, mesmo que mais formal, o proporciona, fazem a “festa”. Aí, “cumprimos os nossos rituais e conspiramos, porque gostamos muito de conspirar”, diz Frederico Rato.

Amélia António “foi e continua a ser uma mulher de causas, dotada de sentido de humor – às vezes um pouco ácido, quando quer deixar algum recado – mas é uma mulher com sentimento, que ama e barafusta e também se irrita com situações menos desejáveis”, descreve o advogado, “puxando” de um episódio.

Estávamos em 2010. O então primeiro-ministro português José Sócrates encontrava-se de visita a Macau e previa-se uma passagem pela Casa de Portugal, onde faria um discurso de circunstância. Quando o esperavam, o carro em que seguia avançou para a área junto ao consulado.



“Quando ela percebeu que não abrandava, e que ficavam goradas expectativas de se exporem problemas que deviam ser alvo da atenção dele relativamente à comunidade portuguesa, irritou-se, saltou para a via, e disse em alto e bom som: ‘É aqui que deve parar’”.

“Foi um acto impressionante, não só pela audácia, mas também pelo atrevimento físico. Claro que o senhor primeiro-ministro e a comitiva perceberam logo o ar de protesto e de irritação legítima da nossa presidente e, depois da parte institucional do consulado, ele dirigiu-se a pé às instalações da Casa de Portugal, cumprimentando e perguntando, com um ar muito desportivo e risonho: ‘Pensavam que vinha a Macau e não vinha à Casa de Portugal?’ Ela ficou um pouco mais possessa com o ar displicente como ele quis passar por cima do episódio, mas disse o que tinha para dizer e pronto. Foi um episódio demonstrativo da sua personalidade em várias facetas: a cômica, a séria, do sentimento pelas situações, foi marcante! Ela exigiu que o senhor primeiro-ministro tivesse tempo para ouvi-la e ele teve de arranjar mesmo.” Uma peripécia “engraçadíssima”, nas palavras de Maria Antónia Espadinha, que também se lembra bem quando, dois anos mais tarde, Amélia António “enfrentou” Paulo Portas, à época ministro dos Negócios Estrangeiros e hoje vice-primeiro-ministro.

“MEDALHA” DE MÉRITO ALTRUISTA

A professora universitária Maria Antónia Espadinha “cruza-se” com Amélia António numa época em que se procurava alguém para “pegar” na Casa. Hoje, avalia, “foi uma boa aposta”, sobretudo “por causa do coração do tamanho do mundo” que lhe devia valer não a Medalha de Serviços Comunitários, com a qual foi agraciada, mas a de “mérito altruísta”. “Ela ajuda toda a gente. Quando pensamos, por exemplo, no que ela e um grupo de pessoas fizeram por Timor...”

Essa causa também marcou a médica Filomena McGuire. Participou numa “segunda parte” da missão, iniciada com uma visita à jovem nação, onde eram berrantes as dificuldades. “Eles primeiro arranjaram a escolinha e depois conseguiu-se organizar outra viagem que os miúdos, incluindo os meus e os dela, nunca mais vão esquecer. Nunca vi tantos órfãos juntos... Houve muita entreajuda, mas ela foi o grande motor”, sublinha a médica pediatra. Frederico Rato também participou activamente ao lado de Amélia António como seu vice-presidente: “Ela como maestrina e nós como executantes”. Apesar do trabalho a várias mãos, “o que avulta foi a dedicação que ela, em concreto, deu a essa causa e o bem e o conforto que proporcionou a muitas pessoas”, destaca o advogado.

“Ela quando acha que tem de se fazer uma coisa, vai para a frente. Fala, pede. Não pede para ela, mas para outros. Vai procurar soluções e as pessoas não fazem ideia que é ela que as arranja, porque nem sempre se conseguem apoios”, enfatiza Maria Antónia Espadinha.

Contudo, pelo meio, também sofrerá “desilusões”. “Houve um grupo de timorenses que veio estudar presuntivamente para cá, logo a seguir à independência. A ideia era formar quadros e veio um grupo de dez jovens. Só que aquilo não estava bem organizado e ela acabou por deitar-lhes a mão, dando-lhes casa e um lugar para estudar e eles estavam a usar isso mal...

Foram investimentos grandes, feitos de coração, e depois eles não corresponderam. Ela fez muito por essas pessoas e é desse tipo de coisas que não se fala. Eu sei porque estava por dentro”, partilha. Para ajudar as vítimas do sismo de Sichuan, a Casa de Portugal desdobrou-se em acções para angariar fundos. Filomena McGuire recorda a exposição de xilogravuras feitas por alunos



A “COMÉDIA” DE “AMOR E DEDINHOS DE PÉ”

Foi um “pagode”, conta Frederico Rato, quando se lembra do “mítico” dia das filmagens, no jardim Lou Lim Ioc, de *Amor e Dedinhos de Pé*, realizado por Luís Filipe Rocha, que viria a “contratar” os amigos para serem figurantes. “Levantávamo-nos às cinco da manhã para ficarmos maquilhados e prontos para entrar em cena. Éramos cinco ou seis casais, todos muito bem vestidos com trajes da época e muito bem caracterizados. Aparecemos durante dez segundos no filme depois de dez horas de grande divertimento”, relata, entre risos, sublinhando que sem Amélia António “não teria sido tão engraçado”. “Foi ela que dinamizou aquela equipa, que entrou de alma e de coração nas filmagens e na preparação e, de facto, esse episódio é inesquecível na vida daquele grupo”. Além disso, “serve para demonstrar que uma mulher de causas também pode ter causas pessoais e cómicas de participação na vida social de Macau”.



de um atelier, em que as vendas reverteram a favor da causa, em mais uma iniciativa da sua presidente. “Foi uma forma que ela conseguiu encontrar para ajudar”, realça.

“Ela abdica de muito. Quer do ponto de vista pessoal, profissional ou económico, acho que ela só perdeu. Penso que poucos valorizam ou se apercebem disso. Às vezes são óptimos a fazerem críticas destrutivas e ela até isso põe para trás das costas. É uma presença importante, haverá outras, mas com altruísmo tão grande não sei... não haverá muita gente com esta dedicação e disponibilidade”, diz Filomena McGuire, falando de “uma mulher com M grande”, “extremamente ponderada e sensata” e principalmente “muito humana”. “Segui um caso de adopção em que achei muita piada à estratégia dela: ela criou no juiz a necessidade de dizer que a criança estava tão enraizada que seria um crime tirá-la dali, avançando ao contrário. Ela cria primeiro e pede os apoios depois, é preciso coragem”.

“Se há crítica que lhe posso fazer é o facto de ela

desvalorizar as suas queixas de saúde. Ela deixa-se para último lugar”, diagnostica Filomena McGuire, que estima os sábios conselhos de uma mulher com “grande capacidade inventiva” que “arregaça as mangas e sabe fazer de tudo. “Ela é pequenina mas enche uma sala”.

“Além de tudo, é uma mulher empenhada e dedicada, que se forjou numa luta pela vida e pela liberdade. Foi uma activa antifascista e é uma mulher de armas”, sintetiza Frederico Rato, sem esquecer o papel de Amélia António no quadro da advocacia em Macau: “Ela foi pioneira, antes de mais, na criação de oferta de serviços jurídicos e de advocacia alternativos na primeira metade da década de 1980”.

Depois, há a própria Associação dos Advogados. “É ela que assina o Código Deontológico, publicado em Boletim Oficial em 1992, ainda hoje em vigor. Também ocupou desde logo na organização da classe cargos de direcção e é nessa qualidade que também, embora colectivamente, participa na criação da infra-estrutura legal da associação”. ●

DE MARTA A MACAENSE

Marta da Silva Van Mierop era uma das muitas órfãs concubinas da Macau setentista. Mas, como num conto de fadas, acabou muito rica e é a única mulher cujo retrato figura na Sala de Sessões da Santa Casa da Misericórdia de Macau, de que se tornou benemérita. Marta “devia ser considerada macaense”, concordam alguns Filhos da Terra e investigadores, até porque os chineses não têm memória dela

Texto **Patrícia Lemos** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

O romance histórico *City of Broken Promises*, de Austin Coates, é mais do que uma história de amor entre o sobrecarga da Companhia das Índias inglesa Thomas Kuyck Van Mierop e a sua concubina de traços asiáticos, Marta. É também a história da Macau dos séculos XVIII e XIX, das órfãs concubinas, dos vários poderes, das diferentes comunidades e da elaborada estratificação social. O autor britânico que viveu em Hong Kong e morreu em Portugal centra-se nessa mulher de Macau que ficou conhecida como a mais rica do seu tempo no enclave. Para tal, vale-se do diário e dos testamentos de Thomas e Marta, do imaginário ocidental sobre o Oriente e seus estereótipos, de histórias da

carochinha de Macau, dos arquivos históricos ingleses e de testemunhos do que era a região naquela época. Coates “conta a história possível” da vida de Marta (1766-1828), vários historiadores de Macau concordam.

Tudo o que se sabe do início da sua vida é que era mais uma das muitas órfãs que engordavam as taxas de natalidade do enclave. Juntamente com as viúvas, estas crianças constituíam a classe mais desfavorecida. Caso se soubesse que era filha de um português, Marta teria dado um bom partido no popular “mercado matrimonial” e com isso beneficiado a Santa Casa da Misericórdia (SCMM), o Senado, a estirpe macaense e, por consequência, a cidade cristã, naquelas que eram as suas “estratégias de reprodução dos poderes sociais e da concentração de riqueza”, como refere o historiador Ivo Carneiro de Sousa no artigo *Mulheres, Casamento e Família em Macau*, publicado na *Revista de Cultura*, em 2007. Foram movimentações que também preservaram a presença portuguesa na região, na sequência da crise que vinha do século XVII e ainda da entrada de novos actores no comércio internacional de Macau no século seguinte: os ingleses.

Contudo, Marta não deixou de dar um contributo essencial aos poderes videntes. Afinal, ela deixou toda a sua riqueza à Santa Casa e à cidade. Mas a sua vida não teve um começo fácil. Não sendo órfã de boa linhagem, o mais provável era ter sido mesmo uma “enjeitada”, já que foi abandonada à nascença na rua. Escapou de morte certa porque, antigamente, “o infanticídio feminino era uma prática corrente na China”, refere Leonor Seabra, directora do Centro de



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE MACAU

Investigação de Estudos Luso-Asiáticos da Universidade de Macau no artigo *A Mulher na Misericórdia de Macau*, publicado na *Revista de Administração Pública de Macau*, em 2007. Marta foi encontrada nas escadas da Igreja de São Domingos pelas freiras Clarissas. Com o destino desvelado à nascença, seria escrava *muitsai*, prostituta da Rua da Felicidade ou concubina de um estrangeiro, herdada como a casa e a mobília de uns sobrecargas para outros. Para Seabra, como “Marta foi abandonada pelos progenitores, não é bem como as *muitsais*, que não sendo prostitutas lineares, eram rapariguinhas, normalmente, compradas pelos ocidentais aos pais chineses com dificuldades”. Não tendo a mesma condição, mas arriscando um futuro semelhante, a órfã ainda recebeu nome próprio cristão, quem sabe numa súplica para fugir ao lúgubre destino. É que a homónima da Bíblia era irmã de Lázaro e louvada por ser muito trabalhadora.

A Marta idealizada pelo autor de *Macau, Calçadas da História* ficou no Convento de Santa Clara até aos nove anos. “É conhecida a dedicação das freiras Clarissas às órfãs”, que recebiam dinheiro do Senado para cuidar destas crianças, explica Seabra. A partir de certa idade esse patrocínio cessava e as raparigas tinham de encontrar outro destino. Por isso, talvez não tenha sido o temperamento difícil de Marta, que Coates descreve, a forçar as irmãs a dar a criança para adopção. Ainda assim, é verosímil ter sido o casal macaense, Teresa da Silva e o francês Monsieur Auvray, recriado por Coates, a assumir a guarda da órfã. Aliás, um dos apelidos de Marta é o portuguesíssimo Silva, bem inscrito no seu retrato de corpo inteiro que chama a atenção na sala das sessões da SCMM. Com Monsieur Auvray, Marta aprendeu a falar francês, a cozinhar e a conhecer as especiarias e as suas melhores terras de origem. Saberes que, mais tarde, lhe dão outro protagonismo no livro já que é retratada como uma grande negociante de Macau. O talento para o comércio revelou-se na casa da Companhia das Índias que ficava na Rua do Hospital. Aí viveu com Thomas como sua concubina, um papel que já assumia desde os 13 anos pois o inglês herdou-a como a casa e a mobília do sobrecarga antecessor. Depois do seu protector francês morrer, só encontrou futuro na



prostituição, mas logo se dedicou ao comércio enchendo de prata várias arcas durante os 15 anos que viveu com Thomas, sobretudo quando este se ausentava no Inverno.

Macau era uma espécie de reserva para residência de sobrecargas da Companhia das Índias inglesa durante os seis meses de Primavera e Verão. Isto porque os estrangeiros só estavam autorizados a fazer negócio em Cantão no Inverno. O resto do tempo ficavam em Macau. Não tinham como ir e voltar de barco às suas terras natais nesse “curto” espaço de tempo. Ir para o Extremo Oriente era, sem dúvida, uma forma de enriquecimento rápido mas também se transformava num exílio de 15 a 20 anos, como desprende Coates da leitura do diário de Thomas. Partia-se para a China mais por dever familiar do que por ânsias de aventura e paixão pelo exótico.

MACAENSE POR ADOÇÃO

A mãe adoptiva da Marta ficcionada, Teresa da Silva, e a filha Dominie, ou mesmo os familiares macaenses, os Gonçalves Sequeira, a quem a órfã mais tarde se une nos negócios, são retratados por Austin Coates como tendo caracteres duvidosos, envenenados pela intriga, a inveja e com uma maneira de estar na vida algo hedonista e interesseira. Porém, não é por causa deste retrato sentencioso dos Filhos da Terra que o padre Manuel Teixeira se insurge contra o escritor britânico à data da publicação do livro *City of Broken Promises*, em 1967, afirmando que a personagem central do livro nada tinha de “verdadeiro” a não ser o facto de ter existido. Sente-se que na base deste ataque estão sobretudo as descrições do mundo católico de Macau, conforme alude o investigador Rogério Miguel Puga no artigo *A Vida e o Legado de Marta da Silva Van Mierop*, publicado na *Revista de Cultura*, em 2007. Coates dá de facto uma imagem afectada do domínio católico logo nas primeiras páginas do livro (“A terra está infestada de padres (...) a assistir à necessidade espiritual desta pequena comunidade estavam cerca de 90



* Tereza Sena

padres”), isto já para não falar da descrição física do padre Montepardo, qual diabo, mais para o final do livro: “O seu rosto horrível com os seus olhos de tamanhos diferentes”. Como sublinha a historiadora Tereza Sena, do Centro de Estudos das Culturas Sino-Occidentais do Instituto Politécnico de Macau, para além dos vários poderes que vigoravam em Macau, os estrangeiros ainda se debatiam com o problema da religião, já que tinham um credo diferente. “Não nos podemos esquecer que nesta época ainda não havia liberdade religiosa” em Macau. Esse poderio católico podia ser desproporcionado, mas a verdade é que naquela altura salvou grande parte da franja bastarda da sociedade de Macau, definindo a identidade de muitos que nasciam fora dos matrimónios. A Igreja Católica e a Misericórdia tiveram aí um papel fundamental, na medida em que ajudaram a legitimar parte do rebento da cultura macaense, ou seja apoiavam as muitas “órfãs” que nasciam das relações clandestinas com mulheres de baixa condição de Macau. “Não se sabe ao certo qual era a ascendência de Marta, mas parte-se do princípio de que era chinesa”, explica a macaense Cecília Jorge, consultora do Núcleo de Apoio da Misericórdia de Macau. Até “podia ser macaense. Parece ter qualquer coisa de Xangai também. Podia ser euroasiática”, sugere o provedor da SCMM, António José de Freitas.

São necessárias muito mais provas para se falar da origem de Marta mas, para Cecília Jorge, há um ponto assente: “Para se ser macaense não é necessário ter sangue português. O que é importante é a cultura”. No caso da benemerita, a sua fé católica é fundamental, “o que era algo inerente ao macaense”. Por isso, “é mais do que tácito que seja considerada macaense”. Outro macaense, José Luís de Sales Marques, faz notar que Marta “adopta uma atitude claramente europeia, nomeadamente através da sua relação com o Catolicismo e a maneira de vestir”. No entanto, considera que ela “é uma macaense fora do vulgar, quer pela sua independência em relação ao mundo masculino, reforçada pelas circunstâncias de viver com um sobrecarga que se ausentava regularmente para Cantão, pela sua iniciativa e sagacidade nos negócios e pelo facto de ter de viver escondida do mundo”.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE MACAU

Já a investigadora Ana Maria Amaro se referia aos chineses católicos que eram assimilados pela comunidade macaense como "macaenses por adopção", o que inclui a benemérita, mesmo que a sua ascendência fosse apenas oriental. Marta também só é conhecida dos portugueses de Macau pois parece que nenhum chinês ouviu alguma vez falar desta mulher, ainda que Coates sugira o contrário. Nem mesmo os especialistas da Associação de História de Macau, consultados para este efeito, têm qualquer conhecimento da sua existência. Marta era tão ou mais católica que os macaenses. O seu testamento é bem prova disso: "Deus verdadeiro, em quem firmemente creio por ser cristã, e Catholica Romana (...) Eu Marta da Silva Merop, viuva de Thomaz Merop (...) ordeno esta a minha última vontade". Neste documento deixa expresso o desejo de legar o seu espólio à SCMM, beneficiando ainda o Senado, os seus protegidos e várias instituições, como o Recolhimento de Meninas de Santa Rosa de Lima e o Convento de Santa Clara, e patrocinando até festividades locais. O mesmo documento também refere que se casou com Thomas "à face da Igreja", ainda que não exista registo do matrimónio, conforme faz notar Puga no seu artigo sobre a benfeitora.

CASAMENTO SEM PAPEL

É curioso que nem o próprio Coates os casa pela igreja e este episódio, que até tem o seu fundo de verdade impresso no testamento, é mesmo o único em que o escritor parece desviar-se da realidade, espetando assim mais uma farpa anticatólica, uma das que fez jorrar a tinta da pena de padre Manuel Teixeira em três artigos sobre o tema no jornal *Clarim*. O enlace do romance acontece numa cerimónia muito privada a dois com uma testemunha accidental e é a partir desta que o leitor espreita a união secreta, assim se ilustra o perigo que representava este casamento. Nas vésperas, o casal tinha recebido a visita do padre Montepardo e a Companhia estava desconfiada de que Thomas planeava casar com Marta. Se o enlace se tornasse público, o inglês perdia o direito à viagem que precisava de fazer para se curar da disenteria que o tinha acometido numa das muitas idas a Cantão.

Os ingleses não podiam ter residência permanente em Macau não podendo, por isso, levar mulheres ocidentais para o território ou para a China, ou mesmo casar com as locais. Claro que nenhum se devotava ao celibato. Todos tinham à partida pensionistas em casa, como Thomas, ou visitavam prostitutas. É um facto que também fazia com que a Macau



O que a notabilizou não foi a sua riqueza, mas sim a benevolência. Sem herdeiros directos, a ex-concubina lega a sua fortuna à SCCM, que era instituição caritativa, testamenteira, seguradora e banco. E fá-lo numa altura em que a instituição estava muito precisada

Setentista fosse extremamente masculina, muito escondida por detrás das portadas ocidentais e dos biombos chineses. Em *City of Broken Promises*, Marta nunca manifesta crença no matrimónio. Não tinha por que alimentar os sonhos de casamento nutridos por Thomas, as tais promessas não cumpridas que Coates chama para o título do romance. A grande preocupação da concubina era fazer dinheiro suficiente para que quando ele partisse ela não tivesse de ser entregue, como a casa, a outro estrangeiro. Não é que os ingleses não se apaixonassem pelas suas concubinas. Mas se algum estrangeiro decidisse esposar uma chinesa ou reconhecer a paternidade de um mestiço, a Companhia das Índias inglesa retirava-lhe tudo, criando até impeditivos ao seu futuro na mãe-pátria. Thomas consegue partir na embarcação da Companhia mas, doente como estava, não sobrevive aos dias de mar e não regressa a Macau, como tinha prometido à sua amada. A notícia da sua morte chega com as suas derradeiras palavras: “Diz-lhe que este é o meu desejo antes de morrer: USA O MEU NOME”. Marta herda assim o nome Mierop, a casa da Rua do Hospital e ainda 10 mil libras que lhe garantiram o resto da vida. Deu bom uso ao dinheiro e lançou-se como armadora, mandando construir uma grande embarcação com o seu nome que se fez bem conhecida no Mar do Sul da China. O que a notabilizou não foi a sua riqueza, mas sim a benevolência. Sem herdeiros directos, a ex-concubina lega a sua fortuna à SCCM, que era instituição caritativa,

testamenteira, seguradora e banco. E fá-lo numa altura em que a instituição estava muito precisada. “Exactamente”, admite o provedor, sublinhando até que “a Santa Casa de Macau nunca recebeu nenhum apoio quer monetário ou de recursos humanos de Lisboa”. Naquela época uma crise afectava as Irmandades de Portugal e dos territórios ultramarinos, conforme lembra Leonor Seabra, que esclarece: “Os irmãos apoderavam-se dos bens da Misericórdia a título de emprestado, tal como os reis, mas eram empréstimos que muitas vezes não tinham retorno”. A mesma historiadora adianta no seu artigo que “as Misericórdias acumularam vastos patrimónios em bens de raiz e móveis, principalmente a partir do século XVII, quando estas instituições obtiveram um maior número de doações, devido à vulgarização da ideia de Purgatório, após o Concílio de Trento”. O legado de Marta perdurou até ao século XX, em prol da cidade e da igreja, mas gerou disputas por causa dos juros devidos pelo Senado. Também é nesse século que Austin Coates dá o merecido reconhecimento à concubina naquele que é o seu romance mais importante. O sucesso repercute-se depois no palco, quando a história é encenada num musical que abrilhanta um festival de Hong Kong nos anos 1970.

PODERES A CHOCAR NO ANTIGO REGIME

Um dos grandes valores reconhecidos ao romance histórico de Austin Coates é a forma como caracteriza a Macau do século XVIII. O escritor britânico consegue ilustrar bem o que era o choque de poderes económico, social e político. Na época de Marta da Silva Van Meriop (1766-1828), “havia a cidade cristã e a cidade chinesa. Na primeira regula o Senado e os poderes portugueses e de luso-descendentes, mas têm de negociar diariamente com as autoridades chinesas”, explica Tereza Sena, investigadora do Centro de Estudos das Culturas Sino-Ocidentais do Instituto Politécnico de Macau. Há uma série de influências e poderes paralelos que gerem Macau, como o do Mandarin da Casa Branca, a Igreja Católica e as autoridades portuguesas. É que se houvesse problemas, os chineses fechavam as Portas do Cerco e,

em Macau, não havia viveres. Aliás, a mesma especialista acredita que “esse argumento foi utilizado ao longo da história como arma de pressão. É que, na realidade, Macau não foi formalmente portuguesa até 1887 (data da assinatura do Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português). Antes dessa data e até ao consulado de Ferreira do Amaral, era uma espécie de feitoria em que era permitido aos portugueses lá estar”. O próprio escritor britânico Coates faz referência no romance ao domínio sínico: “Uma Macau onde nenhum chinês pode entrar era uma Macau sem do que viver a não ser a água do poço”.

Tereza Sena afirma que “uma das características dessa sociedade do Antigo Regime, anterior à construção do Estado Moderno, é a pulverização dos poderes, sem supremacia duns sobre os outros, com a Coroa como única figura tutelar em relação a todos. Não existia uma distinção clara entre o público e o privado, nem os poderes estavam organizados tal como estão hoje”. Esta sociedade também se caracteriza pelo “particularismo” e a “isenção”, a que se podia sempre apelar e “as normas nunca eram muito rígidas”. Mas depois as isenções acumulam-se... Certo é que “não podemos olhar para esta realidade com os olhos dos nossos dias pois vivemos num sistema diferente”.

Quando os estrangeiros se começam a estabelecer-se em Macau em meados no século XVIII, “o equilíbrio desestrutura-se mesmo e é preciso arranjar novas formas de coexistência e acomodação”, justifica Sena. Leonor Seabra, directora do Centro de Investigação de Estudos

Luso-Asiáticos da Universidade de Macau, afirma no livro *A Misericórdia de Macau* (séculos XVI a XIX): Irmandade, Poder e Caridade na Idade do Comércio que naquela época o comércio de Macau foi afectado pelo “desenvolvimento da Companhia das Índias Orientais e do country trade dos britânicos, que utilizavam meios mais modernos de crédito”. A Companhia das Índias, operando sob a Royal Charter, viria a deter o monopólio do comércio inglês dos mares do Oriente e transformou-se mesmo na maior organização comercial do mundo. A sua maior fonte de lucro era então o comércio do chá. Apesar do seu crescente poderio no enclave, os estrangeiros eram confrontados com “uma série de proibições das autoridades”.

Segundo as leis chinesas, nenhum estrangeiro podia aprender a língua chinesa ou permanecer em Cantão mais dos que os seis meses da temporada comercial. Também não podiam comprar casa em Macau ou fazer trocas comerciais em nome próprio fora do âmbito da Companhia. Mas claro que o Senado cedia a alguns “pedidos especiais”, explica Sena. Também existiam situações, como a que é retratada no livro de Austin Coates, em que os macaenses faziam de intermediários. “Eles emprestavam nome, tratavam dos alugueres das casas, frete das embarcações para Cantão, e uma série de outros patrocínios”, adianta a historiadora.

Aparte das leis chinesas e desígnios do Mandarim da Casa Branca, das autoridades portuguesas e das regras da própria Companhia, havia ainda um código de costumes de Macau: a China Fashion (à moda da China). Eis algumas das regras que os recém-chegados ingleses tinham de respeitar. Por norma, os sobrecargas herdavam a casa, a mobília, os criados e a concubina do colega da Companhia das Índias inglesa que substituem; as concubinas não podiam ser vistas nas casas dos sobrecargas, pelo que as portadas deviam estar fechadas, tendo estas mulheres de evitar circular na parte da casa que dava para a rua; as concubinas não podiam sair à rua, e não podiam permanecer nas divisões da casa onde estivessem simultaneamente o sobrecarga e os criados. ●

Um dos grandes valores reconhecidos ao romance histórico de Austin Coates é a forma como caracteriza a Macau do século XVIII. O escritor britânico consegue ilustrar bem o que era o choque de poderes económico, social e político

LOJA SOCIAL COM BALANÇO “POSITIVO”

O Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Macau, António José de Freitas, faz um “balanço positivíssimo” da Loja Social, a celebrar um ano de actividade. Este projecto, que já deu apoio a quase 2500 famílias carenciadas de Macau, tem contado com o patrocínio das operadoras de jogo e outras entidades locais

Texto **Patrícia Lemos** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

Não são os pobres e os sem-abrigo que mais têm beneficiado com a Loja Social da Santa Casa da Misericórdia (SCMM), cuja primeira edição decorreu em Fevereiro do ano passado. É a “pobreza escondida” que não se qualifica nos programas de apoio social do governo, como o Banco Alimentar - mas está precisada de ajuda - que mais tem ganho com este projecto da Santa Casa. O provedor, António José de Freitas, não podia estar mais contente com os resultados. A adesão foi grande e a distribuição dos cabazes pode muito bem ser prolongada até 2015. Esse é o desejo da SCMM. Por agora, já foi possível angariar patrocínios para a prossecução deste projecto durante o ano de 2014. É graças aos



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE MACAU

patrocínios de todas as operadoras de jogo - sendo esta a primeira vez que entregam donativos para iniciativas da Santa Casa -, que “temos distribuição mensal garantida na ordem das 200 mil patacas até ao final do ano”. Até ao início de Dezembro, a Loja Social tinha dado “apoio directo a mais de 2400 agregados familiares”, através da distribuição média mensal de mais de 230 cabazes. Têm sido entregues nos primeiros sábados de cada mês no Centro de Reabilitação de Cegos da Irmandade. “Não se incluem neste número os indivíduos e famílias apoiadas em situações de carência, regularmente, pela Irmandade”, salienta o Provedor.

Existem muitas lojas sociais em Portugal e a de Macau é quase um decalque das demais. “Fizemos alguns ajustamentos.” Ou seja, alimentos e artigos de higiene fazem parte dos cabazes mas não entregamos roupa como em Portugal, “porque é muito barata em Macau”. Este projecto colmata alguns desequilíbrios sociais advindos do progresso de Macau dos últimos anos, “sobretudo ao nível das rendas e o preço dos bens de primeira necessidade, que aumentaram muito”. Visa assim “acudir a famílias que se debatem com dificuldades financeiras. São agregados que trabalham mas o que ganham não é suficiente para fazer face à carestia da vida”, sublinha Freitas.

A triagem vai continuar a cargo da Associação Geral dos Moradores de Macau e da Federação das Associações dos Operários, que “escolheram 100 famílias cada”, ao que se soma ainda os pedidos directos à Santa Casa que estão a ter resposta. Até agora, os agregados têm sido diferentes todos os meses, à excepção de 20 ou 30 que bisam nas oferendas. Entre os mesmos também estão portugueses e a SCMM dá prioridade a famílias com idosos em casa, deficientes e enfermos, famílias monoparentais “ou as que foram afectadas pelo desemprego de um dos seus sustentáculos.” No contacto directo, o provedor admite que fica muito satisfeito porque as famílias ajudadas manifestam a sua gratidão: “Ficam felizes porque sentem o calor desta instituição. Sabem que estes cabazes não lhes resolvem a vida, mas aliviam e é um sinal da solidariedade da sociedade que está atenta a este grupo de pessoas”.





Para além da Loja social, a SCMM tem mais projectos em avaliação, como um “intercâmbio de formação de educadores e pessoal de enfermagem”, com base na assinatura dum protocolo com a Santa Casa do Porto. Isto porque é difícil para a SCMM encontrar pessoal especializado para o lar e para a creche em Macau. A instituição pretende ainda abrir um novo infantário de qualidade, com capacidade para dezenas de crianças. É que a procura é muita e a creche não consegue dar resposta. Por isso, já se está a estudar modelos de funcionamento, antevendo-se que o ensino seja em três línguas: português, chinês e inglês. A SCMM gere um centro de reabilitação de cegos de apoio a 85 invisuais, um lar que acolhe 98 idosos e uma creche com 258 crianças. Orgulha-se ainda de patrocinar o pagamento das propinas de alunos carenciados da Escola Portuguesa de Macau e do Jardim de infância D. José da Costa Nunes. ●



QUATRO SÉCULOS DE SANTA CASA

1569

O Bispo D. Belchior Carneiro Leitão funda a Misericórdia de Macau

1627

É editado o *Compromisso* da Misericórdia de Macau, que é um código de funcionamento da confraria adaptado à realidade de Macau. Este documento viria a ser reconhecido oficialmente em 1643

1768

O Governador Diogo Fernandes Salema de Saldanha determina que os militares sejam tratados no Hospital dos Pobres, da Misericórdia de Macau. Esta presença militar cria alguns problemas à Santa Casa que só vê a questão sanada de vez em 1874 com a criação do Hospital Militar, actual Hospital Conde S. Januário

1784

A Alfândega é estabelecida em Macau, o que viabilizou toda a obra de assistência social. O final do século XVIII é uma época de grande instabilidade no seio da instituição, com querelas entre Irmãos e as contas da Santa Casa numa situação insustentável

1810

O Senado cede à Irmandade o direito de realizar pontualmente lotarias, o que foi uma importante fonte de financiamento. Só em 1833 é que a Santa Casa consegue obter o direito definitivo. O período áureo das lotarias é no final do século XIX

1845

A Misericórdia de Macau encontra-se à beira da dissolução, porque nenhum dos Irmãos quer assumir os destinos da instituição, passando esta a ser gerida por comissões administrativas. Os negócios só regressam ao comando dos Irmãos em 1892

1896

A Santa Casa compra do Hotel Bela Vista e encerra o hospício de S. Lázaro

1905

Inicia-se a urbanização do Bairro de São Lázaro

1903

O Asilo de Órfãos, actual Colégio D. Bosco, abre as portas

1960

É inaugurado o Centro de Reabilitação de Cegos

1975

O Hospital S. Rafael é encerrado

2000

O Lar da Nossa Senhora da Misericórdia entra em actividade

2001

O Núcleo Museológico abre ao público

2002

É inaugurada a Creche da Santa Casa da Misericórdia

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大 西 洋 銀 行



— Desde 1902 —

O BAIRRO DA HORTA DA MITRA

A cidade de Macau tem partes que nos esquecemos durante anos da sua existência, pois não há motivos para lá ir. Se nalguns casos, quando lá voltamos as mudanças são enormes, outras há que, mesmo num tempo de rápidas transformações, as encontramos na mesma. É o caso da zona da Horta da Mitra, conhecida por *Cheoc Chai Un*, que significa Jardim dos Passarinhos.

Textos e Fotos **José Simões Morais**

Mercado Municipal
da Horta e Mitra
雀仔園街市
1939

Espraiando-se pela encosta Noroeste da Colina de S. Januário, evoluiu de um terreno árido para um campo arborizado e de cultivo dentro da cidade cristã, tornando-se, após desfeita a muralha, num bairro do centro de Macau. Tem como limites a Sul os edifícios fronteiros ao Jardim de S. Francisco, para Oeste a Rua do Campo, para Leste a Rua Nova à Guia (em chinês *Pák T'au Sán Kâi*, isto é, Rua Nova dos Cabeças Brancas), e a Norte a Rua Ferreira do Amaral e a Calçada do Gaio. É em torno do mercado municipal que um conjunto de lojas comerciais e tendas

abastecem os residentes. Também uma série de restaurantes em rotação de horários, sem fechar à noite e com o raiar da aurora iniciando o *dim sum*, traz um contínuo movimento pedonal ao bairro. Zona tranquila devido ao diminuto número de veículos, que aí circulam apenas para fazerem descargas de mercadorias, é também passagem pela Rua da Surpresa para, pelas escadas ou elevador, se chegar ao hospital da cidade no cume da colina que lhe dá o nome. O dinamismo dos habitantes presencia-se sobretudo na festividade do Duplo 2, aniversário do deus

local *Tou Tei*, quando durante cinco dias um toldo cobre toda a Rua Tomás da Rosa onde fica instalada a plateia e com grande entusiasmo, a população vem assistir às actuações de famosas companhias de Ópera Yue, da Província de Guangdong. Se a estrutura de bambu montada em frente ao Templo da Felicidade e da Virtude (*Fok Tak Chi*) exige habilidade na construção, estranho é o esquecimento votado ao outro templo do bairro dedicado a *Lou Pan*, o grande mestre artífice do trabalhar com materiais de construção. Quando aí vivíamos, acordávamos ao som das



crianças a memorizar em cantata na aula de inglês da *Morrison Elementary School*, que funcionou entre 1988 e 2005 contígua ao prédio onde habitávamos. O edifício de 1966 era onde desde 1918 estava instalada a escola anglicana Choi Ko e foi o primeiro jardim infantil de Macau. Serve agora como igreja, aí instalada desde 1906 e aos fins-de-semana e férias como lugar de ocupação dos tempos livres para as crianças. De referir que Choi Ko foi o primeiro chinês baptizado pelo reverendo Dr. Robert Morrison, este conhecido por

ter sido quem fez a primeira tradução da Bíblia para chinês. Outro estabelecimento de ensino que existiu no bairro foi o pequeno mas elegante Colégio Católico Príncipe D. Carlos, a primeira escola luso-chinesa de Macau. As nossas recordações traziam ainda um contínuo *chou sán* (bom dia) a todos os vizinhos com que diariamente nos cruzávamos, transmitindo o familiar viver do bairro em cujo interior eram muitas as casas térreas e de dois andares e, apesar das ruas estreitas, havia céu. Na freguesia da Sé, tem

a designação de Horta da Mitra "o bairro mais ou menos limitado pela Rua do Noronha e por parte das ruas de Henrique de Macedo, de Tomás da Rosa, Horta e Costa, da Colina e Nova à Guia. Ficam situadas dentro deste bairro as ruas da Cal, da Mitra, da Surpresa, de Dezoito de Dezembro, parte das ruas de Tomás da Rosa e de Henrique de Macedo, as travessas do Mercado Municipal e de S. João, bem como o Largo do Mercado Municipal e o Mercado da Horta da Mitra". Assim está escrito no "Cadastro das vias



- 1** Rua da Colina
- 2** Vista sobre o bairro
- 3** Mercado de rua
- 4** Loja de Dim Sum

Públicas e Outros Lugares da Cidade de Macau" de 1993.

LOCALIZAÇÃO DO FORTE DE S. JOÃO

Após o ataque dos holandeses de 1622 foi construída em taipa a muralha, concluída em 1626, dividindo a meio a península de Macau e que separou o terreno da Horta da Mitra anteriormente unido ao do Jardim dos Holandeses, ou *Hó Lán Ün*. O bairro da Horta da Mitra ficava dentro da cidade cristã. Na muralha existiam duas portas, a do Campo e a de Santo António, e os fortes de S. João e de S.

Jerónimo, fazendo a fortaleza de S. Paulo a união entre a zona poente e a da nascente. O padre jesuíta José Montanha, na obra *Aparatos para a História do Bispado de Macau*, numa referência à muralha, diz-nos que do terceiro baluarte da Fortaleza de S. Paulo do Monte "corre outro pano de muro para a parte de leste pegado ao Baluarte, aonde está o sino, aonde tem um postigo para o Campo, e andando para o pano do muro a tiro de mosquete está a porta que vai para o Campo de S. Lázaro, e desta porta andando pelo

O bairro da Horta da Mitra ficava dentro da cidade cristã. Na muralha existiam duas portas, a do Campo e a de Santo António, e os fortes de S. João e de S. Jerónimo, fazendo a fortaleza de S. Paulo a união entre as zonas poente a nascente

muro a tiro de mosquete está um baluarte com duas peças de ferro de 10 libras". Este baluarte era o de S. João, apesar de em 1638 Marco d'Avalo dizer ter "três canhões ali montados, próximo da porta de terra chamada S. Lázaro". Continuando com o padre Montanha: "Após um surto de peste bubónica, que teve origem nas habitações existentes próximo do baluarte, no ano de 1895, foram queimadas as barracas com todos os haveres, e seguidamente construídas e alinhadas as ruas. Foi, então, desmantelado esse baluarte de S. João, que ficava no cruzamento da Travessa de S. João com a Rua da Colina" e as ruas da Surpresa e da Cal. Pelo padre Benjamim Videira Pires sabemos que a Porta do Campo, também conhecida como Porta S. João, ou de S. Lázaro, ficava situada na junção das ruas do Campo e da Ferreira do Amaral com a da Colina. A muralha circundava a Norte e Leste o bairro da Horta da Mitra,

HISTÓRIA

que ficava a oriente da porta do Campo e do outro lado, já fora da cidade, a povoação de S. Lázaro.

Devido ao bom posicionamento da Horta da Mitra, no sopé da colina de S. Jerónimo, hoje conhecida por S. Januário, serviria de horta até ao plano baixo, onde um carreiro era o limite também de outro monte, o de S. Paulo. Nesse terreno haveria casas ligadas com o cultivo de vegetais, contando com as águas de um pequeno lago para a rega. Já a Rua do Campo, entre colinas, foi-se fazendo sobre um natural trilho de passagem, que seguindo para fora da cidade, levava às outras povoações da península de Macau. Com o tempo tornou-se uma via

importante e após a muralha destruída, tornou-se uma rua de comércio.

A Horta da Mitra, após o derrube da muralha, passou a ter a Norte desde 1898 a ampla Alameda Vasco da Gama, desaparecida em 1935, enquanto para Sul estava limitada com os terrenos do Mosteiro de Sta. Clara (construído em 1633 e demolido em 1964), no lugar onde hoje se encontra o edifício Ribeiro, o Centro Diocesano e Cineteatro e tendo ao lado o Colégio Santa Rosa de Lima.

De frente para a Colina de S. Jerónimo, a antiquíssima Rua Formosa mais longa do que a actual, deveria ser a via que da Sé Catedral chegava até à Horta da Mitra.

OUTEIRO DA MITRA

Procuramos perceber pelo nome um pouco da História do lugar. Como mitra é de bispo, leva a pensar ser o terreno da horta propriedade do episcopado, corroborado por um documento do ano de 1871, encontrado no Arquivo da Administração Civil. Diz este que por uma provisão do Senado, datada de 1778, fazia à Mitra mercê dum terreno baldio. Aliando ao facto de a parte Sul ser ocupada pelo convento de Sta. Clara, continuando na *Toponímia de Macau*, agora sobre a Rua de Santa Clara, o padre Manuel Teixeira refere um documento dos Arquivos do Senado relativos a 1794. "Dizem os Procuradores Ex.ma e R.ma Mitra, que esse Mui Nobre



1



2



3

1 Rua Horta e Costa

2 Rua da Surpresa

3 Rua do Campo

Em 1885, a urbanização da zona da Horta da Mitra foi feita na base da Colina de S. Jerónimo e à direita da Rua do Campo, mas oficialmente aparece no relatório das Obras Públicas apenas a 1 de Julho de 1886

Senado tem jus e mercê a mesma Mitra do Chão contíguo à porta do Campo de S. Lázaro até à casa que então era de Lourenço Jozé dos Passos ora defunto, e do muro das Freiras até à muralha da cidade como eles a vão fechar, fica o outeiro para detrás das Freiras, servindo de coito, ou esconderijo para os jogadores e malfeitores, que costumam ali concorrer; por esta razão pretendem eles fechar pelo muro do mesmo convento contíguo ao monte calvário ... e o referido outeiro a ninguém serve de utilidade mas antes fechado serve para o bem público e de evitar malfeitores". Isto a 7 de Maio de 1794 e 14 dias depois está tratada a doação desse outeiro pelo Senado, com a condição de deixar livre a passagem

para a muralha. Segundo Luís Gonzaga Gomes, "há 300 anos, a cidade era ainda pouco povoada e no intuito de se fomentar o seu desenvolvimento populacional, foi permitido a um grupo de imigrantes chineses de apelido Mâk, Tch'iu e Léong estabelecerem-se ali. Este minúsculo núcleo inicial conseguiu transformar, com o tempo, o local numa aldeiazinha e os seus componentes viviam da venda da lenha que podavam na mata e cujas altas e frondosas árvores que a cercavam estavam sempre cobertas de pássaros que alegravam o bosque com a sua chilreada, dando ao sítio um aspecto de parque. Foi por esse motivo que os chineses deram ao local o nome de *Tchèok Tchái Un*, que quer dizer Jardim dos Passarinhos. A 5 de Fevereiro de 1865 houve um grande incêndio na povoação da Horta da Mitra, em que 200 barracas de chineses foram devoradas pelas chamas. Era gente pobre, que trabalhava para as casas de chá e operários das fábricas de seda, panchões e outras." Interessante é a chamada de atenção que o padre Manuel Teixeira faz sobre um documento que encontrou no Arquivo da Administração Civil referente ao ano de 1871, em que o bispo "Francisco de Paula Noronha se dizia proprietário da Horta da Mitra ou do Bispo, pedindo ao governo uma indemnização pela expropriação dessa propriedade numa extensão

de 1163 metros". Ora a história refere um alvará de 1810, que dizia ter a Mitra vendido esse terreno a Francisco António Pereira Tovar por 4000 patacas. Mas, em 17 de Janeiro de 1840, o delegado do Procurador Régio oficiou ao Senado: "A remessa dos inclusos papéis e requerimentos de D. Ignácia de Payva para saber as demarcações levou o delegado João Baptista Gomes a não descobrir o título de posse da Propriedade denominada a Horta da Mitra".

A Horta da Mitra ficou uma extensa zona, que até aos anos 1980 estava ocupada por mata e poucos casebres, sem ruas e ordenamento urbano. Afirmação desdita pelo Cadastro das Vias Públicas de 1874 que, ao esquecer-se de indicar onde começa e acaba a Estrada do Governador Cardoso e o número de casas aí existentes, logo não contando com esta estrada, o cadastro refere por essa altura que a Horta da Mitra tinha 324 casas nas seis ruas, 12 travessas, quatro pátios e três becos. Muitas desapareceram como são os casos das ruas das Vacas, da Pérola, do Pinhal, do Pilar, das travessas do Insecto, do Pavão, da Vaca, da Pérola, do Limão, da Vara, da Fouce, do Mosquito, dos pátios da Folha, do Carvoeiro, da Pinha, do Pinhal e dos becos das Duas Casas, do Vidro e do Chau Chau. No primeiro capítulo no Volume 1 da *Toponímia de Macau*, com o título Alteração dos Nomes das Ruas, é referida a Alameda do



Governador Cardoso como o espaço que se acha coberto de árvores extramuros dos fortes de S. João e de S. Jerónimo. Depois desapareceu a Alameda, que veio a ser a Rua Nova à Guia. Construído na muralha, ao fortim de S. Jerónimo foi-lhe retirado o armamento em 1877 e sobre as suas ruínas, em 1904, edificado o Observatório Astronómico, segundo informações da historiadora Beatriz Basto da Silva. Ainda no cume da colina, próximo do fortim de S. Jerónimo, em 1872 começou a ser construído o Hospital Militar S. Januário. Inaugurado em 6 de Janeiro de 1874, foi em 1952 demolido e no seu lugar edificado o novo Hospital Central Conde de S. Januário, concluído em 10 de Março de 1959.

O SANEAMENTO DA HORTA DA MITRA

No período do governador Tomás de Sousa Rosa, tendo como director das Obras Públicas José Maria de Sousa Horta e Costa, a zona insalubre da Horta da Mitra,

onde a população chinesa residia, foi arrasada e saneada, sendo construído o bairro da Mitra. Por isso a rua principal do bairro se chama Tomás da Rosa e aí existe a Rua Horta e Costa.

Ainda antes da entrada de funções do governador Tomás de Sousa Rosa, já num relatório de 1882 do Serviço de Saúde Pública assinado por Lúcio Augusto da Silva relativo ao Leal Senado, foram indicadas as seguintes providências: mandar destruir as palhotas que existem na Horta da Mitra, já que o bairro era perigoso à saúde pública por estar dentro da cidade; reduzir a insalubridade acabando com a venda da carne, do peixe e da hortaliça na rua da Colina e do "jardim particular que faz parte da mesma horta com a entrada na rua do Campo, por haver ali uma espécie de tanque que provavelmente serve para rega, mas que é um verdadeiro pântano por conter pedaços de madeira, ramos e folhas em decomposição e além disso densas matas, muitos detritos vegetais e

outros, madeira velha exposta às chuvas e ao sol e nenhuma limpeza e cuidado em tudo". Em 1885, a urbanização da zona da Horta da Mitra foi feita na base da Colina de S. Jerónimo e à direita da Rua do Campo, mas no relatório das Obras Públicas, com data de 1 de Julho de 1886 e assinado pelo director, Horta e Costa, refere: "O novo bairro projectado na Horta da Mitra está atrasado, devido a serem bastante demoradas as demolições e novas construções feitas ali pelo proprietário ... Ainda assim, desapareceu já completamente o terrível foco de infecção ... É atravessado este bairro por seis ruas longitudinais e cinco transversais. Algumas destas já se acham construídas, outras apenas estão traçadas. Todas são canalizadas, indo os seus canos convergir ao cano geral da Rua Thomaz Roza, a mais importante de todas". Cruzando aqui o que está escrito no relatório mas com o subtítulo 'Canalização' diz o director: "no novo bairro da Horta da Mitra, onde os canos cruzando-se como

uma rede, e aumentando sucessivamente de secção, vão desaguar no cano geral da Rua Tomás da Rosa, que recebe também directamente as águas da parte da montanha do hospital, e vai levá-las ao grande cano, que passa na Rua do Campo, que urge modificar, e que é um dos mais importantes de Macau". "Neste bairro está prestes a concluir-se um mercado. É municipal, mas o projecto e construção foram entregues a esta direcção. É dividido em 48 lugares e satisfaz tanto quanto possível aos preceitos da higiene." Sobre este mercado não sabemos nada, tendo o actual edificio a data de 1939. "As ruas foram mandadas calçar por esta direcção depois de 2 de Novembro (de 1885)." Os casebres foram demolidos e substituídos por casas de pedra e cal, mas havia ainda muitos terrenos para construção e talvez por isso, logo em 1883 o templo Lou Pan Si Fu, na Rua da Cal, foi renovado, apesar de ter sido construído 24 anos antes pela Associação dos Carpinteiros, pois Lou Pan era o seu deus. Já por ordem do Governador Tomás da Rosa, o antigo templo ao deus da terra do século XVIII foi demolido quando da abertura de vias públicas na zona da Horta da Mitra, sendo construído em 1886 o novo Tou Tei Miu. Em agradecimento ao Governador, os moradores fizeram questão de dar o seu nome à rua. Estando a comer ao meio da tarde um sobremesa, numa das tendinhas encostadas à parede do mercado da Mitra, veio-nos à memória os finais de noite no restaurante Kruatheque.

Era aí o último ponto de encontro dos noctívagos europeus, que ao som de música e degustando comida tailandesa, encontravam o lugar propício para encerrar a noite com um pé de dança, já longe dos tempos do ambiente fechado deste bairro chinês, descrito no romance *A Trança Feiticeira* de Henrique Senna Fernandes, que nos dá a visão da vida da cidade na primeira metade do século XX. Preparamo-nos para sair do bairro da Horta da Mitra e ao descer pela Rua Tomás Vieira, no edificio de esquina com a Rua do Campo, lembramo-nos ter sido ali, desde 1918, o restaurante da "A Vencedora". Mudou de lugar, mas continua a apresentar nas paredes as contas emolduradas dos militares que partiram sem as pagar. Ao lado, ainda na Rua do Campo, o edificio do Banco

Tai Fung, *branch Broadway*. Tal palavra transporta-nos para o Cineteatro Império, ali existente até 1982 e, quando foi inaugurado a 21 de Março de 1953, tinha 906 lugares. Continuando a caminhar pela Rua do Campo, passamos pelos edificios das Mulheres de Macau e da Administração Pública, tendo a meio o Pátio do Comprador, onde se encontrava o restaurante Portugal, cujo dono era Olímpio dos Santos, segundo nos relata o Sr. Monteiro. Estes altos prédios, construídos há menos de 20 anos, fazem de muralha aos limites Sul da zona da Horta da Mitra e retiram-lhe muita da sua visibilidade. As tranças desapareceram dos cabelos das raparigas do bairro, que continua uma zona fechada e pouco popular da cidade, visitado apenas por quem ali tem algo a fazer. ●



PETISCO À CHINESA

Para os portugueses, ir ao restaurante chinês sempre foi sinónimo de crepe, *chao-min* de vaca ou porco agridoce. Agora, desde que a comida cantonense começou a invadir Lisboa, as escolhas já começam a ser outras: os *dim-sum* mudaram os gostos dos portugueses

Texto **Mónica Menezes** | Fotos **Paulo Cordeiro**, em Portugal

A partir do meio-dia, a cozinha do Yum Cha Garden é uma autêntica corrida contra o tempo. Os clientes não param de chegar e os pedidos sucedem-se. Doses de *siew mai*, *yum cha dumpling* de camarão, *dumpling* de porco com vegetais são feitas a uma velocidade alucinante. Há meia dúzia de anos os portugueses nunca tinham ouvido falar destes pratos. Ir comer ao restaurante chinês era sinónimo de mesa cheia de *chop suey* de vegetais, galinha com amêndoas ou vaca na chapa quente. Agora a história é diferente e tem um nome: *dim-sum*.







* Fuen Gao, gerente do Yum Cha Garden

Liu Yun Zhi, o cozinheiro, deixa-nos entrar e espreitar o seu quartel-general. O ritmo é difícil de acompanhar. O rolo da massa de arroz já está pronto a ser partido em partes incrivelmente iguais. O recheio de camarão está numa pequena taça. Não contámos o tempo, mas em pouco mais de um minuto uma dose de *yum cha dumpling* de camarão está pronta para ir para a panela a vapor. Seis minutos depois já o cliente está a comer aquele que é considerado o *dim-sum* número um em Cantão. E em Portugal, quais é que estão no top três? “Os raviólis de camarão com cebolinho, o *dumpling* de porco com vegetais a vapor com coentros e os raviólis de barbatana de tubarão”, conta Fuen Gao, o gerente do restaurante. Na cozinha o ritmo não abranda. Mais um minuto e já está uma dose de *siew mai* a cozer a vapor, do outro lado da cozinha um cesto gigante de bambu coze em segundos rolos de farinha de arroz com gambas. E sem darmos conta já está pronta uma dose de bolas de gambas fritas e outra de pães chineses com carne de porco e mel.

DIM-SUM COM TOQUE PORTUGUÊS

A alguns quilómetros de distância, no centro de Lisboa, há outra cozinha a preparar *dim-sum*. A diferença está em quem os faz. A portuguesa Anna Lins, proprietária juntamente com o marido do restaurante Umai, é especialista em cozinha asiática. A fama do seu *sushi* já correu o país, mas quando Anna se começou a apaixonar, ou melhor, “a compreender” a cozinha chinesa quis fazer experiências. A história começa há um ano e meio: “Foi uma descoberta surpreendente. É um mundo muito maior.” Com o marido, o chef Paulo Morais, foi pondo em prática as receitas tradicionais e só quando se sentiu mais à vontade é que decidiu dar o seu cunho. Se, por exemplo, no *Yum Cha Garden* o *siew mai* é feito de lombo de porco, camarão, cogumelos e ovas de caranguejo, no Umai a receita leva vieiras, camarão e ovas de peixe voador. “Quando comecei a criar os meus *dim-sum* não quis ofender ninguém, têm o meu cunho, nada mais, brinco quanto baste com os ingredientes”, assegura. Só no mês de Junho,

na semana dos Santos Populares, é que foi mais longe na brincadeira e criou um *dim-sum* com caldo verde. “Ficou bom, mas não é para repetir”, conta. O respeito pela cozinha chinesa e, acima de tudo, pelo cliente está à frente de qualquer invenção. Por isso, não é de espantar que quem se senta à hora do almoço no Umai – hora que tem o menu *dim-sum* – tenha ao seu lado vários clientes macaenses.

* Anna Lins, proprietária do restaurante Umai

CLIENTES PEQUENINOS, GRANDES SABORES

Ter na mesa ao lado um cliente chinês é sinal que a comida é boa. Muito boa. Há dias em que o Yum Cha Garden mais parece um restaurante numa qualquer vila chinesa e não o rés-do-chão de um prédio em Oeiras. “São os clientes mais exigentes. Sabem bem o que querem comer, como é o verdadeiro sabor e não aceitam nada menos bem feito”, explica Fuen Gao. Neste restaurante chinês, que começou por ser um segredo bem guardado de Oeiras – arredores de Lisboa -, mas que agora já conta com clientes vindos de vários pontos do país e até do mundo, os *dim-sum* enchem mais de metade da ementa.

Há pouco mais de dois anos, quando abriu este espaço, Fuen Gao sabia no que se estava a meter. A viver em Portugal há mais de 25 anos, sempre trabalhou na área da restauração e quando percebeu que se há coisa que um português gosta é de petiscar, foi à Holanda buscar bons cozinheiros cantoneses e abriu o Yum Cha Garden, um dos poucos paraísos de *dim-sum* existentes na capital portuguesa.

“Esta é uma cozinha milenar e muito saudável, porque não só tem muitos vegetais como a maior parte das coisas que cozinhamos é ao vapor.”



“Esta é uma cozinha milenar e muito saudável, porque não só tem muitos vegetais como a maior parte das coisas que cozinhamos é ao vapor”, diz Fuen Gao



Talvez seja essa a desculpa que as bocas e estômagos portugueses precisem para encher de números o bloco em branco que os empregados deixam em cada mesa. É que nem as crianças vão na conversa de comer uma massa qualquer com carne para não ser muito diferente daquilo que costumam ter lá em casa. A piada é mesmo ter uma mesa cheia de cestas com bolinhos de todos os formatos e sabores, molhá-los em molhos mais doces ou picantes e tentar comer tudo com pauzinhos.

Anna Lins conta divertida como as filhas, de nove e sete anos, são completamente fãs desta cozinha. “Por elas passávamos a vida a ir comer ao restaurante chinês ou a ir comprar *dim-sum* ao supermercado. Adoram este tipo de alimentação. No outro dia fiz migas em casa e detestaram!”

Com Pedro Oliveira, designer, a história também é parecida. Sentado na mesa do Hong Kong Grande Palácio, no centro de Lisboa, com a mulher e os dois filhos, de sete e quatro anos, mesa cheia de pratinhos de *dim-sum*, lembra quando deixou de ir aos chineses “dos guisados”. “Perto da nossa casa havia um restaurante macaense com comida deliciosa. Quando a família que geria o espaço regressou a Macau sentimo-nos órfãos da verdadeira cozinha chinesa.”

Durante uns anos, Pedro fez “greve” aos comuns restaurantes chineses. Um almoço de família levou-o onde está agora sentado. Estava à espera de encontrar as típicas doses de massa de arroz com gambas ou *chau-min* de galinha. Surpreendeu-se. “Estar rodeado de clientes chineses fez-me logo perceber que não era um restaurante qualquer. Fiquei fã.” Os filhos só conhecem esta comida chinesa e ir comer a este restaurante é mesmo das melhores propostas que lhes podem fazer. “Felizmente, influenciados por nós, eles adoram experimentar novos sabores, têm a mente aberta.” O brilho com que olham para o prato das bolas de gambas fritas ou molham um *dumpling* de camarão na tacinha do molho de soja mostra isso mesmo.

Anna Lins conta divertida como as filhas, de nove e sete anos, são completamente fãs desta alimentação. “Por elas passávamos a vida a ir comer ao restaurante chinês ou a ir comprar *dim-sum* ao supermercado. Adoram este tipo de alimentação. No outro dia fiz migas em casa e detestaram!”

A HISTÓRIA DESTES PETISCOS

Os *dim-sum* são pequenos bolinhos ou pastéis, fritos ou cozidos a vapor, com vários tipos de recheios. *Dim-sum* significa literalmente “tocar o coração”, remetendo as suas origens aos tempos da Rota da Seda em que, quando os mercadores paravam nas casas de chá para se recompor das longas e cansativas viagens, os donos ofereciam *dim-sum*. Era por isso um mimo que davam ao cliente. Originalmente, e como conta Fuen Gao, gerente do restaurante Yum Cha Garden, os *dim-sum* são o pequeno-almoço dos cantonenses ou, quando muito, aquela refeição a meio da manhã sempre acompanhada de chá verde, jasmim ou de flores. *Dim-sum* ao jantar é mesmo invenção dos ocidentais.

ONDE SE PODE COMER DIM-SUM EM LISBOA?

Se ir comer *sushi* já faz parte da rotina dos portugueses, sair para comer *dim-sum* começa cada vez mais a estar na moda. Na zona de Lisboa ainda não há muito por onde escolher, mas os que há valem mesmo a visita.

Yum Cha Garden

Além de um menu repleto de *dim-sum*, a carta também apresenta pratos cantoneses de fazer crescer água na boca. E a boa notícia é que os preços são acessíveis. Caso se fique só pelos *dim-sum*, muito dificilmente a conta para duas pessoas ultrapassa os 25 euros.

Praceta de Maputo, 6A, Oeiras.

Está aberto todos os dias das 12h – 15h/ 19h – 23h

Umai

Anna Lins e Paulo Morais fazem aquilo que chamam cozinha *Asian twist*, ou seja, uma mistura de pratos asiáticos. Por isso, numa só refeição pode viajar da China ao Nepal e ainda dar um pulinho ao Japão. Se quer mesmo só experimentar os *dim-sum*, ao almoço há o menu com quatro tipos diferentes e que custa pouco mais de nove euros.

Rua Cruz dos Poiais, 89, Lisboa. D

e 2.ª a 6.ª das 12h30 – 15h e de 3.ª a sábado das 19h30 às 23h

Estoril Mandarin

É o restaurante mais chique da nossa lista. É no Casino Estoril e segue as regras à séria: *dim-sum* só ao almoço. O único senão é o preço.

Casino Estoril. De 4.ª a domingo das 12h-15h/ 19h-23h

China Pop

Como o próprio nome indica, o ambiente é assim mais a dar para o moderno e até tem um DJ de serviço, mas o que interessa é que os *dim-sum* são fieis à tradição cantonesa e não defraudam qualquer tipo de expectativa.

LX Factory, Alcântara

De 3.ª a sábado das 19h30 – 1h

Hong Kong Grande Palácio I e II

Foram os responsáveis por pôr os lisboetas a comer *dim-sum*. Têm mais de 50 especialidades de *dim-sum* e isso é motivo suficiente para merecer uma visita.

Rua Pascoal de Melo, 8A

Rua Bernardo Lima, 48B

Estão abertos todos os dias

das 12h30 – 15h/ 19h30 – 00h30 ●





MERCEARIAS CHINESAS

Para quem não pode fazer do Yum Cha Garden, do Umai ou de outros restaurantes especialistas em *dim-sum* a sua cantina habitual, há uma luz no fundo do túnel: as mercearias chinesas. Claro que não vai encontrar nem um décimo do que poderia comer num restaurante nem com a mesma qualidade, mas para matar o vício dá perfeitamente. Há caixas de *siew mai*, *dumpling* de camarão, raviólis e outras especialidades. Os preços variam entre os cinco e os sete euros. Levar o molho de soja para casa também é obrigatório, tudo porque o que se vende nos supermercados portugueses não é nem de longe nem de perto parecido com este. É no Martim Moniz, mesmo no centro de Lisboa, onde está a maior parte destas mercearias.

O ANO DO CAVALO E DO ELEMENTO MADEIRA

Os almanaques que se encontram nas bancas de jornais de Hong Kong e Macau, com uma presença crescente nas últimas décadas, são apenas uma versão mais popular e simplificada do respeitadíssimo almanaque Tong Shu, o “livro que trata de tudo”. Este livro, conhecido pela sua encadernação peculiar, em que cordões atravessam as páginas junto às lombadas, pela sua forma rectangular alongada ao alto e ainda as suas páginas compostas de folhas dobradas sobre si próprias, resulta em grande parte da decisão do imperador Qian Long de juntar num único sistema os diversos almanaques parcelares que até então existiam.

A preocupação com o tempo, o momento (enquanto gerador de potencialidades futuras), é tipicamente chinesa, embora não exclusiva. Quando na Grécia antiga as tradições astrológicas sumérias, meramente oraculares, foram transformadas num sistema baseado no ponto do horizonte que “marca a hora” (isto é, o horoskopos), o mesmo fascínio pelo momento em que alguma coisa nasce ou se torna visível, em que a potencialidade se torna actualidade, esteve em evidência. O mesmo acontece com os sistemas de adivinhação chineses mais populares

no Sul do País (*Bazi* e *Zi Wei Dou Shu*), em especial em Hong Kong e Macau, que têm como base dos seus cálculos o momento exacto em que uma pessoa (ou um acontecimento) nasce. O curioso no entanto é que os verdadeiros praticantes destes sistemas não dão crédito às previsões dos almanaques, apesar de alguns deles serem autores das mesmas. Estas são vistas apenas como um ingrediente descontraído da festa do Ano Novo Chinês e nenhum adivinho devidamente formado está à espera que alguém realmente acredite no que aí vem escrito. Isso é relativamente fácil de constatar, falando com esses praticantes das artes adivinhatórias (ou ciências tradicionais) que de imediato ripostam que se alguém está realmente interessado em obter informação credível neste campo isso só será possível calculando a carta do momento exacto do nascimento (da pessoa ou do evento). O estudo desse momento, em ambas as tradições culturais, revelará, acreditam, todas as potencialidades do seu desenvolvimento futuro. Não há volta a dar-lhe, o ano do nascimento não é suficientemente individualidade para que, com base nele, sejam feitas previsões, ou prognósticos. Ora, quem viva em Hong Kong ou

Macau (ou outros pontos do Sudeste Asiático, como a Malásia ou Singapura) encontra uma grande variedade de mestres que dominam os sistemas do *Bazi* e do *Zi Wei Dou Shu*, de modo que os crentes nessas artes podem recorrer a elas na sua forma mais evoluída. Não precisam de esperar dos almanaques aquilo que eles não podem dar. Seja como for, a generalidade dos autores dos almanaques domina bem as bases dos sistemas tradicionais de adivinhação e transpõe para o universo limitado e fictício do ano do nascimento, os princípios do *Bazi*. Apesar de isso constituir uma generalização abusiva do que era suposto aplicar-se não só ao ano mas também ao mês, ao dia e à hora do nascimento, tem como consequência constatar-se que há muito de comum entre as previsões apresentadas pelos diversos almanaques. Em claro contraste com o que se passa com as previsões publicadas no Ocidente, que variam de autor para autor e de imaginação para imaginação. Como temos vindo a fazer nos anos anteriores, a síntese das previsões do ano do Cavalo para os 12 signos, que apresentamos a seguir, tem como referência, entre outros almanaques, os dos astrólogos Peter So e Mak Ling Ling, duas celebridades de Hong Kong nesta área.

O signo do Cavalo simboliza a energia e o entusiasmo. Uma maneira de ser simples, sincera e algo emocional.

Sendo um símbolo da viagem e de transporte rápido, significa o sucesso rápido (as pessoas são transportadas em pouco tempo em direcção ao seu destino).

Os nascidos sob a sua égide são sociáveis e gostam de ser o centro das atenções.

Finalmente há uma conotação de nobreza no Cavalo, estando a palavra “cavaleiro” associada à nobreza e aos ideais elevados.

O ANO JIA WU

A festividade do Ano Novo Chinês do ano 2014 ocorre no dia 31 de Janeiro, que é o dia da segunda Lua Nova após o solstício de Inverno (de Dezembro do ano anterior). Esse será o primeiro dia da primeira lua do ano lunar, que então começa.

No entanto, para fins de adivinhação e de ordenação do tempo de acordo com o calendário Xia 夏历, ou Calendário do Agricultor (também conhecido entre os Chineses como *Wan Nian Li* 万年历, o Calendário dos Dez Mil Anos) que é um calendário solar, o ano *jia wu* 甲午 só começa no dia 4 de Fevereiro. Só as crianças nascidas a partir desse dia são consideradas, pelos praticantes do sistema Bazi, como tendo nascido no ano do Cavalo. O dia 4 de Fevereiro é considerado o dia do *Li Chun* 立春, isto é, do “estabelecimento da Primavera”, o que constitui uma tradução discutível do carácter *chun* 春, atendendo a que, no conceito ocidental de Primavera, o mês de Fevereiro não é, de todo, um mês primaveril...

Jia 甲 é um dos dez caules celestes (tian gan 天干), que são utilizados para identificar os princípios dos cinco elementos da filosofia tradicional chinesa, considerados nas suas versões *yang* 阳 e *yin* 阴. Jia 甲 corresponde ao elemento madeira, na sua versão yang (a versão yin está relacionada com o segundo caule celeste, *yi* 乙).

Do ponto de vista dos 12 ramos terrestres (*di zhi* 地支), o novo ano astrológico é identificado

pelo carácter *wu* 午, cuja designação popular é o signo do Cavalo (*ma* 马).

O único ano *jia wu* 甲午 do século XX foi 1954. No ciclo da geração dos cinco elementos, a madeira gera o fogo, o que significa que os dois elementos do ano estão em harmonia, já que um deles apoia e alimenta o outro.

No entanto, nas suas previsões para este ano do Cavalo, o astrólogo de Hong Kong Raymond Lo, famoso pelas suas análises desde há mais de 20 anos, tanto em língua chinesa como inglesa, considera que não há grandes razões para optimismo, uma vez que, pelo menos à superfície, haverá demasiada inflexibilidade nas relações internacionais. A razão disso, argumenta, é que a madeira, que juntamente com o Cavalo governa o ano, é uma madeira yang, representada por uma árvore de grande porte. A simbologia subjacente é a de uma grande afirmação de princípios e pouca predisposição para fazer cedências. Ou seja, um ambiente de inflexibilidade, quiçá de confrontação.

Por outro lado, o Cavalo corresponde ao pico da estação do fogo (que corresponde, no ciclo anual, ao mês de Junho e, no ciclo diário, ao período entre as 11h00 e as 13h00), portanto a um elemento fogo demasiado forte. Para mais, o fogo que o Cavalo guarda dentro de si é um fogo yin (simbolizado por uma chama), portanto instável e caprichoso.

Mesmo assim parece lícito concluir que, no final, haverá entendimento e harmonia, uma vez que os elementos se combinam bem.

ALMANAQUES CHINESES

PREVISÕES SIGNO A SIGNO PARA O ANO DO CAVALO



RATO

NASCIDOS EM: 1948, 1960, 1972, 1984, 1996
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

DESAFIOS E MUDANÇAS

O Rato está em choque frontal com o signo do ano, o Cavalo, o que significa um ambiente de mudança, que tanto pode ser pela positiva como pela negativa. O que se pode garantir para os nativos do Rato é que este não será um ano em que “tudo continuará como dantes”. A questão, que só a carta individual poderá esclarecer – dizem os astrólogos – é se essas mudanças serão positivas ou negativas.

Em qualquer caso, não será um tempo para se apostar na estabilidade. É pouco provável que ela aconteça. Este será um tempo de ajustamentos, de pequenas ou grandes alterações. O que até agora tem sido estável poderá tornar-se instável ou posto em causa neste ano do Cavalo.

A melhor estratégia é aceitar as mudanças e os desafios com naturalidade. Primeiro espere para ver o que acontece e ajuste-se em função disso. Será um exercício de flexibilidade.

As maiores potencialidades do ano vão para as finanças, onde há “boas influências”, prometendo entradas de dinheiro. Só que, ao mesmo tempo, os almanaques prevêem gastos dispendiosos e recomendam que sejam evitados investimentos arriscados.

O cenário decisivo deste ano é a “luta” entre o fogo (elemento do Cavalo, signo do ano) e a água, elemento do Rato. Que pode fazer o fogo à água? Mas a água pode apagar o fogo, tirando-lhe todo o poder...

AMOR ++
TRABALHO ++
DINHEIRO +++
SAÚDE +



BÚFALO

NASCIDOS EM: 1949, 1961, 1973, 1985, 1997
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

NOBRES AJUDAS

Em teoria o Búfalo e o Cavalo (que é o signo do ano) sentem uma espécie de “irritação” um pelo outro. Algo que incomoda sem no entanto causar grandes danos.

Paralelamente existem outros factores, mais fortes, que prognosticam um ano mais positivo. Acima de tudo os almanaques prevêem o aparecimento dos chamados *gui ren*, isto é, pessoas que protegem, ajudam ou de algum modo exercem um papel positivo na vida dos nativos do Búfalo.

Caso surjam problemas, os *gui ren* entrarão em acção, ajudando à sua resolução – assim rezam os almanaques...

Este ano é dominado por duas grandes tendências: de um lado o papel da ambição e da disciplina; mas, por outro, um desejo de descansar um pouco e “recarregar as baterias”. Os nativos do Búfalo poderão ser chamados pelas circunstâncias a serem mais ambiciosos do que desejaríamos pois, na verdade, estão em fase de algum recolhimento e preparação para acções futuras.

Será um ano positivo para as actividades intelectuais ou humanitárias. O dinheiro não estará no centro das preocupações, dizem os almanaques.

No fundamental, este será um ano para os nativos do Búfalo recarregarem energias. Bom para pensar e tentar ver o futuro de uma maneira clara e a longo prazo. Paralelamente, a imagem profissional sairá reforçada

AMOR +++
TRABALHO ++++
DINHEIRO +++
SAÚDE ++



TIGRE

NASCIDOS EM: 1950, 1962, 1974, 1986, 1998
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

O TIGRE “ATACA” DE NOVO

A energia universal *qi* circula do Tigre para o Cavalo, que é o signo do ano. Isso significa ação, visibilidade e algum protagonismo. Por outro lado, os dois signos pertencem à mesma família zodiacal. O ponto forte dos Tigres será o seu bom relacionamento com as pessoas em geral. Mesmo que surjam desentendimentos ou conflitos, será mais fácil encontrar pontes de entendimento. Quer no trabalho ou na vida familiar esse poder de negociação será decisivo.

Não faz pois sentido que os nativos deste signo deixem passar sem o utilizar o potencial trazido por este ano. É a altura pois de reactivarem a sua atitude felina e lançarem-se proactivamente à procura de oportunidades.

As questões relacionadas com a carreira profissional tendem a ocupar um lugar importante, campo em que haverá, pelo menos, algum grau de sucesso. No campo financeiro, os almanaques preocupam-se em especial com a predisposição para muitos gastos. E desaconselham os investimentos arriscados.

No amor, o ano será bem melhor para as famílias constituídas do que para os solteiros que aspiram ao início de uma nova relação.

Embora sendo dois animais de mundos diferentes, o tigre e o cavalo sabem entender-se. Um veloz, o outro felino, conseguem construir pontes de entendimento e complementaridade

AMOR +++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++
SAÚDE ++++



COELHO

NASCIDOS EM: 1939, 1951, 1963, 1975, 1987, 1999
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

UM BOM ANO!

Há almanaques que especulam em torno da simbologia relativa a cada um dos signos, o Coelho e o Cavalo, sendo este o signo do ano. O Coelho é rápido – dizem – mas o Cavalo ainda mais rápido é. Isso significa, concluem, muitos desafios e alguma incomodidade, devido à exigência colocada por essa diferença de “velocidades”.

O mais importante, no entanto, é a circulação da energia universal, *qi*, que se desloca do Coelho para o Cavalo. Isso significa expressão, exteriorização e visibilidade dos melhores talentos dos Coelhos e algum protagonismo.

Mais importante ainda é a presença de “estrelas” auspiciosas, que garantem um estado de espírito positivo, bem como a ocorrência de acontecimentos favoráveis que alimentam essa atitude construtiva. Os Coelhos andarão bem dispostos e mais atraentes do que o habitual, o que será meio caminho andado para muita coisa.

Esse poder decorrente do estado de espírito terá as suas consequências em vários aspectos da vida. O sentimental é o mais óbvio, claro, mas a carreira profissional será também beneficiada.

A chave do destino dos Coelhos para 2014 será a estrela simbólica da Felicidade Celestial. Alguns astrólogos mencionam a presença de influências menos positivas, mas o seu poder será incomparavelmente menor

AMOR ++++
TRABALHO +++
DINHEIRO +++
SAÚDE ++++



DRAGÃO

NASCIDOS EM: 1940, 1952, 1964, 1976, 1988, 2000 (entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

PREPARANDO O FUTURO

A entrada do Dragão no ano do Cavalo assemelha-se a uma entrada em território estrangeiro. É como alguém que se sente desamparado e mesmo as coisas mais simples por vezes são difíceis de concretizar: faltam redes de apoio e os amigos não estão à mão quando são necessários. Ou seja, potencialmente um ano de desafios.

Mas tudo depende de até que ponto os Dragões quiserão realmente levar por diante algum projecto concreto de alguma dimensão.

A este respeito há que ter em conta o sentido da circulação da energia universal qi. A “energia” do fogo (signo do Cavalo) “alimenta” a terra do Dragão, como uma mãe que protege o filho. O Dragão sente-se confortável e acarinhado, portanto pouco motivado para ir além desse conforto já adquirido. Será pois um ano bom para assentar ideias, recarregar baterias, aprender e preparar acções futuras.

Mesmo assim, alguns almanaques prevêem oportunidades ou eventos concretos relativos ao estatuto profissional e social. Os Dragões serão vistos de uma forma positiva pelos seus chefes, as suas melhores qualidades serão reconhecidas. Apesar do pouco investimento feito nesse sentido...

A previsão para o signo do Dragão neste ano do Cavalo parece contraditória, mas não é. As dificuldades só surgirão se houver projectos ambiciosos de curto prazo. Mas a concepção de projectos de longo prazo será bem-vinda

AMOR ++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++
SAÚDE ++



SERPENTE

NASCIDOS EM: 1941, 1953, 1965, 1977, 1989, 2001 (entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

ANO DE RECOMEÇO

Muitos almanaques previram que o ano da Serpente (2013) seria algo turbulento para os nascidos sob esse mesmo signo.

No entanto, para o ano do Cavalo as perspectivas são claramente mais positivas. Será certamente melhor do que o ano precedente e constituirá um ponto de partida para o futuro.

A faceta mais forte de 2014, ano do Cavalo, será a capacidade de estabelecer relacionamentos construtivos com outras pessoas. Por outras palavras, a criação de “redes” (*guan xi*) que virão a revelar-se úteis no futuro. Tudo irá sendo construído (ou reconstruído) degrau a degrau e com segurança. Outra componente deste ano do Cavalo para os nascidos sob a Serpente é uma grande abertura para aprender e para desenvolver a criatividade. O almanaque da astróloga Mak Ling Ling, uma estrela mediática de Hong Kong, indica que 2014 será um ano promissor para os nativos da Serpente envolvidos nas indústrias criativas em geral, na escrita, no design ou no marketing. Os pensamentos serão claros, a inspiração incisiva. O ano será igualmente bom para estudantes e os envolvidos em projectos académicos.

A capacidade de estabelecer relacionamentos construtivos (e úteis...) com outras pessoas será uma tónica deste ano. Os nascidos sob a Serpente saberão valorizar os contactos humanos numa base de sinceridade e confiança

AMOR +++
TRABALHO ++
DINHEIRO +++
SAÚDE ++



CAVALO

NASCIDOS EM: 1942, 1954, 1966, 1978, 1990, 2002 (entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

“CAVALGAR” DISCRETO E SEGURO

O Cavalo encontra o ano do Cavalo, o que seria de esperar que fosse uma boa notícia. Mas para a tradição dos almanaques, as “energias” iguais contêm sempre uma componente de competição. Os nossos semelhantes podem ajudar-nos ou então desejar o mesmo que nós desejamos.

Um dos almanaques vê na chegada ao ano do Cavalo algo parecido com a entrada numa cidade governada por um (Cavalo) tirano. Assim sendo, devem os nascidos sob o signo caminhar com a prudência de quem se desloca em território alheio, potencialmente hostil.

Embora com este contexto de fundo, há no entanto boas notícias. Nomeadamente a presença da Estrela do General, que, com a sua conotação militar, promete poder e liderança. É uma influência forte, significando algo de muito concreto.

A saúde e a vida amorosa serão os aspectos menos favorecidos. Quanto ao dinheiro, os nascidos sob o Cavalo poderão ter muito nas suas mãos (ou sob a sua supervisão) mas isso talvez crie mais problemas do que benefícios.

O elemento madeira presente no ano alimenta e protege os nascidos sob o Cavalo, podendo torná-los um tanto indolentes, pouco interessados na competição. Porém, no contexto deste ano, isso até poderá ser uma boa notícia...

AMOR ++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++
SAÚDE +



CABRA

NASCIDOS EM: 1943, 1955, 1967, 1979 1991, 2003 (entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

ENCANTO E PROTECÇÃO

A Cabra e o Cavalo gozam de uma afinidade particular. Isso é uma boa notícia para os nascidos sob a Cabra, pois encontrarão neste ano um aliado muito especial.

A energia universal *qi* circulará do Cavalo (dominado pelo elemento fogo) para a Cabra (elemento terra), o que significa apoio. O Cavalo protege a Cabra, os chamados *gui ren* (isto é, “homens nobres”) surgirão prontos para proteger e livrar de aflições. O que no entanto poderá levar a uma atitude comodista e preguiçosa.

Mas há alturas da vida próprias para descansar e “carregar as baterias”. Desde que não se ignorem as oportunidades guardadas para a vida profissional, que serão desperdiçadas caso não haja algum esforço de ambição.

O grande trunfo dos nascidos sob a Cabra será a sua invulgar capacidade de relacionamento com as outras pessoas. Serão simpáticos, atraentes e convincentes, dom que se reflectirá em todos os aspectos da vida.

A via para o sucesso pouco dependerá do esforço. Será uma consequência natural da capacidade de empatia com os outros, e uma boa pitada de boa sorte...

A cabra é por natureza pacífica, o mesmo acontecendo com o Cavalo. Um casal perfeito, consagrado no Zodíaco chinês, onde os signos correspondentes são considerados aliados especiais

AMOR +++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++
SAÚDE ++++



MACACO

NASCIDOS EM: 1944, 1956, 1968, 1980, 1992, 2004 (entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

A OPORTUNIDADE QUE PASSA...

A energia de fogo, fortalecida neste ano do Cavalo, desafia o elemento metal do Macaco. O fluxo da energia universal *qi* indica que o caminho natural é o da disciplina e da ambição.

Outro factor a ter em conta é a presença da “estrela” (simbólica) do Cavalo Viajante. Significa que tudo o que é importante tende a passar-se “além-fronteiras”, isto é, fora do pequeno universo das rotinas e das pessoas que já se conhecem. O estrangeiro tende a desempenhar um papel importante nos seus destinos.

A carreira tenderá a estar no centro dos acontecimentos. A possibilidade de ser promovido ou passar por uma oportunidade do género estará na agenda dos nascidos no ano do Macaco.

O essencial da mensagem tem a ver com a passagem de um Cavalo (não só o signo mas também a estrela do Cavalo Viajante...) e essa é a questão decisiva. Conseguirá o Macaco aproveitar a passagem desta oportunidade e partir, decidido, para o futuro? O uso da inteligência – sempre tão importante para os nascidos sob este signo - para a tomada de decisões será a chave dos acontecimentos.

Ambos os signos, o Macaco e o signo do ano, o Cavalo, gostam do movimento. O Cavalo é mais rápido, desafiando por isso o Macaco e obrigando-o a um esforço suplementar

AMOR ++
TRABALHO ++++
DINHEIRO +++
SAÚDE +++



GALO

NASCIDOS EM: 1945, 1957, 1969, 1981, 1993, 2005 (entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

DISCIPLINA E CARISMA

Em pura teoria a relação entre o Galo e o Cavalo (que é o signo chinês de 2014) não é muito positiva para o Galo. O elemento fogo, dominante no Cavalo, tende a “derreter” o metal, que é o elemento do Galo.

Isto significa uma certa pressão exercida sobre os nascidos sob o Galo. Mas atendendo ao contexto positivo do ano, essa pressão funcionará mais pela positiva. Exercerá uma acção disciplinadora e competitiva, permitindo o progresso.

Mas o grande trunfo do ano decorre da influência de uma estrela particularmente positiva para a vida sentimental e o relacionamento com as outras pessoas. Um ano bom para iniciar uma nova relação ou para o casamento. No entanto, o ambiente romântico do ano arrisca-se a ser problemático para os já casados, caso cedam às tentações que surjam pelo caminho, alertam os almanaques...

Mesmo na vida profissional e nos negócios, a capacidade acrescida de influenciar as outras pessoas constituirá igualmente uma chave para o sucesso. Tudo será mais fácil de conseguir, sem grande esforço.

A simbologia do Cavalo (signo do ano) tem a ver com a pura energia e o entusiasmo inesgotável. Ao passo que o Galo se rege pelos princípios da qualidade e do requinte. Uma contradição que este ano se resolve pela positiva

AMOR ++++
TRABALHO ++++
DINHEIRO +++
SAÚDE +



CÃO

NASCIDOS EM: 1946, 1958, 1970, 1982, 1994, 2006 (entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

ENTRE OS SEUS

O Cão e o Cavalo (signo do ano) pertencem à mesma família astrológica.

Os nascidos sob o Cão sentem-se este ano “em casa” ou “em família”. A sua capacidade de relacionamento com as outras pessoas estará acrescida. É aliás aconselhável que tenham uma postura proactiva a este respeito, dedicando uma maior atenção ao convívio com familiares, amigos e colegas de trabalho. De uma maneira espontânea as boas coisas virão através dessas pessoas, sem que qualquer coisa seja feita a esse respeito.

Outro traço dominante do ano é o facto de a energia universal qi circular do Cavalo (signo do ano) para o Cão. O fogo do Cavalo “alimentará” a terra do Cão, tornando-a mais forte e protegida. Será uma boa altura para abrandar o ritmo dos acontecimentos e recarregar baterias. É um ciclo natural, um momento bom para prender e estudar, preparando acções futuras.

A faceta negativa disso é o comodismo. Se os nativos do Cão exagerarem nesta tendência, deixarão passar oportunidades e um ano potencialmente bom poderá passar sem que nada de importante aconteça.

Cão e Cavalo são dois animais com muito em comum. Gostam de ser úteis e fazem-no com a maior das naturalidades, sem pedir nada em troca. Ou seja, os nativos do Cão sentir-se-ão em terreno familiar e seguro

**AMOR +++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++
SAÚDE ++**



PORCO

NASCIDOS EM: 1947, 1959, 1971, 1983, 1995, 2007 (entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

UM ANO PARA RECOMEÇAR

É ponto assente entre os almanaques chineses que o ano da Serpente (2013) foi (ou deveria ter sido...), para os nativos do Porco, um tempo de confronto de energias.

Agora que se inicia o ano do Cavalo, um novo sol brilhará. Uma altura para recompor as suas vidas, o que será mais evidente a partir de Junho.

A suportar o tom claramente positivo do ano, os almanaques referem a existência de uma “ligação oculta” entre o signo do Porco e o signo do ano (Cavalo). Trata-se de uma “ligação oculta” porque os elementos que dominam os dois signos, ao contrário das aparências, combinam-se perfeitamente. Isso cria um ambiente favorável à estabilidade e ajuda a encontrar parceiros óptimos, em todos os campos da vida.

Na profissão e nos negócios, estarão activos e visíveis.

No que diz respeito estritamente ao dinheiro, o astrólogo Peter So vai ao ponto de afirmar que o Porco será o signo mais beneficiado a este respeito. Mas outros são mais comedidos nos seus prognósticos, alertando que, ao mesmo tempo, haverá perdas e que este não será um bom ano para emprestar dinheiro...

Um dos almanaques sustenta a disparidade entre o porco, que só tem de comer, beber e dormir, ao passo que o cavalo necessita de demonstrar a sua utilidade, trabalhando. Quem fica a ganhar nesta comparação?

**AMOR +++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++++
SAÚDE ++**

ANO CULTURAL DA CHINA NO BRASIL



FERNANDA RAMONE

Mestre em Produção
Cultural pela Universidade
de Pequim

Directora do Festival de
Documentários DocBrazil



“Boa parte da arte popular – e do entretenimento – nos pede para habitar o seu mundo, para fugir do nosso. A arte mais ambiciosa nos convida, além disso, a ver ao redor e por trás dela; e a ver o nosso próprio mundo através dela.”

PETER TURCHI

O Ano Cultural da China no Brasil foi realizado entre os meses de Outubro e Dezembro de 2013 de forma itinerante percorrendo cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Apresentou actividades como o balé, a acrobacia, a música, a exibição de filmes, a dança

moderna e exposições de fotografias entre as atracções da agenda oficial. A iniciativa foi promovida conjuntamente pelo Ministério da Cultura, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, a Embaixada da República Popular da China, secretarias estaduais e municipais de São

Paulo, bem como promotores brasileiros e patrocinadores. O objectivo, estreitar o intercâmbio e a cooperação cultural além de revelar universos pouco conhecidos destes dois países parceiros que há tempos mantêm relação comercial bastante expressiva. E assim, a partir do desenvolvimento das relações culturais ampliar as colaborações estratégicas globais. As ambições são grandiosas frente ao desafio de trazer para perto e com maior frequência ao público brasileiro as matizes que realçam a diversidade cultural chinesa. A considerar



o comprometimento de projectos configurados pelo carácter de médio prazo ou por seu impacto interactivo entre os artistas chineses e o público brasileiro, como é o caso do *workshop* de dança moderna chinesa Tao Dance Theater e o espectáculo *Fu Yong*, o cenário foi promissor.



“A música muda o corpo e a dança muda a mudança. A música de um outro desfaz a sua distância.”

ARNALDO ANTUNES

Unindo três vertentes chaves da manifestação cultural chinesa - acrobacia, dança e música -, o espectáculo *Fu Yong: A Eterna Fortuna na Montanha Sagrada*, desfez as distâncias saindo pela primeira vez em turnê internacional. Para além de percorrer nove cidades brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Natal, Aracaju, Salvador, Cuiabá, Goiânia, Brasília e Belo Horizonte) com uma trupe de 39 artistas, promoveu através do enredo do espectáculo os ritos religiosos e ritmos mitológicos que deram origem a lendária cultura chinesa,

elegendo a quinta maior etnia, a Miao, para retratar suas raízes civilizatórias. A importância dada pelo grupo nos processos de desvendar e preservar as origens é apontada como ferramenta fundamental para o seu desenvolvimento. Foi esta preocupação pela manutenção do património que despertou o interesse de Fernando Ramos, director da Kommitment Produções Artísticas, a trazer o espectáculo para o Brasil. O espectáculo, para além de seu papel de entreter, serviu ainda para facilitar a integração entre funcionários brasileiros e

chineses da empresa chinesa patrocinadora instalada no Brasil. Proporcionou vivências através de actividades realizadas entre integrantes da trupe e pessoas com deficiências físicas ou mentais e crianças carentes em algumas das cidades visitadas. Coleccionou experiências de mudanças desfeitas pelas distâncias. E apesar da barreira do idioma estabeleceu a comunicação em função da arte. Ramos acredita que o único caminho possível para promover a aproximação em qualquer área de interesse começa pela familiaridade cultural. Traça paralelos do cenário contemporâneo sino-brasileiro, e defende a importância da instauração de mecanismos capazes de



facilitar a difusão cultural chinesa de qualidade a partir desta iniciativa entre governos. De modo que possa ser criado um calendário anual e constante de actividades para facilitar este fluxo.

“Parece-me que na escala das medidas universais há um ponto em que a imaginação e o conhecimento se cruzam, um ponto em que se atinge a diminuição das coisas grandes e o aumento das coisas pequenas: é o ponto da arte.”

VLADIMIR NABOKOV

O improvável que consistia em imaginar o encontro entre o director artístico e coreógrafo Tao Ye, da companhia chinesa mais aclamada e considerada responsável por transformar o

mundo da dança na China, e a primeira bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro Ana Botafogo aconteceu. A escala das medidas universais cruzaram a imaginação e o conhecimento, diminuíram o

que era considerado vultuoso e penoso e deu lugar ao grande, ao espaço para o encontro da arte.

A iniciativa reuniu bailarinos chineses para ministrarem aulas nas cidades do Rio de

Janeiro e São Paulo. No Rio, os participantes integram um projecto social conhecido como *Dançando para não dançar*, que conta com a bailarina Ana Botafogo como madrinha desta organização sem fins lucrativos, dedicada a inclusão e profissionalização de jovens carentes de 13 comunidades cariocas através do balé clássico. Tao Ye e seus bailarinos apresentaram seu método de treinamento no Teatro Municipal para 50 jovens alunos, com idades entre nove e 25 anos.

Em São Paulo, o *workshop* aconteceu no Auditório do Ibirapuera, um dos ícones arquitectónicos de Niemeyer, para 70 bailarinos brasileiros. A primeira etapa do projecto teve como objectivo preparar os participantes que integrarão em Abril deste ano a primeira apresentação oficial do grupo no Brasil, prevista para acontecer nas cidades de Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo, durante o Festival O Boticário na Dança. A empresa brasileira O Boticário é a responsável por trazer a companhia Tao Dance Theater ao país. É interessante perceber que a diminuição das coisas grandes, no caso a iniciativa privada responsável pelo patrocínio financeiro, só propiciou o aumento das coisas pequenas, pequenas quando pensamos que projectos como este ou como a de trazer o espectáculo Fu Yong poderiam ser propagados e ampliados caso o ponto da arte passasse a desempenhar papel deveras prioritário para além das esferas da formalidade dos acordos.

“A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível.”

LEONARDO DA VINCI

Inserido na programação de um dos festivais de cinema mais importantes do país, a 37.ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, entrou em acção o Ciclo de Filmes Chineses, resultado de uma parceria entre a Agência Cinematográfica de Administração de Rádio, Cinema e Televisão do Estado da República Popular da China, a Embaixada da República Popular da China no Brasil e a Mostra. Foram seleccionados nove títulos. A animação clássica *Tumulto no Reino Celestial*, de Wan Lai Ming e Tang Cheng, foi restaurada e eleita para abrir o ciclo. Entre as obras de maior destaque figuram *O Grande Mestre*, de Wong Kar Wai, e *Presença na Internet*, de Chen Kaige. O filme de maior bilheteria de todos os tempos na China, *Perdido na Tailândia*, de Xu Zheng, e o histórico *De Volta a 1942*, de Lo Chi Leung, estão entre as obras mais expressivas. Completaram a programação *O Médico da Tirolesa*, de Lei Xianhe, *A Bala Desaparecida*, de Lo Chi Leung, *Espadas Voadoras*, de Tsui Hark, e *Marcas da Juventude*, de Siu Hung Cheung e Zhong Shao Xiong. E mesmo integrando a Mostra, dentro deste cenário das celebrações do Ano Cultural da China no Brasil, com sessões gratuitas para alguns títulos, parte dos filmes apresentava legendas apenas

em espanhol. E por mais que a arte diga o indizível, exprima o inexprimível, neste caso pecou por não traduzir o que poderia ser traduzível. Em especial neste contexto único da junção entre situação e ocasião. Que melhor oportunidade para exhibir e conquistar um público ávido pelo cinema e por filmes internacionais senão o da maior e mais importante mostra de São Paulo?

“Que os nossos esforços desafiem as impossibilidades. Lembrai-vos que as grandes proezas da história foram conquistas daquilo que parecia impossível.”

CHARLES CHAPLIN

O ciclo de filmes chineses de São Paulo seguiu para Brasília e Foz do Iguaçu. Para além destas iniciativas culturais, constou na agenda oficial de actividades o Ballet Liaoning, uma performance da Butterfly Girls Band, a Exposição



de Cartoon e Animação de Arte China em Brasília, o *workshop* sobre dança moderna chinesa por Teatro de Dança Tao, e a exposição de fotos intitulada A Bela China, em Brasília. É bem-vindo que tais esforços desafiem as impossibilidades futuras e possam ser realizadas repetidas e inúmeras vezes para um público cada vez mais numeroso não apenas, mas especialmente, em território brasileiro. Onde há comprovadamente interesse e admiração para com este país ainda tão longínquo geográfica e culturalmente, a China. ●



CASA DE LOU KAU (1891)

DO SEU PRÓPRIO (RE)DESENHO



TIAGO QUADROS

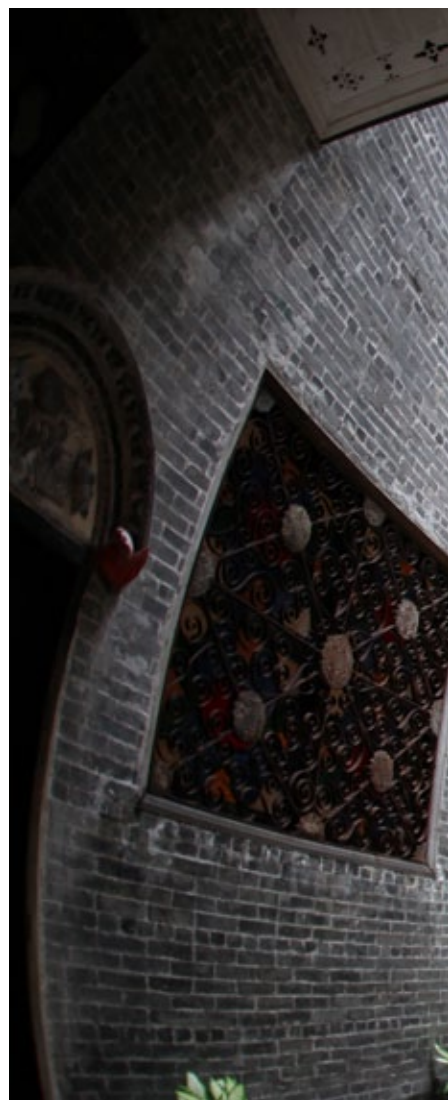
Arquitecto



MARGARIDA SARAIVA

Investigadora,
curadora e educadora

Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



A casa enquanto prolongamento do espaço pode ser vista à luz da ideia de “dobra” de Deleuze. Ela é uma dobra no espaço. Fazer uma dobra implica o trabalho de uma linha que atravessa o espaço que nós construímos sobre a terra, que costura nesse espaço a própria natureza. Trata-se de uma linha quebrada, incompreensível, labiríntica, em que trabalham os arquitectos e os artistas e todos nós. O problema está em saber se é possível planear essa linha, se é possível controlá-la ou programá-la. Construída em 1889, durante

a dinastia Qing, a Casa de Lou Kau, situada na Travessa da Sé, nas imediações do Largo do Leal Senado, foi a antiga residência da família Lou Kau até 1910. Refira-se que a localização desta casa, grande e antiga, reflecte a abrangência social que era evidente no centro da antiga cidade cristã. De facto, a Casa de Lou Kau ocupa a Travessa da Sé “como prova da nossa actividade passada”, existe em território contemporâneo, evocando um “contexto misto, problemático e interrogativo”. Lou Kau, um empresário que fez fortuna através do negócio da troca de dinheiro,

esteve fortemente envolvido na filantropia, na criação de escolas e recuperação de templos ancestrais. A edificação em tijolo cinzento constitui-se como um dos poucos exemplares do estilo ainda existentes em Macau, trata-se de uma obra que reúne linguagens arquitectónicas dispares. Se as janelas em concha, os ornamentos em gesso e as esculturas em tijolo são comumente encontrados na região central da Província de Guangdong, os tectos falsos, os vitrais e as grades de ferro fundido são marcas ocidentais.



ARQUITECTURA

A casa tem uma implantação e organização espacial simétrica, desenvolvida sobre uma fórmula modular de três por três espaços. Os dois pátios no eixo central separam as três salas principais. A esse propósito, refira-se que a organização espacial da habitação traduz a estrutura hierárquica das famílias chinesas, onde os espaços mais interiores e reservados eram ocupados pelos membros mais destacados do agregado familiar. Em 1970, a casa, que apresentava sinais de degradação evidentes, albergava 20 famílias. Em Julho de 2002, o Instituto Cultural da RAEM realiza o processo de restauro da Casa de Lou Kau. Hoje, o edifício está aberto ao público com exposições regulares de arte

chinesa.

Dentro da Casa de Lou Kau, uma caixa menor marca a fronteira entre o limite do recinto e a habitação, com algumas janelas a selarem vãos abertos, protegendo a casa das condições climatéricas. O último piso emoldura o espaço mais íntimo. As fronteiras de todas as caixas são corrompidas com grandes vãos rectangulares, formando, camada a camada, filtros e enquadramentos que nos vão revelando, progressivamente, a luz e as vistas, criando um campo tridimensional de opacidade e transparência. Com efeito, a questão da fronteira ideal, entre interior e exterior, está longe de ser encontrada. Poder-se-á dizer que uma arquitectura se

cumprir quando um espaço ao ar livre, se sente como fazendo parte da casa, e quando um espaço interior se sente como exterior. A Casa de Lou Kau não é sobre o espaço ou sobre a forma, mas antes sobre a riqueza do que é ser "entre" – os espaços, a sombra e a luz.

Mas a casa é também muito os materiais de que é feita, que têm uma linguagem própria e um brilho, que é preciso potenciar. É preciso ser capaz de transformar uma simples pedra em qualquer coisa que seja mais do que isso. Os materiais são fundamentais. E a carga que cada um deles tem, o seu calor e temperatura. Na Casa de Lou Kau conseguimos senti-los até à última instância, nomeadamente

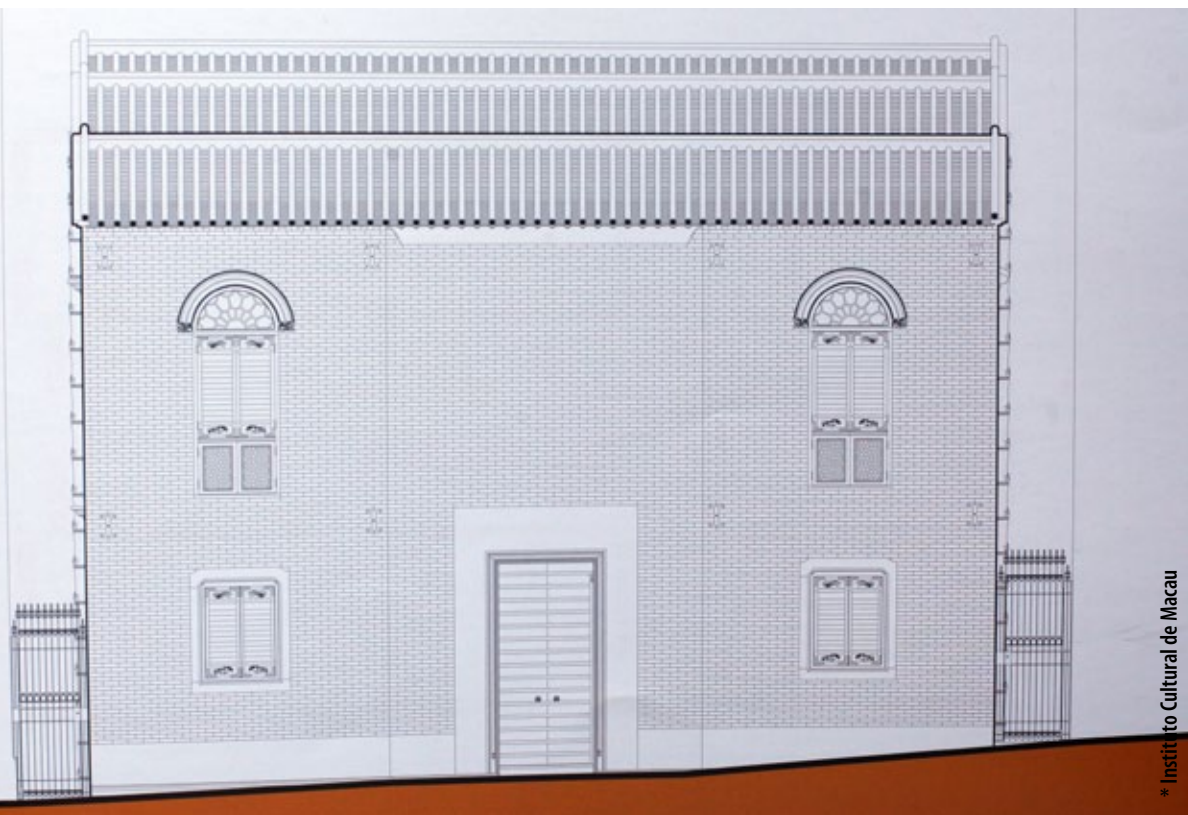
A centenária Casa de Lou Kau é um edifício de dois pisos, de tijolos cinzentos, apresentando uma mescla de estilos arquitectónicos orientais e ocidentais.





Desde 1992 que está classificada como edifício de interesse arquitectónico mas só em 2002 foi alvo de profundo restauro. Em Julho de 2005, passou a integrar a lista de Património da Humanidade da UNESCO





tacteando-os, afagando-os, em cada uma das suas paredes.

As marcas são inerentes a tudo o que existe, porque tudo é perecível. E a Casa de Lou Kau é isso. Um objecto que não acabou. Que não acaba nunca e que lentamente se vai construindo.

A Casa de Lou Kau convida à reflexão no valor simbólico das estruturas. O seu interior é feito de mutações evocadas, onde se descortinam densidades variáveis. E a sua linguagem é estritamente arquitectónica, sem adjectivos ou citações. As diferentes espessuras que as peles de tijolo conformam, ajudam a acentuar a leitura dos seus próprio limites – o edifício existe para além dele próprio. Por isso o desenho da Casa de Lou Kau resulta do seu

HISTÓRIA

1891

É construído o edifício

1910

A família Lou Kau deixa a residência

1970

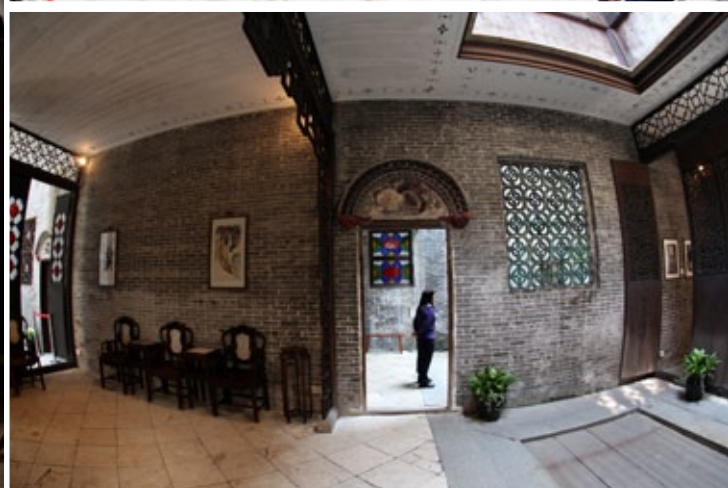
O Instituto Cultural da RAEM realiza o processo de restauro da Casa de Lou Kau

próprio (re)desenho, do modo como se estabelecem os tempos de respiração que, medindo as distâncias, ajudam a fixar a escala do conjunto. Esta obra revela uma ideia de abrigo que a contraposição do tijolo sublinha. Para o visitante é quase natural que a espessura das paredes se transforme em fértil território. E é sobretudo nessa espessura que a Casa se desenha. A Casa de Lou Kau parece sugerir como a arquitectura deve recuperar a sensibilidade da vida humana. Poder-se-ia dizer que as suas experiências são dirigidas para a recuperação das interacções humanas e das relações primitivas entre as pessoas e o tempo. Nem dentro, nem fora, nem da cidade, nem da casa. A espacialidade da

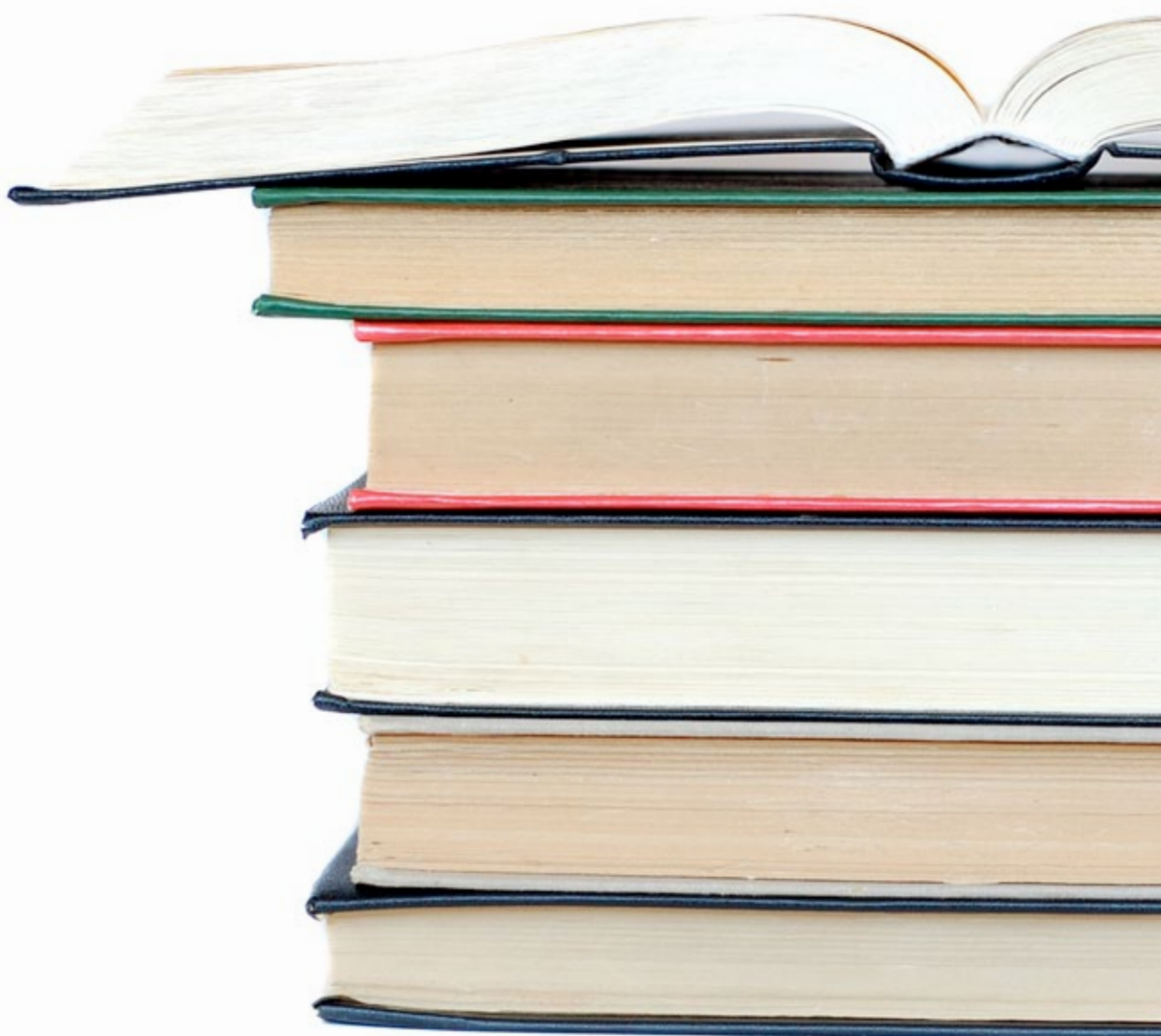
Casa de Lou Kau demonstra a ambiguidade intrínseca que hoje se crê como essencial a uma nova concepção do espaço arquitectónico. Com efeito, esta casa não tem exterior real, nem interior real. Toda a área revela-se apenas "entre". Poder-se-á dizer que aqui não há cidade, não há nenhuma casa, apenas níveis de intermediação. Estamos perante um objecto seminal, no qual tudo, desde as origens do mundo até uma casa específica, são revelados por um único método. A Casa de Lou Kau assume-se como um projecto feito de formas atemporais que

poderiam ter na origem exemplos de arquitectura produzida nos anos vinte, as pinturas de Mondrian ou Klee, ou ainda as esculturas de Brancusi ou Arp. Agora é o momento para se dedicar nova atenção à Casa de Lou Kau. Esta é uma obra de enorme relevância que merece a atenção de estudos livres e aprofundados. Àqueles que revelaram a Casa de Lou Kau, no entanto, não só os arquitectos devem gratidão: o terem "descoberto" para nós o que nós não conseguíamos ver, o sentimento que nos invade ao observarmos o seu ventre, no centro da Casa. ●

Localizada no número 7 da Travessa da Sé, a Casa de Lou Kau foi a residência de Lou Wa Sio (Lou Kau), um importante mercador chinês, e da sua família. Um poema inscrito numa cornija no interior da casa permite situar o ano da sua construção por volta de 1889

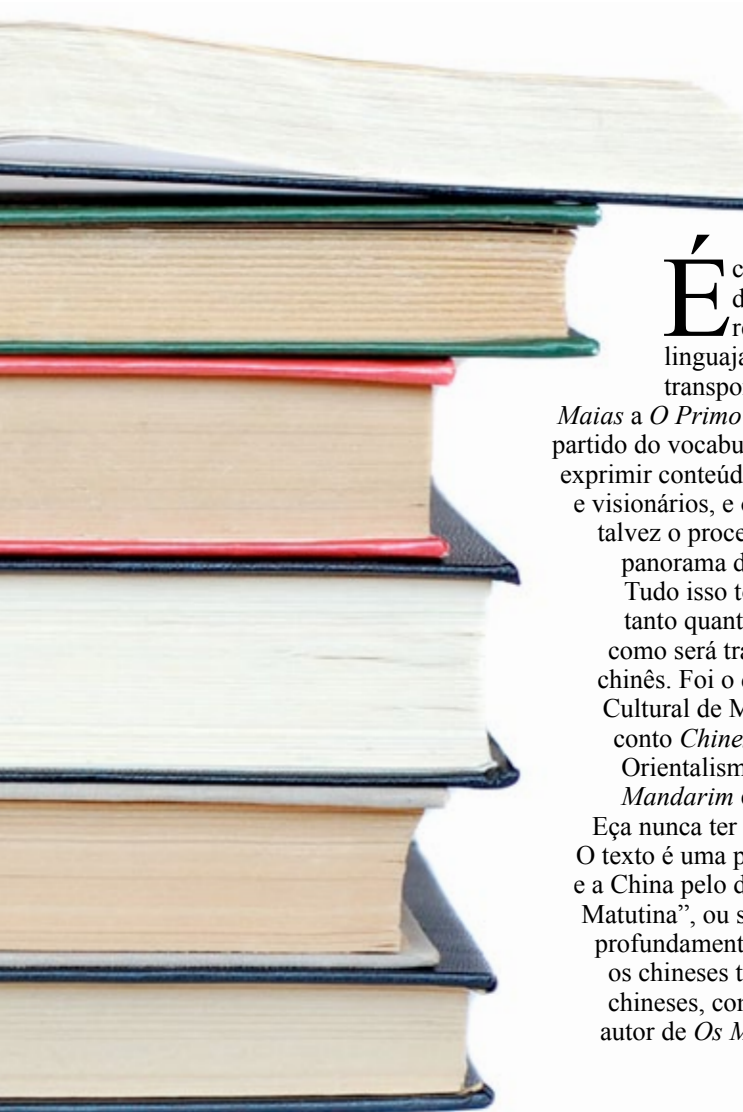


POR OUTRAS PALAVRAS



A tradução literária em Macau está a dar largos passos. Lili Han terminou a tradução de um conto de Eça de Queiroz para o chinês e, numa altura em que o número de chineses a aprender português aumenta de ano para ano, Márcia Schmaltz ajuda a trazer para a língua de Camões o Nobel da Literatura Mo Yan

Texto **Filipa Queiroz** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



É conhecida a especificidade da escrita de Eça de Queiroz, da expressividade e recursividade da escrita à reprodução do linguajar da burguesia lisboeta que o escritor transportou para quase todas obras, desde *Os Maias* a *O Primo Basílio*. Ainda a forma como tirava partido do vocabulário habitual e o tornava apto para exprimir conteúdos ideológicos e estéticos inovadores e visionários, e o uso expressivo do adjectivo que é talvez o processo estilístico que mais destaca Eça no panorama da produção literária portuguesa. Tudo isso torna o escritor português interessante tanto quanto importante de ler, mas imagine como será traduzir. Agora imagine traduzir para o chinês. Foi o que foi pedido a Lili Han pelo Instituto Cultural de Macau, que lhe propôs que traduzisse o conto *Chineses e Japoneses*. Um sinal da adesão ao Orientalismo de Eça, a par de outros títulos como *O Mandarim* e o artigo *A França e o Sião*, e apesar de Eça nunca ter visitado este lado do globo. O texto é uma perspectiva da guerra entre o Japão e a China pelo domínio do “Reino da Serenidade Matutina”, ou seja, a Coreia. Uma análise profundamente crítica e assertiva sobre a visão que os chineses teriam dos europeus e os europeus dos chineses, com o cunho visionário a que de resto o autor de *Os Maias* habituou os leitores.

LÍNGUAS

Lili Han já terminou a tradução da crónica mas a publicação só deve acontecer durante o próximo ano, por isso prefere não avançar muitos detalhes. No entanto, a professora de tradução do Instituto Politécnico de Macau (IPM) explicou na sessão sobre tradução do encontro *Literary Word*, no Centro de Indústrias Criativas - Creative Macau, em Abril, as horas incontáveis que passou a ler e estudar Eça de Queirós, e a tentar compreender o contexto de Portugal e internacional do início do século XIX.

“Para mim, traduzir Eça de Queiroz foi uma experiência muito especial, no sentido de encontrar soluções no processo de tradução. Antes de fazer tradução, fui estudar o autor, a sua vida, o seu trabalho e os comentários sobre a sua escrita. Li igualmente algumas obras dele já traduzidas para chinês no intuito de conhecer de modo geral o seu estilo, as técnicas de escrita e a corrente literária que ele representa na literatura portuguesa”, explica Lili Han. Eça de Queiroz é o autor português mais traduzido na China, há já seis livros publicados em chinês (*O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *Os Maias*, *A Relíquia*, *A Capital* e *A*

Cidade e As Serras). *A Capital* foi o último a sair em 2000, traduzido por Chen Yongyi, considerado um dos melhores tradutores chineses de português, condecorado pelo então presidente da República Portuguesa Mário Soares em 1995.

“Para mim Eça é como outros grandes escritores, representa o século. É uma figura importantíssima na literatura portuguesa e acho que vale a pena apresentá-lo aos leitores chineses”, diz Lili Han.

A história da apresentação e tradução de obras literárias portuguesas na China não é longa. As novelas de Eça começaram a ser publicadas em revistas chinesas nos anos 1960 mas traduzidas de outras línguas estrangeiras para o chinês, e não directamente de português. Isso só começou a acontecer a partir dos anos 1980 graças ao desenvolvimento do contingente de tradutores chineses.

“A minha maior dificuldade na tradução foi na interpretação do humor e ironias de Eça, porque as suas ironias faziam parte dele e a sua linguagem era demasiado conotativa, o que fez com que a tradução tivesse de ser semântica e comunicativamente equivalente”, explica



A história da apresentação e tradução de obras literárias portuguesas na China não é longa. As novelas de Eça começaram a ser publicadas em revistas chinesas nos anos 1960 mas traduzidas de outras línguas estrangeiras para o chinês, e não directamente de português. Isso só começou a acontecer a partir dos anos 1980 graças ao desenvolvimento do contingente de tradutores chineses

Lili Han. Mas confessa: “Este desafio depois tornou-se um prazer.” A preparação exaustiva ajudou-a a resolver os problemas básicos de tradução como, por exemplo, o registo e a metáfora. “Ao longo da tradução continuou o mesmo esforço, muitas vezes para melhor saber as alusões literárias.”

O REVERSO DA MEDALHA

Quando Mo Yan ganhou o Nobel da Literatura no ano passado montou-se um problema para os leitores lusófonos – a existência de apenas uma obra disponível do autor em língua portuguesa - *Peitos Grandes, Ancas Largas* (Ulisseia). Entretanto surgiu mais uma: *Mudança*, publicada em Junho de 2013, no Brasil. Quem traduziu foi Márcia Schmaltz, professora de Tradução na Universidade de Macau (UMAC) desde 2008, onde também faz o doutoramento. *Mudança* é uma novela pseudobiográfica em que o personagem Mo Yan relata as transformações psíquicas e comportamentais durante o percurso de crescimento de um grupo de amigos de escola durante a Revolução Cultural até a Reforma e Abertura em 1978”, explica.

Márcia também traduziu *De Pernas Para o Ar*, conto que narra o reencontro de um grupo de amigos de infância numa recepção promovida por um deles, que foi promovido a um cargo de alto-escalão do governo provincial. “Um conto em que as relações de poder são escancaradas e os personagens se submetem cinicamente para tirar algum proveito”, conta a tradutora. Em comum as narrativas têm o estado de relações corrompidas pelos interesses pessoais, tratados numa linguagem bem humorada.

No currículo da tradutora constam uma série de obras, passou do chinês para o português *Histórias da Mitologia Chinesa* (distinguido com o prémio Xerox/Livro Aberto em 2000), *Contos Completos* de Lu Xun, *Viver* de Yu Hua, *Chengdu*, *Deixe-me em Paz* de Murong Xuechun, *Dicionários Temáticos e Visuais Bilingues*, entre outras. Especializada em tradução pela Universidade de Língua e Cultura de Pequim, foi na capital que leu pela primeira vez o autor chinês Guan Moye, conhecido pelo pseudónimo Mo Yan, muito antes do Nobel. “Na altura [2005-2006] foi-nos apresentada a grande promessa literária e sua obra *Extenuado*



* Lili Han passou horas a estudar Eça de Queiroz para entender o contexto de Portugal no século XIX

No currículo de Márcia Schalmzt constam uma série de obras, passou do chinês para o português *Histórias da Mitologia Chinesa* (distinguido com o prémio Xerox/Livro Aberto em 2000), *Contos Completos de Lu Xun*, *Viver de Yu Hua*, *Chengdu*, *Deixe-me em Paz* de Murong Xuechun, *Dicionários Temáticos e Visuais Bilingues*, entre outras

de Viver e Morrer. Devorei o livro em poucos dias e logo escrevi uma resenha propondo a sua tradução a uma editora brasileira. A previsão de páginas arrefeceu a sua publicação, mas penso que ainda deverá ser traduzida”, conta a tradutora que continua a explorar o universo do escritor chinês. De momento na cabeceira tem *Nação do Destilado* em que, segundo a académica, o autor mistura diferentes estilos e vozes de narrativa que é “uma delícia de se ler”. “O seu estilo de realismo-mágico ao sabor chinês é uma crítica ácida à distorção moral em que o país do Meio está mergulhado.”

As traduções de Mo Yan foram propostas a Márcia Schalmzt logo após a láurea do Nobel de Literatura pela editora Cosac Naify (Brasil) e o Instituto Cultural de Macau (IC).

O PROCESSO

Para Lili Han o maior desafio não é apenas o trabalho de tradução mas também o de identificação do tradutor com autor e obra. “Sabemos que a escrita de uma pessoa revela as próprias características, e traduzir um texto e fazer investigação ajudam a aproximarmos à mentalidade do autor, e apenas daí vem a reprodução da mesma mentalidade e sabor”, explica Lili Han. “É de referir que nenhuma reprodução podia ser igual ao original, porque



esta reprodução é também nova criação de tradutor. Comparo um tradutor/uma tradutora à Cinderela com os sapatos de cristal, sendo as suas ‘pegadas’ reveladoras da transformação. Todo o meu trabalho preparativo foi para procurar ‘os sapatos de cristal’ para poder entrar no palácio textual de Eça.” A fidelidade é uma questão antiga no meio literário e das discussões filosóficas dos Estudos da Tradução. “No último período, muitas vezes diz-se como uma tradução estrangeirizante ou domesticante. Sou da opinião que o tradutor como mediador entre duas culturas tem que encontrar a exacta medida para transpor o estilo e o conteúdo de uma língua a outra”, defende Márcia Schalmzt. “Esta tarefa não é fácil, exige do tradutor a experiência tanto na leitura como na escrita das línguas envolvidas.”



Para a académica, que nasceu em Porto Alegre (Brasil) e viveu seis anos em Taiwan, o tradutor tem necessariamente de ser um ser intercultural, que ao traduzir tem que ponderar o género do texto, a intenção do autor e o perfil dos leitores como a idade, situação económica e contexto político.

POESIA A QUATRO MÃOS

Stella Lee, que se dedica à pesquisa literária e linguística na Biblioteca Central de Macau, ajudou Fernanda Dias a traduzir Gao Ge: *Poemas* (Instituto Português do Oriente, 2007) e *Poemas de Uma Monografia de Macau* (COD, 2008) do chinês para o português. “Eu sei falar chinês e português, e há macaenses que também sabem falar as duas línguas, mas para passar uma obra do chinês para o português numa língua poética, numa

linguagem literária, eu acho que não é fácil. Por causa disso, sempre que colaboro com a Fernanda só faço a parte da tradução literal, oral. Explicar bem como é o sentimento do texto em chinês, e depois a Fernanda Dias passa esta imagem para a escrita na sua própria língua, que é o português.”

Poemas de Uma Monografia de Macau (em chinês “Aomen Jilue”) é um relatório sobre Macau escrito por dois delegados do Imperador, Yin Guan-ren e Zhang Yulin, que data de 1751. Inclui poemas que são ao mesmo tempo testemunho dos relatos e embelezamento do texto, como descrições de viagens e embaixadas dos oficiais enviados aos países asiáticos com os quais a China mantinha relações na época, encontros e trocas culturais, paisagens, costumes, descrições minuciosas da natureza ou dos mitos. Stella diz que a sensibilidade e os conhecimentos da cultura chinesa de Fernanda Dias foram essenciais. “Por exemplo, na versão chinesa dizia que se tratava de uma planta de cor vermelha, mas o objectivo era exprimir a paixão sobre qualquer coisa. Fernanda Dias utilizou a expressão rubro. Rubro é a mesma cor, mas basta dizer que aquela planta é rubra para sentirmos o significado, sai a imagem. Se traduzíssemos só como vermelho já não havia este forte sentido lá dentro”, explica Lee, que além do português e chinês domina o francês, inglês, e estuda alemão, japonês e russo.

A DIFERENÇA

Existem muitos pontos linguisticamente diferentes entre a língua portuguesa e a língua chinesa, como explica Lili Han. “O português é uma língua discursiva, e o chinês não. É uma língua que sem os verbos, sem reflexões, para dar o tempo passado, para integrar o sujeito, é preciso acrescentar na altura de traduzir”, diz. Para ela uma das principais diferenças é a estrutura das duas línguas, porque o português é sujeito-proeminente, enquanto o chinês é tópico-proeminente. “Vejo o português como uma árvore, que além da oração principal ainda tem gerúndios, orações subordinadas e qualificadores de vários níveis. A tradução para chinês tem que fazer uma ‘poda’ sem deixar de

LÍNGUAS

Para Lili Han o maior desafio não é apenas o trabalho de tradução mas também o de identificação do tradutor com autor e obra. “Sabemos que a escrita de uma pessoa revela as próprias características, e traduzir um texto e fazer investigação ajudam a aproximarmos à mentalidade do autor, e apenas daí vem a reprodução da mesma mentalidade e sabor”



cuidar dos elementos eliminados. Isto significa que a tradução em si própria é uma recriação.” Márcia Schmaltz diz que o que lhe chama sempre mais a atenção, e onde gasta mais energias, são os jogos de palavras em relação aos nomes ou apelidos chineses dos personagens. “Um dos dois competidores à mesa do jogo tinha sido meu professor de matemática, Liu Tianguang, de estatura baixa e com uma boca incrivelmente grande. Dizem que conseguia enfiar todo o punho dentro da boca, mas nunca apresentou esse número para nós. Volta e meia surge como um lampejo no meu pensamento, o professor Liu bocejando na nossa frente: a capacidade de abertura daquela boca era realmente uma cena impressionante. Tinham lhe apelidado de ‘hipopótamo’, mas como nenhum de nós sabia de que tipo de animal se tratava, ao invés de ser chamado de ‘hipopótamo Liu’ referíamos-nos a ele, às escondidas, como ‘sapo Liu’, pois tanto o hipopótamo quanto o sapo têm uma bocarra generosa, e as pronúncias dos dois nomes são parecidas em chinês” (in *Mudança*).

Márcia destaca a importância da contextualização do leitor, porque há muita cultura compartilhada, e nessa altura o papel do tradutor também passa por saber inserir informação sem interferir no texto. Pode utilizar vários recursos como uma pequena nota de rodapé, um pequeno esclarecimento diluído no meio do texto. “Isto é bastante desafiante porque nós não podemos interferir no texto e saber onde é que tem de entrar, até onde pode entrar o tradutor.”

O QUE FALTA E O QUE VEM

Lili Han já traduziu alguns poetas portugueses de português para inglês, com a ajuda do professor Christopher Kelen. Poetas portugueses que escreviam em Macau e sobre Macau como Alberto Eduardo Estima de Oliveira, António Correia, Camilo Pessanha, Carlos Marreiros, Carlos Morais José, Eugénio de Andrade, Fernanda Dias, Fernando Sales Lopes, Jorge Arrimar, sendo que os poemas traduzidos estão agora incluídos na *Antologia de Poetas Portugueses de Macau* (2010).

Porque decidiu dedicar-se ao português? “É complicado explicar o motivo. Tinha estudado o inglês na Universidade de Pequim durante os primeiros dois anos universitários, no terceiro ano fui escolhida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros para estudar o português na UMAC e a partir deste ponto de viragem o português tornou-se uma língua indispensável na minha vida”, confessa, e não hesita em responder quando lhe perguntamos que autor(es) faz falta traduzir do português para o chinês: Sofia Mello Andresen e Fiamma Pais Brandão.

Márcia Schmaltz gostava de traduzir um romance de Mo Yan, mas admite que é complicado, porque os romances chineses são robustos e a nova tendência do mercado editorial é de romances rápidos, que não ultrapassem as 300 e 400 páginas. Da safra de autores contemporâneos, considera que faz falta passar para o português autores como Wang Shuo e Bi Feiyu. “São autores que despontam no cenário da literatura chinesa, somado a autores da velha guarda como Jia Ping’ao, Shen Zhongwen, Sun Li e Wang Cengqi. O lirismo da escritora taiwanesa San Mao, falecida em 1991, também teria uma óptima recepção pelos leitores de língua portuguesa”, diz. E Macau reúne as condições ideais para fazer este trabalho. “No último período iniciativas estão sendo tomadas para potencializar essa vocação como Festival Literário de Macau - Rota das Letras.”

A autora lembra que o Mestrado de Estudos da Tradução da Universidade de Macau (UMAC) lançou recentemente a colecção *Tradução de Clássicos da Literatura Brasileira*; que um grupo de alunos traduziu para o chinês *O Homem que Sabia Javanês* de Lima Barreto (1881-1922); e que será ainda lançado este

ano *Laranja da China* de António Alcântara Machado (1901-1935). Até ao final do ano saem ainda *Macário* de Álvares de Azevedo (1831-1852) e *Dentro da Noite* de João do Rio (1881-1921).

A título pessoal, Schmaltz publicou em Julho *Deixe-me em Paz* (Geração), de Murong Xuecun, e planeia lançar *Contos Taoístas*, em parceria com o escritor Sérgio Capparelli. “Contudo, mais iniciativas de fomento [à tradução] são necessárias”, nota. A tradução do clássico da literatura chinesa *Sonho do Pavilhão Vermelho*, de Cao Xueqin, é “o projecto de vida” da tradutora.

A título de curiosidade, fica uma última nota. Mo Yan foi um dos poucos laureados até hoje a fazer um agradecimento aos seus tradutores no discurso da cerimónia de entrega do Prémio Nobel, em Dezembro de 2012. O escritor terá dito: “Muitas vezes eu penso que a atividade de tradução é mais árdua do que a escrita do original. Dispendi apenas 43 dias para escrever *Cansado de Viver e Morrer*, enquanto a sinóloga Sueca Chen Anna levou seis anos para traduzir o livro. Ontem à noite, quando um amigo pediu para eu autografar o livro traduzido pela Chen Anna, hesitei por um tempo, pensava se deveria ou não autografar. Finalmente autografei o livro, mas deixei um espaço em branco reservado para a tradutora assinar também. Por isso, eu gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos os tradutores e sinólogos do mundo que traduziram a minha obra, e manifestar o meu reconhecimento por, através de sua actividade, divulgarem a literatura chinesa para outros países” (in *Nuobei'er wenxuejiang zhi lü - A grande cerimónia: uma viagem da premiação do prémio Nobel de Literatura*, Taipei: Tianxia Wenhua, 2013, p. 67-68). ●



THE ROLLING STONES

9 de Março

Cotai Arena, The Venetian

A última vez que pisaram solo chinês foi no HarbourFest de Hong Kong em 2003. A banda dispensa apresentações - são um fenómeno de longevidade combinada com sucesso repleto de êxitos que fazem parte do repertório desta digressão *14 On Fire*, como *Gimme Shelter*, *Paint It Black*, *'Jumping Jack Flash*, *Tumbling Dice* e *It's Only Rock 'N' Roll*. Mick Jagger, Keith Richards, Charlie Watts e Ronnie Wood chegam a Macau depois de 19 espectáculos nos Estados Unidos e dois concertos esgotados no Hyde Park de Londres no ano passado.

É a celebração de cinco décadas de carreira que vai contar com a participação do antigo membro da banda Mick Taylor, que participou nos clássicos álbuns *Let It Bleed*, *Sticky Fingers* e *Exile on Main St.*, e versões de temas de outros artistas. Com capacidade para receber 15 mil pessoas, a Cotai Arena vai ser preparado

a preceito para o concerto dos gigantes do rock com um palco em forma de boca com a língua de fora, imagem de marca da banda, e um *Tongue Pit* no palco que dará a alguns fãs a oportunidade de uma experiência a 360 graus do concerto.

Os Stones foram recentemente distinguidos com o prémio *New Musical Express* para a Melhor Banda ao Vivo, em Londres. Nos últimos dois anos, a banda lançou o livro *50*, o documentário assinado por Brett Morgen *Crossfire Hurricane*, o registo em DVD dos espectáculos em Londres no ano passado, *Sweet Summer Sun - Hyde Park Live*, e o álbum de grandes êxitos *GRRR!* - mais um, acrescentado à lista de mais de quatro centenas entre gravações em estúdio, ao vivo e compilações. Além de Macau os autores dos míticos temas *Satisfaction* e *Star Me Up* vão dar concertos em Tóquio, na Austrália e na Nova Zelândia, entre outros por anunciar.

ORQUESTRA SINFÔNICA DE LONDRES

5 de Março
Centro Cultural de Macau

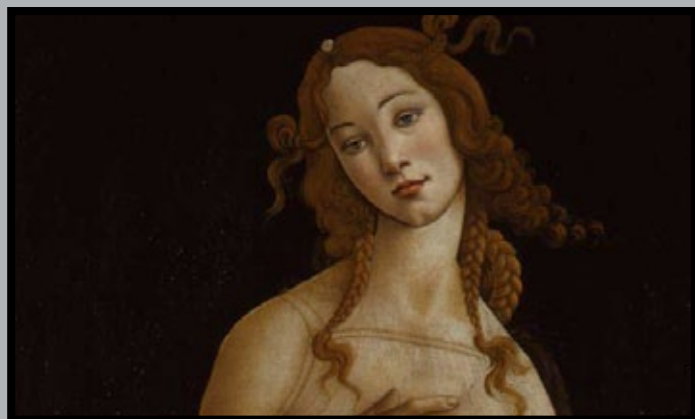
A última vez que pisaram solo chinês foi no Faz parte da programação do 15.º aniversário do Centro Cultural de Macau e é a estreia na cidade daquela que é uma das mais conceituadas orquestras do mundo. Dirigida pelo maestro Daniel Harding, o grupo apresenta clássicos como *Petroushka*, um conto trágico de Stravinsky; a desafiante *Sinfonia Titã* de Mahler e uma rara versão original do poema sinfónico de Mussorgsky *Uma Noite no Monte Calvo*.

A Orquestra Sinfónica de Londres faz mais de 120 concertos por ano, muitos deles fora da base do grupo que é o Centro Barbican, em Londres, e é líder na gravação de temas para filmes e televisão, tendo sido escolhida

como orquestra oficial dos Jogos Olímpicos de Londres em 2012. Fundada em 1904, já interpretaram com a Orquestra Sinfónica de Londres solistas, maestros e músicos de renome internacional como Valery Gergiev, Michael Tilson Thomas, Daniel Harding, André Previn, Leonidas Kavakos, Mitsuko Uchida e a pianista portuguesa Maria João Pires, que dá dois concertos em Hong Kong dias 20 e 21 de Fevereiro com a Orquestra de Câmara Escocesa. Além dos espectáculos a orquestra tem programa de educação comunitária, o LSO Discovery, uma editora, a LSO Live, um centro de educação musical, o LSO St. Luke's, além do trabalho pioneiro e inovador que tem feito no campo da música digital. Também gravou recentemente as bandas sonoras de filme como *Twilight: New Moon*, *Tamara Drewe* e *Harry Potter and the Deathly Hallows*, e lançou a primeira orquestra online do mundo, a YouTube *Symphony Orchestra*.

ROLLING STONES





VÊNUS DE BOTTICELLI: VIDA E TEMPO DE UMA DEUSA

Até 16 de Fevereiro
Espaço de Arte da MGM

São duas inaugurações numa só. O novo Espaço de Arte do MGM Macau abriu portas com uma mostra retrospectiva da vida e carreira de Sandro Botticelli, com especial enfoque para a obra prima do artista florentino. É a primeira vez que a *Vênus* (1482) original é exibida no território, uma das obras mais importantes do período renascentista durante aquela que foi a Idade de Ouro das artes e da essência do renascimento artístico. Na mostra é apresentada a energia criativa na arte, política, sociedade e ciência da época através da pintura, moda, escultura e elementos multimédia contemporâneos, quer com objectos originais quer com reproduções em alta resolução.

Na primeira parte da mostra pode assistir a uma visão do

povo de Florença através de retratos e figurinos, o papel do retratista na sociedade, as preocupações naturalistas e aquela que foi a arte que revolucionou o mundo ao indicar uma nova forma de descobrir a luz, o espaço e as formas. Inclui quadros da época, em tamanho real, de artistas como Rafael, Piero della Francesca e Bronzino. Na segunda parte pode fazer uma viagem através da vida de Botticelli, desde os primeiros trabalhos às pinturas religiosas e obra mitológica, com imagens cedidas por algumas das mais importantes galerias europeias. A *Vênus*, cedida pela Galeria Sabauda, em Turim (Itália), é a personagem central das célebres *Primavera* e *O Nascimento de Vênus*, produzidas na época com o patrocínio da célebre família Medici ao longo do século XV.

Toda a mostra no MGM conta com o apoio do Consulado Geral da Itália em Hong Kong e Macau, o Instituto Cultural italiano, o Ministério do Património Cultural, Actividades e Turismo de Itália e a Direcção Regional do Património Cultural e Paisagístico de Piemonte.

EXPOSIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA BORDERLESS ARTS

Até 8 de Fevereiro
Galeria da Fundação Rui Cunha

Como tem vindo a ser habitual, a Art For São 17 obras de arte de membros da associação artística *Borderless Arts*, nomeadamente CM Hong, João Jorge Magalhães (SAH), Hsinlung Lai, Crystal Wong, Gretchen Elittle, Lei Ieng Wai, Justin Chiang, Catherine Cheong, Grace Yeu, Fan Sai Hong, Jet Wu, Kawaii Wong, Fernando Simões, Judy Lei e Chen Ren Hou. A mostra também inclui uma selecção de dez estudantes de escolas locais, escolhidas por um júri constituído por sete profissionais da área - Carla Mendes, Carlos Canhita, Lúcia Lemos, Andre Lui, Chihong Choi e os artistas Gigi Lee e João Magalhães, representantes da *Borderless Arts*. O objectivo da iniciativa é encorajar as gerações mais jovens a envolverem-se com a criação de arte contemporânea, dando a oportunidade de trocarem experiências criativas com artistas de estrangeiros. A *Borderless Arts* foi fundada em 2008 e esta é a quinta exposição colectiva organizada pelo grupo.

PURA AFEIÇÃO - OBRAS DE CANAL CHEONG JAGERROOS

De 12 de Fevereiro a 15 de Março
Galeria Fundação Rui Cunha

A mostra assenta no conceito de entusiasmo em relação à vida e à mudança que liga o reino material e imaterial no mundo. Trata-se de uma série de símbolos e metáforas que, segundo a pintora, exprimem o que traz o esplendor da tranquilidade e da harmonia. Canal Cheong Jagerroos nasceu e cresceu em Macau,

integrou a Associação de Arte de Macau, formou-se na Academia de Arte Pura de Cantão e estudou Design Gráfico na Universidade de Hong Kong. Mas nos últimos 20 anos a artista viveu também em Xangai, em França, na Suíça, em Itália, em África e na Finlândia, por isso mesmo a pintura de Jagerroos reflecte os elementos básicos e aprendizagens resultantes dessa experiência multicultural, ao mesmo tempo que os fundamentos da pintura tradicional chinesa que lhe foram ensinados pelo pai.

A maioria das pinturas da artista é inspirada pelas antigas filosofias chinesas, poemas, natureza e estações do ano, mas Jagerroos explora precisamente a dicotomia entre o antigo o mundo moderno.

Nas obras expõe motivos simbólicos chineses antigos e elementos contemporâneos, misturando o passado com o presente. A maior parte é feita em camadas múltiplas de papel de arroz com acrílico, tinta, pigmentação chinesa e outras técnicas criativas, sendo que depois incorpora tudo usando diferentes meios para obter a sensação de profundidade nas telas.

Desde 1986, Canal Cheong Jagerroos participou em mais de 40 exposições, colectivas e individuais, expôs em feiras de arte da Finlândia, Macau, Hong Kong e França a Itália, Áustria, Reino Unido e Estados Unidos da América. No ano passado participou na 55.ª Bienal de Arte de Veneza juntamente com um grupo de artistas internacionais.

GOSTO E ESSÊNCIA: UMA EXPOSIÇÃO ESPECIAL DE RELIQUIAS DO CHÁ CHINESAS E OCIDENTAIS

Até 9 de Março
Museu de Arte de Macau

Como o próprio nome indica, é uma exposição consagrada ao chá que mostra uma ecléctica variedade de quase 170 peças e conjuntos de relíquias da cultura do chá, pertencentes às colecções do Museu do Palácio e do britânico Victoria and Albert Museum. Desde os Chás Tributo, oferecidos aos imperadores e corte imperial, com a descrição da origem, tipo, forma e benefícios para a saúde; às secções de Bules Antigos, onde se destaca a fase de prosperidade económica e cultural da dinastia Tang que ajudou a impulsionar a feitura de uma ampla variedade de bules, entre outros exemplares de outras épocas em materiais como a porcelana. Também curiosidades como as Lutas de Chá do final da Dinastia Song, as inovações da Dinastia Qing em termos de utensílios, o surgimento do chá com leite, a cerimónia do Chá do Imperador Qianlong retratada na pintura, os bules de barro de Yixing e, finalmente, o Chá no Ocidente, nomeadamente a introdução em países como a Grã-Bretanha na década de 1630, mantendo-se até aos dias de hoje como o maior importador de chá do mundo.





PORTUGAL, A CHINA E A "QUESTÃO DE MACAU"

Francisco Gonçalves Pereira
IPOR, 2013

Foi lançado em Macau pelo Instituto Português no Oriente (IPOR) e a Associação dos Advogados de Macau com o título 中葡與澳門問題. É a versão em chinês da obra do falecido advogado e investigador que pensou Macau nas vésperas da transferência de administração para a China. Reúne reflexões com duas décadas, da época em que Francisco Gonçalves Pereira foi pioneiro a escrever sobre o poder informal da República Popular da China (RPC) junto da Administração, e antecipou a possível erosão do papel da Assembleia Legislativa. O livro foi editado originalmente em 1995 e reeditado em 2010. É um trabalho de investigação sobre o estatuto jurídico-político de Macau ao longo da sua história até 1999, cuja edição em chinês faz parte do plano do IPOR de reforçar o papel pendular entre aquilo que é a especificidade de Macau, Portugal e a China. A obra também assinala os dez anos sobre a morte do autor que chegou a Macau em 1982, o mesmo ano em que a RPC promulgou a Constituição que diz que o país pode estabelecer regiões administrativas especiais.

QUINHENTOS POEMAS CHINESES

Vários autores
Livros do Meio, 2013

O ponto de partida é o *Livro das Odes*, de Shi Jing, que terá sido compilado por Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.) que, segundo dizem, o considerava absolutamente essencial. Das mais antigas composições poéticas aos poetas da China contemporânea como Yi Sha, Lan Lan, Duo Yu, Lin Yu Feng e Huang Lihai, esta obra reúne 500 textos com temas que derivam entre a humanidade e a morte, a alegria e o desespero, entre outros. Quinhentos autores chineses foram passados pelo filtro linguístico de vários escritores e tradutores portugueses, de António Ramos Rosa e Jorge de Sena, a Albano Martins, Carlos Morais José e Fernanda Dias. A obra assinala o encontro entre dois povos com a construção de mais esta ponte, mas também homenageia a cultura chinesa e desafia os lusófonos a conhecerem melhor a China. *Quinhentos poemas chineses* foi lançado em Macau pela editora Livros do Meio, em parceria com a Casa de Portugal em Macau, sob coordenação de António Graça de Abreu. Os textos são acompanhadas de ilustrações saídas da pena de Rui Rasquinho e inspiradas na pintura tradicional chinesa.

*DELTA DO RIO DAS PÉROLAS – SHENZHEN:
UMA CIDADE PARA TODAS AS ESTAÇÕES*

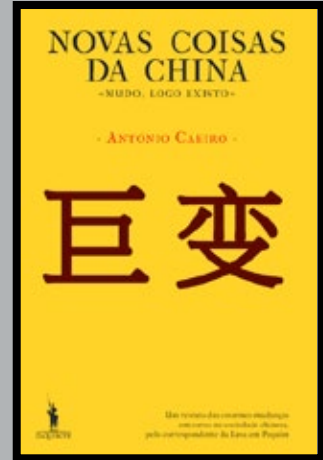
Thomas Chan e Louise do Rosário
MacauLink, 2013

Da história antiga à actualidade socioeconómica e cultural, esta obra revê todo o processo de desenvolvimento da zona económica especial de Shenzhen e a rápida industrialização e urbanização da antiga vila que, em tempos, teve a função política de servir de tampão entre o Continente e Hong Kong, tal como Zhuhai em relação a Macau, em 1999. O livro é uma espécie de guia sobre aquela que é a maior e mais bem-sucedida das zonas económicas especiais da República Popular da China - classificada como “Cidade do Design” pela UNESCO em 2008 -, e a forma como tem servido como modelo e força orientadora para a introdução de reformas económicas por todo o país. Inclui dados actualizados sobre áreas que vão desde o crescimento populacional ao planeamento geográfico, passando por elementos importantes da economia como o imobiliário, a relação com os territórios vizinhos, o investimento estrangeiro e o comércio externo do território, cujas exportações de produtos de alta tecnologia atingiram os 141,2 mil milhões de dólares em 2012.

PONTE DE LUZ

Carmo Correia
2013

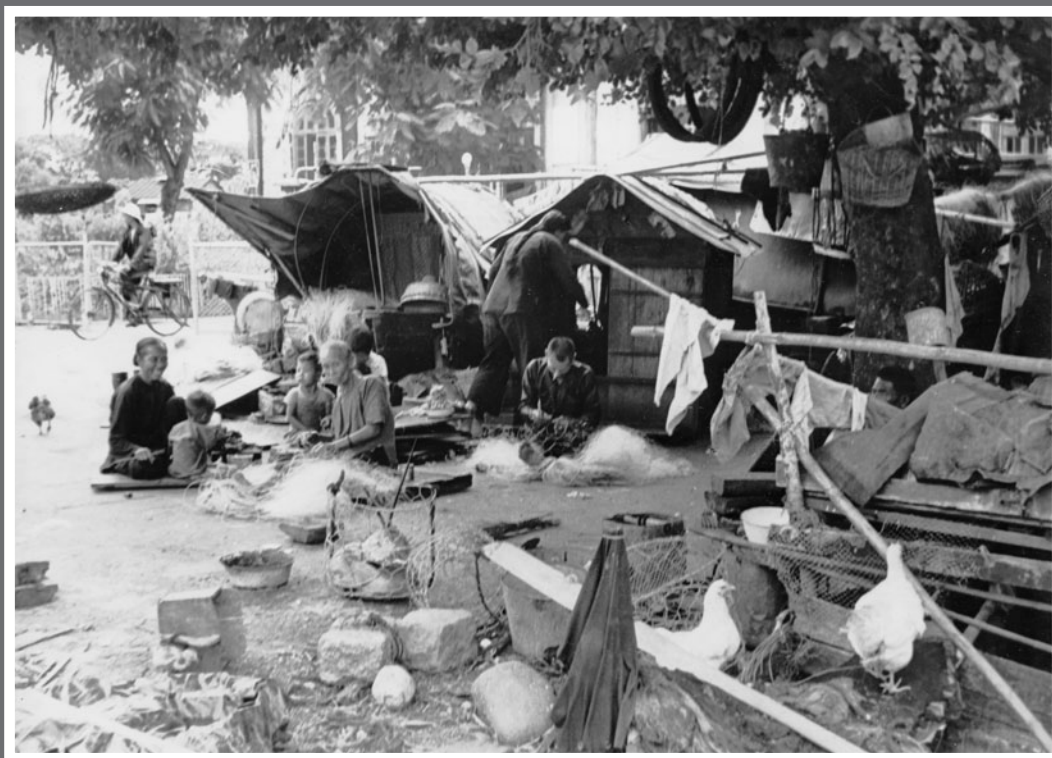
É um tríptico – livro, exposição e documentário. Carmo Correia apresentou o projecto *Ponte de Luz* em Macau, “cidade âncora” dos portugueses na Ásia e da fotógrafa há mais de uma década. Depois de *Sentir o Património* (2007) e *Colors of Culture* (2009), a fotógrafa leva a objectiva além fronteira em busca do património cultural e arquitectónico português na Índia, em Malaca, em Timor-Leste, no Japão, no Sri Lanka, na Tailândia e na Indonésia. São 188 fotografias a preto e branco reunidas numa edição limitada de luxo e expostas na Casa Garden, juntamente com um documentário que acompanha os passos da fotógrafa em alguns desses lugares, realizado pela cineasta Susana Gomes. Além de dois textos do historiador Jorge Santos Alves e do escritor e jornalista Carlos Morais José, cada capítulo abre com um texto de um autor português. Fernando Pessoa tem as honras de abertura, seguem-se outros como Camilo Pessanha, no capítulo de Macau, e Luís de Camões no capítulo do Sri Lanka, onde se podem encontrar imagens da original e misteriosa Ilha da Taprobana. Carmo Correia quis ir além das marcas registadas como igrejas, fortificações, edifícios administrativos e palácios no património edificado, realçando a participação colectiva em celebrações culturais ligadas a Portugal e momentos do quotidiano. O projecto é uma interpretação artística, mais do que documental, que demorou dois anos a completar.



*NOVAS
COISAS DA
CHINA
(MUDO LOGO
EXISTO)*

António Caeiro
Publicações D. Quixote,
2013

Há quase duas décadas que escreve aos portugueses sobre as mudanças na China e a vida dos chineses através da Agência Lusa. António Caeiro chegou à República Popular em 1991 e desde então tem assistido à espiral de mudanças políticas, económicas e sociais que foram transformando o país. Neste livro fala sobre essas mesmas transformações, traçando o retrato de uma realidade que pende entre o sério e o cómico. António Caeiro estudou filosofia em Paris durante a primeira metade da década de 1970 e é jornalista profissional desde 1975.



* Arquivo Histórico de Macau

BAIRRO DO FAI CHI KEI, DÉCADA DE 1960

O bairro do Fai Chi Kei foi até finais da década de 1970 um dos mais pobres de Macau. Habitada sobretudo por pescadores que ali estabeleceram uma aldeia de barracas, a área sofreu avanços consideráveis quando, em 1981, viu concluído dois blocos de habitação social para alojar 240 famílias e acabar com os constantes incêndios que destruíam as barracas. Da autoria do arquitecto português Manuel Vicente, os edifícios vieram então juntar-se a apenas dois prédios do Estado que estavam na zona e iniciaram uma nova fase de desenvolvimento do bairro, dando também um tecto a muitos pescadores que viviam nos seus barcos. O conjunto assinado pelo português foi entretanto demolido em 2011, dando lugar a um conjunto mais alargado de habitação social com 700 fracções.

MACAU 2013

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2013** – Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

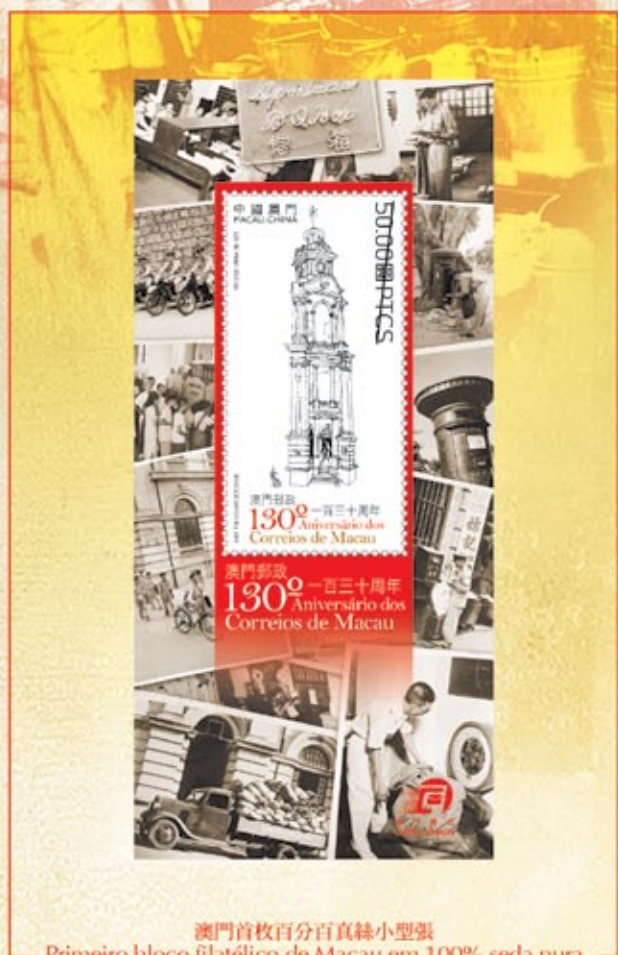
O **MACAU 2013** – Livro do Ano é uma publicação que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2013** – Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios) ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.



Coleccione Selos
de Macau

澳 門 郵 票 收 藏

Collect
Macao's Stamps



澳門首枚百分百真絲小型張
Primeiro bloco filatélico de Macau em 100% seda pura
Macao's first souvenir sheet with 100% genuine silk



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau

• 電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491
• 傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603

• 電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo
• 網址 Website : www.macaupost.gov.mo



齊心如意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios